



PODEROSA

PODEROSA, diário de uma garota que tinha o mundo na mão - Sérgio Klein

Para Elaine, Lúcia, Cecília, Nancy, Mary, Kandy e todas as garotas que têm o mundo na mão.

E se Deus é canhoto

e criou com a mão esquerda?

Carlos Drummond de Andrade, **Hipótese**

Nas entrelinhas da mão

A Literatura deveria ser um ramo da Biologia: trato as palavras como seres vivos que de uma hora para a outra podem decolar do papel e sair por aí, sem autor nem destino. Por enquanto, tenho 13 anos e nenhum livro publicado, mas vivo sonhando em virar escritora e viver da imaginação, que no meu caso detesta ordem cronológica e alfabética e vive adiando o ponto final. Gosto de deixar a mão solta para escrever o que bem entender e pular de um assunto para o outro à vontade, sem me preocupar com data, lógica ou bom senso. Penso em ser roteirista de cinema ou talvez autora de novelas; modéstia à parte, acho que levo jeito pra inventar histórias cheias de surpresas e reviravoltas.

O problema das novelas é o tamanho: haja paciência pra aturar a mesma história durante meses! Não sei como minha mãe agüenta engolir tantos capítulos sem saber quem vá terminar com quem, quem é o autor das cartas anônimas ou como morrerá a megera que espalha veneno na vida das outras personagens.

Meu pai também curte novela. Finge que não, mas curte. Fica lá, sentadinho na sala, com um jornal na frente do rosto, e de vez em quando dá uma olhada por cima das notícias para conferir a telinha.

Outro dia, a minha mãe perguntou por que ele não fazia dois furinhos no jornal, um pra cada olho. Assim, poderia ver a novela sem ter de baixar o jornal. Meu pai se enfezou com a brincadeira, disse que não podia nem ler em paz e saiu da sala mais azedo que o dono da imobiliária da novela das oito. Mas antes amassou o jornal, esticou o dedo e falou que toda novela só deveria ter um capítulo, o último, que é quando acaba a rotina.

Como futura escritora, achei a sugestão bastante interessante: novela com um único capítulo ficaria menos cansativa, sem contar que poderia faturar mais ibope. Mas a minha mãe não



achou nenhuma graça. Na verdade, ela começou a chorar, só que em silêncio, o olho pregado na tevê como se estivesse emocionada... com uma propaganda de sabão em pó!

Professora de História na faculdade, minha mãe é especialista na vida e obra de Joana d'Arc - especialista, tiete e devota. No curso de doutorado, ela defendeu a tese de que a padroeira da França tinha sido a primeira feminista da história e recebeu a nota máxima, apesar de enfrentar uma banca examinadora composta apenas por homens. Mas, ao contrário da santa guerreira, minha mãe só é feminista da boca para fora e da porta da sala de aula pra dentro. Esse papo de mulher independente, dona do próprio nariz arrebitado, não funciona lá em casa. Diante da família, ela se comporta como uma esposa passiva e resignada, que se limita a resmungar pelos cantos da casa (existe pior forma de silêncio?) quando o maridão deixa a toalha no chão do banheiro, passas as noites de sábado jogando futebol com os colegas da clínica ou esquece o aniversário de casamento.

Ao saber que estava grávida de uma menina, minha mãe decidiu me dar o nome da santa. Meu pai não gostou da idéia: fazia questão de que a primeira filha se chamasse Dalva, como a mãe dele, que tinha morrido recentemente e merecia uma homenagem. Depois de muita discussão e palpites da família inteira, meus pais fizeram um pacto esdrúxulo e me batizaram com esta obra prima: Joana Dalva! Mas foi apenas uma trégua. Minha mãe não se entendia com a sogra e só me chama de Joana, enquanto meu pai, por pura birra, insiste em me tratar por Dalvinha.

Não sei se foi nessa época que começaram as brigas, mas cismeiei que a escolha do meu nome ajudou a estragar o casamento dos meus pais. Para me livrar dessa culpa, adotei uma atitude radical: um dia, no meio do almoço, quando os dois trocavam alfinetadas por causa do tempero do bife, subi em cima da cadeira e prometi que dali pra frente eu iria escovar os dentes depois das refeições e passar fio dental e arrumar a minha cama e comer verduras todos os dias, incluindo brócolis e domingos, e não me esquecer de apertar a descarga nem deixar a luz do banheiro acesa nem beliscar o meu irmão se ele comesse a me imitar. Eu parecia uma política em plena campanha, candidata ao cargo de filha perfeita.

No fundo, não sei se teria paciência pra cumprir todas aquelas promessas, por isso fiquei superaliviada quando meu pai (que é dentista, por isso falei em escovar os dentes e passar fio dental) me pediu pra sentar, passou a mão no meu queixo e disse que não era por minha culpa que ele e mamãe discutiam.

Pela primeira vez em muito tempo, os dois estavam de acordo.

Minha mãe explicou que ninguém tinha culpa de nada, acontece que muito casais passam por crises, isso não é nenhum fim do mundo.

Logo depois, mudou de assunto e falou que era melhor a gente comer tudo, pois só iria ganhar sobremesa quem raspasse o prato e não deixasse pra trás nem um grãozinho de arroz.

E que sobremesa: pudim de leite condensado com cobertura de caramelo!

Seria hora de ficar calado, sonhando com o pudim em silêncio, mas o intrometido do Xandi (o nome do meu irmão foi uma homenagem a Alexandre, o Grande) fez a gentileza de perguntar: "Crise? Que bicho é esse?". E acabou reacendendo o combate entre Dr. Nélon e Profª Sônia, cada um falando mais alto que o outro pra ver quem explicava melhor o sinônimo de crise conjugal.

Quando quer apressar a sobremesa, meu irmão costuma esconder a comida debaixo da folha de alface ou então empurra o resto para o prato da vó Nina. Mas nesse dia inventou uma tática mais ousada - e também muito mais nojenta! Meu estômago gritou eca e quase virou do avesso quando ele encheu o garfo com arroz, feijão, bife e foi derramando tudo dentro dos bolsos do casaco. É isso mesmo: o maluco escondeu o almoço no uniforme! E depois ainda teve a cara-de-pau de exibir o prato vazio, passar guardanapo na boca e pedir a minha mãe pra trazer a sobremesa.

Foi aí que aconteceu a catástrofe do dia! Quando a minha mãe voltou da cozinha, equilibrando na bandeja o trêmulo pudim, Xandi cismou de perguntar se ela e o pai estavam se separando. É ou não é pra perder o apetite? Acho que o meu pai alguma coisa, mas ele se engasgou e disparou a tossir. Minha mãe ficou tão nervosa que deixou cair a bandeja - uma peça de cristal caríssima, presente de casamento.

Meu irmão percebeu que tinha dado um fora e tratou de fugir da mesa. Mas não foi longe.

Depois de escorregar numa poça caramelada, ele bateu a cabeça na quina da estante e desabou de costas no sofá, derramando na almofada o almoço escondido dentro do casaco.

O acidente rendeu três pontos na testa e uma semana sem *videogame*.

O sonho de consumo de todo garoto (pelo menos da minha sala) é ter uma barba de profeta. As irmãs de alguns colegas me contam que eles perdem horas na frente do espelho, lambuzando as bochechas de creme e passando a gilete de um lado para o outro, na esperança de ver brotar os primeiros fiapos. Até mesmo o meu irmão, com seus ridículos oito anos, usa o aparelho de barbear do meu pai pra tentar antecipar a adolescência.

Pra nós, meninas, a coisa é bem mais complicada. Não adianta comprar uma gilete e raspar pernas e axilas, isso não vai fazer você sentir que está virando mulher. Comigo, pelo menos, não funcionou. Uma vez fui com a minha mãe ao salão da Salete e tanto pedi e insisti que acabei fazendo uma depilação com cera quente. Aliás, com cera pelando. Só de lembrar me dá vontade de ligar o ventilador! Além de ganhar um hematoma na virilha, tive de tomar um analgésico.

Mas, como eu ia dizendo, não é de uma hora pra outra que a gente deixa de ser menina. A professora de Literatura explicou que a adolescência é um festival de hormônios e garantiu que não existe uma idade certa para a primeira menstruação: na maioria dos casos, isso acontece entre os 9 e os 14 e depende de fatores genéticos, psicológicos, sociais... e até do que a gente come. Quando ela disse isso, me deu vontade de levantar o braço e perguntar se existe alguma dieta especial pra quem quer ficar menstruada: no fim do ano faço 14, e até agora nada. Nem uma gotinha!

Acho que a professora Clarisse sacou a minha neura, porque no fim da aula ela olhou direto pra mim e falou que ninguém deveria se estressar se a menstruação ainda não tinha vindo. E muito menos fazer comparações. Tudo bem, ela estava com a razão, cada garota tem a sua história e coisa e tal etc. e silva. Mas não consigo deixar de sentir inveja da Leninha, três meses mais nova que eu e menstruando amazonicamente, com direito a aumento de mesada pra comprar uma bolsa de grife onde guardar o pacote de absorventes. Até TPM ela tem, olha que luxo!

Se um dia eu virar escritora, vou transformar a Leninha em personagem e escrever um conto sobre o dia em que ela ficou menstruada. Na verdade, foi bem no meio da noite. Ainda não tinha amanhecido quando ela acordou de um pesadelo, acendeu o abajur e viu uma mancha no lençol. Aí disparou a gritar, pensando que tinha sido vítima de um psicopata assassino especializado em adolescentes sardentas. Na época, tinha um maluco desses solto por aí, tipo *serial killer*, e a cidade inteira estava de sobreaviso. O pai da Leninha pulou da cama e entrou no quarto da filha pronto pra pegar p tarado. Ao descobrir o motivo da gritaria, deu graças a Deus e foi ao quintal pra colher uma rosa. Dali a pouco, voltou ao quarto da Leninha pra entregar a flor e o café-da-manhã, que incluía queijos, iogurtes, frutas e geléias. E tudo isso servido em bandeja de prata forrada com toalha de renda. Ai, ai, existe pai mais romântico?

O problema é que a Leninha é muito infantil e não liga pra essas delicadezas. Tão infantil que no dia seguinte, quando ganhou da mãe um pacote de absorventes, achou que aquilo podia servir de brinquedo. Depois de colocar um dentro da calcinha, pegou os outros nove e fez um colchão pra forrar a caminha da Barbie.

A Salete, manicure, vive falando mal dos homens. A teoria dela é simples: homem não presta e ponto final. Os raríssimos exemplares que prestam só têm duas utilidades: matar barata e trocar lâmpada; não é a toa que as mulheres preferem homens mais altos.

Talvez a Salete fale desse jeito porque foi abandonada pelo marido. O cara é um desses parasitas que têm alergia a todo tipo de trabalho, até mesmo os pequenos serviços domésticos, como apertar parafusos e trocar lâmpadas. E, pra completar, morre de medo de barata! Ele sempre andava com um jornal debaixo do braço pra fingir que estava procurando emprego, mas sua única preocupação era jogar charme em cima das freguesas do salão. Resumindo a história: um dia, ele se mandou com uma pedicure, levando todo o dinheiro do caixa e o cartão de crédito da literalmente pobre da Salete.

Ela ficou alguns dias de cama, consumiu um contêiner de lenços de papel, até pensou em fechar o salão e voltar para o interior. Mas a depressão terminou quando Salete viu na televisão uma reportagem sobre os estragos que o choro provoca no organismo, como rugas, estrias e cabelos brancos, sem falar que faz os seios desabarem e deixa a pele oleosa e sujeita a espinhas.

Salete foi até o espelho do banheiro e perguntou pra sua imagem: "Quer saber de uma coisa? Esse infeliz não merece o nosso sofrimento. Nenhum homem merece". No dia seguinte, acordou bem cedo, tomou um banho caprichado e chegou ao salão assobiando. Passou mais de ano trabalhando feito escrava, sem domingo nem *shopping* nem cinema, até pagar toda a dívida externa deixada pelo parasita. Mas aos poucos conseguiu dar a volta por cima e, de grão em grão, multiplicou a freguesia e acabou se tornando a proprietária do salão mais chique e

concorrido do bairro. Pra marcar hora, é preciso ligar com dias e dias de antecedência. E o telefone vive ocupado. Quando a gente consegue ser atendida, a secretária Mariângela atende com voz de secretária eletrônica: "Bom-dia, salão da Salete! Quem deseja?". Minha mãe sempre vai ao salão depois de brigar com o meu pai. Eu pensava que o desejo dela era se sentir mais bonita, mas depois descobri que isso não tem nada a ver com vaidade. É claro que ela aproveita pra dar uma geral nas unhas, tirar as cutículas e passar um esmalte básico. Mas o que quer mesmo é conhecer as surpresas do destino: Salete, além de manicure, tem talento de cigana e lê a palma da mão. As freguesas pagam pelas unhas e, de brinde, ganham notícias do futuro.

Foi pra saber o futuro do seu casamento que minha mãe ligou para o salão, na tarde do dia em que quebrou a bandeja de cristal. Aliás, tentou ligar. Por mais que batucasse nas teclas, não conseguia acertar o número e veio me pedir ajuda - antes que perdesse de vez a paciência e jogasse o telefone pela janela.

Já estava saindo fumaça da minha orelha quando Mariângela finalmente atendeu e disse que só tinha vaga no fim da semana, mesmo assim por causa de uma desistência de última hora. Tentei passar esse recado à minha mãe, mas ela nem me deixou terminar. Arrancou o telefone da minha mão e berrou que o caso era de vida ou morte, que o casamento dela estava no limite, que se não fosse atendida iria botar fogo no salão.

Minha avó adorava inventar moda na cozinha, acordava cedo pra fazer caminhada e era sócia de um clube da terceira idade onde praticava dança de salão. Mas isso foi antes do derrame, que deletou sua memória e boa parte dos movimentos. Ela chegou a fazer algumas sessões de fisioterapia, mas não tinha paciência pra repetir os exercícios, e tudo o que conseguiu foi reaprender a tomar sopa. Hoje em dia passa o tempo todo na cama, olhando fixo para o teto ou descascando a tinta da parede com as unhas. Só sai do quarto a tiracolo (quase sempre apoiada no meu ombro) e quase não reconhece ninguém.

Uma pessoa nesse estado precisaria de uma babá 24 horas, mas as candidatas que aparecem ou são muito louras ou muito novas ou muito altas ou muito decotadas - enfim, todas têm defeitos imperdoáveis pra uma esposa insegura. Minha mãe alega que está tentando reduzir as despesas da casa. Eu não acredito. Acho que só o ciúme explica tanto sacrifício: não bastassem as aulas na faculdade, ela faz questão de cuidar da minha avó, preparar o almoço e assumir a faxina. Acontece que a Super Sônia não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Então, acaba sobrando pra mim. Como não sei cozinhar nem lavar, minha tarefa é passar as tardes com a vó Nina.

Mas não *aquela* tarde. Quando minha mãe bateu o telefone no gancho e saiu de casa xingando o destino, achei que tinha a obrigação de ir atrás. Pedi à Santa Joana D'Arc que tomasse conta da minha avó, tranquei a porta bem trancada e não esperei o elevador. Desci as escadas pulando os degraus e alcancei a apressadinha na esquina.

Meu pai tinha saído de carro para levar o Xandi ao pronto-socorro, por isso fomos a pé até o sobrado (casa em cima, salão em baixo) onde a Salete mora com o filho.

A caminhada serviu para esfriar a cabeça e esvaziar a raiva da minha mãe: ela entrou no salão dizendo boa-tarde, debruçou-se no balcão e cochichou um pedido de desculpa no ouvido da secretária. Mariângela se levantou e foi chamar a patroa.

Eu tinha me preparado pra tomar um chá-de-cadeira, mas Salete sentiu que minha mãe queria colo e não economizou gentileza: levou a gente para o sofá, mandou servir o cafezinho e disse que não iria demorar.

A freguesa da vez, uma tal de Sueli, narrava com todos os detalhes a sua mais recente cirurgia plástica. O que me interessava saber a quantidade de silicone que tinha injetado em cada peito, quantos dias ficou internada ou qual o preço da diária do hospital? Teve uma hora que fechei os olhos, pra fingir que estava dormindo, e fiquei torcendo pra que algum cientista maluco inventasse o controle remoto de gente: um pequeno instrumento portátil que coubesse numa *pochette* e tivesse as mesmas funções de um controle remoto de tevê. Apertando a tecla "mudo", eu poderia tirar as vozes do meu pai e da minha mãe toda vez que eles comessem a brigar. A tecla "pause" congelaria os gestos de Xandi sempre que ele implicasse comigo. E, em casos mais graves, como o dessa freguesa, a solução seria dar um clique no botão de desligar. Pensando bem, talvez um cachorro seja mais eficaz que esse controle remoto - ainda mais um vira-lata do tamanho do Frederico, que entrou latindo no salão e matou a Sueli de susto. Salete ainda não tinha terminado o serviço, mas a perua deu um pulo da cadeira e foi embora tão assustada que nem se lembrou de pagar.

É horrível definir uma pessoa com apenas uma palavra, mas se eu tivesse de escolher um adjetivo para o filho da Salete... Calado? Não, não. Calado é pouco. Talvez mudo. Júnior não abre a boca nem para bocejar. Faz um tempão que a gente é da mesma sala, acho que desde sempre, mas nunca rolou nenhum papo sério - só oi, tchau e mais nada. Nas poucas vezes que puxei assunto, ele respondeu com monossílabos (átonos) e não tirou os olhos do chão. Salete disse para minha mãe que o silêncio de Júnior é uma defesa contra a indiferença do pai. Depois que o tipo fez o favor de arrumar as trouxas e sumir de casa, o garoto se sentiu mais solto, entrou para o time de futsal da escola e passou a freqüentar as festas da turma. Mas nem por isso perdeu a timidez. Ele quase morre de vergonha das freguesas e só entra no salão em último caso - quase sempre pra buscar o cachorro, que vive pulando o portão do quintal. Foi o que aconteceu depois que o Frederico rosnou para Sueli. Dava pena ver o pobre do Júnior no meio daquele harém, correndo atrás do vira-lata. Quando os lábios do garoto começaram a tremer, eu achei que fosse de nervoso. Ou será que estava rindo de mim?

É, porque a minha situação era mesmo engraçada. Frederico deu uma volta pelo salão, farejando sandálias e tornozelos, pulou no sofá e se instalou no meu colo. Se fosse um animal pequeno, tudo bem, mas como ninar um cão do tamanho de um *pit bull*? Júnior percebeu o meu pânico e explicou que o cachorro não era bravo, não, ele só tinha escolhido o meu colo porque gostava de mim. O elogio me deixou mais tranqüila. Em câmera lenta, arrisquei um carinho e ganhei, em troca, uma lambida no pescoço.

Logo em seguida, Júnior estalou os dedos e tirou Frederico de cena. Salete pediu desculpa pela confusão e sentou ao nosso lado no sofá. Minha mãe foi direto ao assunto, narrando o almoço em detalhes: a discussão com o meu pai, prato de cristal quebrado, o pudim esparramado na cozinha e a testa arrebitada do Xandi. Tudo isso, é claro, cochichando, pra escapar aos ouvidos sensíveis das freguesas. Por fim, mostrou a palma da mão e pediu pra saber o que estava escrito na linha do amor. Ou do que tinha sobrado do amor.

Nesse instante, me lembrei da vó Nina, completamente sozinha no apartamento. E se ela quisesse ir ao banheiro? Se sentisse fome? Se tivesse um daqueles ataques de tosse que nasciam como um inocente pigarro e terminavam com a boca roxa? Pra me distrair, peguei uma revista. Comecei a folhear a vida dos artistas e notei que a dona do salão também estava interessada... Mas não nas fofocas da novela. O que chamou a atenção foi a minha mão esquerda, abandonada sobre o braço da poltrona com a palma virada pra cima. Salete ignorou o blábláblá da minha mãe e disse que a linha do meu destino tinha um traçado muito especial. Nunca dei bola pra papo de cartomante, cigana, vidente, bruxa, enfim, essa tribo esotérica que entra em sintonia com o além pra captar energias cósmicas e tentar adivinhar o que vai acontecer depois de amanhã. Sinceramente? Acho que o futuro não é da nossa conta. Se uma garota fica sabendo que tem pela frente uma surpresa maravilhosa, tipo despertar a paixão de um milionário grego ou ganhar sozinha na Mega-Sena acumulada, então passa o resto da vida esperando a fortuna de braços cruzados. Agora, imagine uma previsão catastrófica: um meteoro cairá na sua cabeça, não importa aonde você se esconda. A reação, nesse caso, é parecida: deixar a vida de lado, ficar dia e noite olhando pra cima e levar um susto toda vez que uma pedra bater no telhado.

Apesar da minha careta descrente, Salete me agarrou pelo pulso e passou a unha comprida pela palma da minha mão. Ficou algum tempo em silêncio, com a boca aberta e os olhos úmidos, e confessou que nunca tinha visto um futuro tão... Aí fez um bocadinho de suspense, como se estivesse procurando, no vasto repertório da quiromancia, um adjetivo à altura do meu destino. "Tão o quê?", perguntou minha mãe, temendo que alguma desgraça estivesse à minha espreita na esquina. Tive vontade de rir, mas achei que uma gargalhada podia acabar com aquele clima de incenso indiano. Salete respirou fundo e finalmente revelou que eu era... poderosa!

Minha mãe e eu ficamos à espera: como assim poderosa? Poderosa para fazer o quê? Salete beijou minha mão e afirmou que eu possuía o dom de fazer tudo! As linhas e entrelinhas do meu destino não conheciam limites. Usando a imaginação, eu seria capaz de realizar qualquer coisa.

Os olhos da minha mãe brilharam: "Você está querendo dizer que a Joana poderia, digamos, salvar o meu casamento?".

Salete garantiu que, se eu desejasse, poderia salvar o mundo. Não deu pra falar mais nada, porque tinha chegado a cliente das quatro. Estava na hora da vidente voltar a ser manicure.

Piercing Secreto

Chegando em casa, deparei com o caos: o assoalho do quarto da vó Nina estava brilhando de cacos de vidro. Com certeza, ela resolveu tomar leite e derrubou o copo que eu tinha deixado em cima do criado-mudo.

Enquanto minha mãe corria até a cozinha pra buscar a vassoura e o pano de chão, peguei a vó Nina por baixo dos braços, e lá fomos nós para o chuveiro. Tirei a sua camisola devagar e fiquei reparando nos peitos murchos, quase vazios: os bicos pareciam espinhas, da até vontade de espremer. Em vez de ficar inventando vias e outros combustíveis tipicamente masculinos, os cientistas deveriam se preocupar um pouco mais com as mulheres. Que tal se os laboratórios pesquiassem um silicone mais seguro, sem risco de rejeição ou efeitos colaterais, especialmente destinado ao público da terceira idade?

Minha mãe resmungou que vó Nina não pode ficar sozinha que faz lambança. Pensei em dizer que ninguém entorna um copo de leite de propósito, mas mordi a língua pra evitar confusão. Talvez minha mãe estivesse tão nervosa porque queria notícias do Xandi e o telefone do meu pai não respondia. Assim que terminou de limpar o assoalho, ela me ajudou a ensaboar, enxaguar, secar, vestir e pentear a minha avó.

Foi aí que tocou a campainha. Ao abrir a porta, dei de cara com Leninha e só então lembrei que a gente tinha de fazer o trabalho de História.

O grupo era bem pequeno: além de mim e da Leninha, uma garota chamada Danyelle. Sabe aquela pessoa que se acha dona da verdade? Do tipo que põe a verdade no bolso e não divide com ninguém? Que não presta a menor atenção no que os outros falam, mas capta qualquer errinho de concordância e corrige você na frente de todo mundo? Pois essa é a Danyelle, mais conhecida como Dany. Os idiotas da minha sala ficam babando só porque ela é loura (talvez falsificada), tem a voz um pouquinho rouca (muitos confundem rouquidão com sensualidade) e traz no nome um y metido a besta, além de um l de reserva que não presta pra nada.

Mas a principal razão para tanto ibope é que ela faz de tudo pra aparecer. E o pior é que consegue.

Botar *piercing* virou uma mania comum, muitas colegas aderiram à moda e perfuraram sobrancelhas, narinas, orelhas, umbigo e até a língua. Eu mesma fiquei com vontade de espetar um pingente (presente da vó Nina) no queixo, mas uma espinha me fez adiar os planos; quando a espinha secou, a vontade já tinha passado.

Como eu ia dizendo, a Dany faz questão de ser diferente. Na semana passada, ela entrou na sala de aula atrasada e, sem a menor cerimônia, interrompeu a chamada pra anunciar que tinha colocado um *piercing* secreto. Até o professor ficou interessado: que história era aquela? Ela largou a bolsa em cima da carteira e disse que não podia contar o lugar onde tinha pendurado a argolinha de ouro, senão estragava o segredo.

Imagine o nível de adrenalina dos meninos. E não somente na minha sala: a notícia se espalhou pela escola e foi o assunto da semana. Todo o universo masculino (incluindo professores) sonhava em descobrir em que área proibida pra menores a garota tinha cravado a tal jóia. A curiosidade acabou contaminando algumas meninas, que se esconderam atrás do armário do vestiário, antes da aula de Educação Física, pra tentar flagrar a Dany trocando de roupa. Mas nesse dia ela vestia uma malha por baixo do uniforme.

Aquela história de *piercing* secreto parecia propaganda enganosa, mas Dany garantiu que a argolinha existia e estava muito bem escondida. Pra provar que dizia a verdade, ela botou as mãos na cintura e fez um desafio: quem decifrasse o segredo ganharia o direito de dar um beijo... no local!

Os garotos passaram o recreio em assembléia e, depois de muita discussão, organizaram uma loteria: cada aluno poderia escolher uma parte do corpo, mas só uma. E não valia repetir. Se mais de um aluno escolhesse a mesma parte, então a questão seria decidida na queda-de-braço. O umbigo recebeu o maior número de apostas, derrotando a virilha por apenas dois votos. Essas e outras áreas nobres foram disputadas entre os mais fortes da escola, cabendo ao resto se contentar com as sobras - ninguém tinha muita esperança de encontrar um *piercing* na sola do pé, no meio da coluna ou no céu da boca. Os mais magrelos e/ou baixinhos protestaram contra os critérios de desempate, mas ninguém deixou de apostar.

O suspense só terminou após a última aula da sexta-feira. Assim que tocou o sinal, a sala foi invadida por alunos de todas as séries. Dany levou um tempão pra sair da carteira e subir no tablado, lá na frente, onde podia ser vista por todos. Foi logo avisando que o segredo não estava escondido dentro da calcinha ou do sutiã, como tanta gente pensava. Isso seria muita falta de

imaginação. Sentada na mesa do professor, assobiou pra disfarçar o nervosismo e lentamente tirou o tênis. Por fim, tirou a meia com a ponta dos dedos e mostrou uma minúscula argolinha de ouro pregada... no calcanhar!

Dany tinha inventado essa loteria sensual pra que o ganhador fosse o Luís Augusto. Já pensou como ficaria convencida se o garoto mais bonito da sala, da escola, do país e do planeta se ajoelhasse aos pés dela, na frente de todo mundo, pra lhe dar um beijo no calcanhar? Dizem que no início da semana a oferecida tinha mandado um *e-mail* para o Guto, com uma foto do *piercing* no calcanhar, mas parece que o arquivo continha vírus, ou o computador deu defeito, ou o computador deu defeito, ou a mensagem se extraviou. Enfim, a armação não deu certo. O responsável pela lista de apostas era Marcelo, o representante da turma. Quando ele anunciou o resultado, alguém apontou para a janela e gritou: "Olha lá o sortudo!".

Júnior estava debruçado no balcão da cantina, tapeando a fome com uma empadinha de frango. Só tinha entrado na loteria por insistência dos colegas, mas no fundo sua timidez devia estar rezando pra perder e não ter de passar pelo mico de beijar a garota na frente da multidão. Foi por isso, com certeza, que escolheu o calcanhar, onde uma pessoa "normal" jamais pensaria em enfiar uma argola de ouro.

Ao ver o Júnior se aproximando da sala, arrastada à força pela ala machista morta de inveja, Dany fez uma careta de nojo e contestou o resultado, perguntando se o vencedor tinha escolhido o calcanhar direito ou esquerdo. A lista só trazia duas colunas, uma com o nome do apostador - Júnior - e outra com a parte do corpo escolhida - calcanhar. E, pelo regulamento da loteria, não era preciso escolher o lado. De nada adiantou o Júnior dizer que tinha imaginado o *piercing* pendurado no outro calcanhar. A galera queria ver o circo pegar fogo e botou o menino de joelhos diante de uma Dany fria e irritada, que exigia um beijo rápido e de boca fechada.

A gritaria do pátio (beija! beija!) obrigou Júnior a fechar os olhos e baixar a cabeça para enfrentar o martírio. Mas aí aconteceu o que ninguém imaginava. De repente o coitado se engasgou com a empadinha, começou a tossir e encheu os pés da danny de farelo de frango. Ela fez uma careta de eca e chamou o Júnior de nojento; se ele não sabia dar um simples beijo, então não merecia o prêmio ... que estava, portanto, acumulado.

Foi aplaudida de pé quando prometeu que faria um novo *piercing*, ainda mais secreto. E dessa vez o ganhador da loteria teria direito a dois beijos: um no local e outro na boca!

Não sei por que perco tempo falando da Dany. Ela não merece que um parágrafo curto, talvez apenas um comentário sem adjetivos, mas é difícil engolir calada a arrogância dessa garota. Acho que eu me sentiria melhor se pudesse conversar com uma amiga. Mas quem? Leninha só sabe aconselhar as suas bonecas e minha mãe já tem problemas de sobra pra me emprestar o ombro. Só me resta, portanto, a companhia da vó Nina, que não entende o que digo mas pelo menos é uma boa ouvinte. Quando sinto o coração apertado, sento na beira da sua cama e pergunto se ela acha que algum dia o Guto vai notar a minha existência e me namorar e me fazer feliz, apesar do provável ciúme da Dany e de todas as outras garotas da escola. Seguro forte na mão da minha avó e fico esperando um palpite, uma dica, uma palavra qualquer... Mas ela se limita a olhar para o teto ou a esburacar a parede com as unhas.

No criado-mudo da vó Nina, tem um retrato dela com o vô Plínio, os dois andando de pedalinho em plena lua-de-mel. Será que foram felizes? O Paulo, professor de História, falou que a guerra conjugal é um fenômeno recente, uma espécie de efeito colateral do movimento feminista. Não que os casamentos de antigamente fossem mais felizes, nada disso. Mas como era o homem quem botava feijão e arroz dentro de casa, ele tinha o direito à última palavra. Para a mulher só havia duas saídas: ou afundar o rosto no travesseiro e chorar baixinho para o marido não ouvir, ou preparar um jantar-surpresa à luz de velas e salpicar uma pitada de vidro moído no prato predileto do dono da casa.

Paulo explicou que a entrada da mulher no mercado de trabalho foi fundamental pra que ela conquistasse a igualdade (semelhança) de direitos. Quer dizer: o sexo tido como frágil só ficou forte depois que começou a ganhar dinheiro.

Não sou muito ligada em História, meu negócio é inventar histórias. Ainda assim, levantei o braço e dei a minha opinião sobre a evolução do ser humano: as mulheres mudaram muito, os homens continuam os mesmos.

Lá em casa, por exemplo, tanto meu pai quanto minha mãe trabalham fora, mas enquanto ele chega do consultório e vai direto para o sofá, brincar com o controle remoto, é ela quem tem de preparar o lanche, servir a mesa, arrumar as camas e ajudar o meu irmão nas tarefas da escola. Não era mais ou menos isso o que acontecia no passado? A gente estava estudando a Idade

Média, por isso citei a Guerra dos Cem Anos. Depois de passar tanto tempo nos campos de batalha, nenhum soldado teria paciência de ajudar a mulher a lavar louça ou pendurar a roupa no varal. E muito menos de discutir a relação.

É claro que nem todos os maridos continuam na Idade Média. Eu ia comentar que alguns raríssimos homens (o pai da Leninha, eu aposto!) dividem as tarefas da casa com as companheiras, mas fui brutalmente interrompida por uma gargalhada de deboche. Danyelle colocou o cabelo atrás da orelha, como tem mania de fazer quando vai soltar alguma gracinha, e me disse que, em primeiro lugar, o conflito entre Inglaterra e França havia se arrastado de 1357 a 1453, portanto tinha durado 116 anos, não 100. Também falou que nenhum soldado lutou a guerra inteira, porque neste caso precisaria ter entrado para o exército ainda bebê e, no fim do conflito, já estaria esclerosado e sem forças pra segurar uma mísera bengala, que dirá uma espada. E, pra completar, disse que a guerra teve muitos períodos de trégua.

Pode parecer que a Danyelle soltou tudo isso de improviso, mas eu sento na carteira do lado e vi perfeitamente que ela estava lendo a apostila. Só o professor não percebeu o golpe e ficou surpreso com a brilhante explicação.

Antes de encerrar a aula, Paulo encomendou um trabalho para a semana seguinte; o tema era a vida de uma personagem que tivesse marcado a Idade Média. Eu não tive dúvida, nenhuma vida, nesse período, foi tão fascinante quanto a de Joana d'Are. Mas como escolher a equipe? O trabalho deveria ser feito em grupos pequenos, de três alunos, por isso pensei em chamar a Leninha e o Guto.

Havia umas dez ou doze colegas brigando pelo passe do garoto. Paulo se irritou com a gritaria e resolveu formar as equipes sem pedir a opinião de ninguém. Leninha e eu ficamos juntas, mas tivemos de suportar a companhia desprezível da Danyelle.

Na hora me deu vontade de levantar a mão, subir na carteira e lembrar que vivemos num país livre, portanto não podia concordar com aquela imposição arbitrária e, em nome da democracia, reivindicava o sagrado direito de escolher o meu grupo.

Mas eu não disse nada disso: só abri a boca porque o queixo caiu.

O professor de História é tão lindo (mais ainda que o Guto, sou obrigada a admitir!) que meu protesto não passou de um suspiro. Lindo é pouco! Na verdade, não sei se há uma palavra pra traduzir aquele rosto. E o corpo, então! A combinação de músculos espartanos e inteligência ateniense faz a gente imaginar que está literalmente diante de um deus grego. E, cá entre nós, alunas, só chamamos o Paulo de Apoio. A dona Nélia, diretora da escola, costuma reclamar que os alunos vão bem nas provas de História, enquanto a maior parte das alunas não chega sequer a atingir a média. Acho que ela não entende nada de Mitologia. E muito menos de psicologia feminina. Quando o Apoio abre a boca, a sua voz de veludo vermelho provoca um arrepio hipnótico, e simplesmente não dá pra prestar atenção na aula.

O professor de História lembra um deus não apenas por causa do físico: a solidão também é a mesma. Apesar da pitada de grisalho, ele não aparenta mais que quarenta. Muita gente acha que nessa idade todo homem tem a obrigação de estar casado ou, pelo menos, separado - se o coitado ainda for solteiro, logo surge a suspeita de que é boiola.

O que se comenta do Apoio é justamente o contrário. Segundo as fofocas de corredor, o professor foi um amante irresistível e cruel, desses que deixam as mulheres apaixonadas e logo em seguida somem do mapa, com medo do compromisso, antes que elas cumpram a ameaça de abandonar a família ou pular do vigésimo andar. Eu disse: foi: pretérito perfeito. Um dia, ele se encantou por uma aluna particular, achou que tinha encontrado a mulher ideal e pediu a suposta cinderela em casamento. Ela topou sem pensar, quem é que não toparia? Mas na última hora se arrependeu e, ainda vestida de noiva, mandou o chofer tocar para o aeroporto e desapareceu sem dar notícia. De acordo com outra versão, mais venenosa, a garota mandou um cartão-postal de Paris, confessando que, pensando bem, preferia um marido mais... como direi? Milionário!

Apolo nunca mais foi o mesmo. Da escola, segue para o Olimpo suburbano onde mora: um quarto-e-sala entupido de livros, mas sem telefone, fax ou Internet (um Olimpo que se preze não pode abrigar essa tecnologia). Não tem amigo nem parente e muito menos namorada. Por causa do trauma, cortou os laços com o mundo lá fora e não quer intimidade com ninguém - principalmente se for um ninguém do sexo feminino. Dizem que, pra se manter longe das mulheres, chega ao absurdo de não permitir que nenhuma autora faça parte da sua biblioteca.

Minha mãe tem uma porção de livros de História e, como também é professora, poderia dar uma força no trabalho da escola. Foi por isso que a gente marcou a reunião aqui em casa. Mas a

Danyelle, pra variar, foi contra. Ela disse que biblioteca é coisa do passado: depois que inventaram a Internet, basta entrar num desses *sites* de busca, digitar uma palavra-chave e esperar alguns segundos pra encontrar o assunto já resumido, mastigado e engolido; ninguém precisa perder tempo folheando livros velhos cheios de traças e ácaros que só servem pra dar alergia. Tudo isso só pra contar que o computador dela é de última geração, com zilhões de megas de memória e não sei mais o quê.

Como futura escritora, tive de me controlar pra não xingar a Danyelle de fresca, ignorante, deslumbrada, preguiçosa, hipocondríaca e explicar que o computador jamais vai matar o livro, assim como a fotografia não matou a pintura, o cinema não matou o teatro e a televisão não matou o rádio. Mas não desperdicei a minha preciosa saliva. Quando viu que eu estava prestes a explodir, Leninha entrou no meio da conversa e disse que também preferia fazer o trabalho aqui em casa. Éramos, portanto, maioria.

Parece que Danyelle não está acostumada com a democracia, porque ela chegou atrasada e foi logo avisando que não podia demorar: justamente naquela tarde iria botar o novo *piercing* e achava melhor a gente fazer logo o tal do trabalho. Se bem que - surpresa! - quase não o que fazer. Ela tirou da bolsa umas folhas de papel e confessou que tinha repetido a receita de sempre, colou textos, citações e imagens da Internet, mandou a salada para a impressora e em instantes estava pronta a biografia de Joana d'Arc.

Só ficou faltando o final, quando a heroína francesa é condenada à fogueira: "Achei um site que contava tintim por tintim como o fogo foi subindo pelo corpo dela, parecia até um filme! Mas o papel da minha impressora acabou e me deu preguiça de copiar no caderno".

Leninha ficou assustada: "E se o Apolo descobrir que a gente colou?". A resposta da Danyelle estava pronta e embrulhada pra presente: "A Internet existe é pra isso mesmo, garota. Pra gente colar à vontade".

Enquanto Leninha mordida a tampa da caneta, sem saber se deveria assinar o trabalho, Danyelle soltou um bocejo comprido e disse que tinha perdido o sono por causa de um dilema angustiante: onde espetar o novo *piercing*? Deitou na minha cama sem a menor cerimônia, abraçou o meu velho urso de pelúcia e perguntou que parte do corpo ficaria mais sexy com uma argolinha de ouro: a língua, a nuca ou a axila.

Ao ouvir a palavra axila, Leninha teve um ataque de riso e a seguinte curiosidade: "Se eu botasse uma argolinha no sovaco, acho que ia passar o dia inteiro com cócegas". Danyelle não gostou da piada e, pelo ângulo do nariz empinado, com certeza pensou que sovaco não era um sinônimo à altura de axila. Pelo menos, não a dela. Quando pediu a minha opinião, tive vontade de sugerir que fizesse um *piercing* na boca: uma argola bem grande atravessando os lábios pra que nunca mais falasse abobrinha. Mas guardei a raiva debaixo do sorriso e, em nome da sobrevivência da equipe, ignorei a frescura da Dany e comecei a ler a sua obra-prima. A garota queria conversa: "Se eu tivesse coragem de fazer um *piercing* na virilha... Já pensou se desta vez o Guto ganhar a loteria?".

Continuei de cabeça baixa, lendo uma biografia que já sei de cor. Quando eu era pequeninha e pedia a minha mãe que me contasse uma história na hora de dormir, ela sempre falava na camponesa que, aos 13 anos, passou a ter visões e a se comunicar com o além, mais precisamente com o arcanjo São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida. Algumas pessoas diziam que essas vozes e visões eram produto de uma imaginação adolescente, talvez um desequilíbrio hormonal ou até efeito da TPM - que naquela época, com certeza, nem devia ter nome e muito menos sigla. Mas a menina não se importava com a língua da vizinhança. Ela acreditava que estava no mundo pra cumprir uma tarefa heróica: expulsar os ingleses que ocupavam a maior parte do território francês. Foi com essa intenção que partiu da sua aldeia e deu um jeitinho de ser atendida por ninguém menos que o rei Carlos VII. Quando ela contou a ele sobre a missão que tinha recebido de Deus, a nobreza caiu na risada. Mas bastou um pigarro do rei pra que todos se calassem. Sua Majestade ficou extremamente impressionado com a determinação daquela garota e, pra espanto geral, entregou-lhe o comando de um pequeno exército. A fama da camponesa se espalhou por toda a região. A caminho do campo de batalha, ela ganhou a adesão de centenas, milhares de soldados, e conseguiu a incrível façanha de libertar a cidade de Orléans. A partir desse episódio, Joana d'Arc ficou conhecida como a Virgem de Orléans e abriu caminho para a coroação de Carlos VII na Catedral de Reims. Mas, de repente, a sorte mudou de lado. Na tentativa de retomar Compiègne, Joana acabou aprisionada pelos ingleses. Foi julgada e condenada pela Inquisição por heresia e morreu na fogueira aos 19 anos, não podendo testemunhar a vitória dos franceses na Guerra dos Cem Anos. A Igreja levou mais de duas décadas pra admitir que tinha queimado uma inocente e mais alguns séculos pra

transformar a suposta bruxa em santa.

Em vez de me fazer dormir, essa incrível história de ninar me deixava ainda mais acesa. Não é de admirar que a minha xará (tudo bem, meia-xará) tenha virado personagem de tantos escritores, pintores, dramaturgos, cineastas... E, principalmente, dos professores de História, que não perdem uma oportunidade de encomendar a seus alunos uma biografia da heroína. Mas não é preciso se chamar Joana nem ter a mãe historiadora pra ver que o trabalho da Danyelle estava cheio de emendas palpites, bobagens e chutes: uma colcha de retalhos de todos os tamanhos e cores, mal remendados pela pressa.

Assim que terminei a leitura, Danyelle me pediu uma opinião sincera. Procurei ser o mais elegante possível: "O trabalho ficou meio... resumido. E, como você mesma disse, falta a cena da fogueira". Ela perdeu a paciência: "Mas que trabalho, Joana? Acorda! Estou falando do piercing. Você teria coragem de botar uma argola de ouro na virilha?".

A minha paciência tem limite: "Escuta aqui, Daniela, não foi pra discutir sobre a sua virilha ou o seu sovaco que a gente se reuniu!".

Falei "Daniela" de propósito, só pra ver a garota subir nas paredes. Ela rosnou que Danyelle se escreve com y, dois l e, no final, um ezinho sutil que dava um toque francês. Quando eu disse que a gente mora no Brasil e, pelo que me consta, na língua portuguesa o y não passa de uma letra fútil e descartável, Danyelle me acusou de invejosa porque meu nome parecia um plágio malfeito - e também porque eu gostava de um garoto que estava de olho nela, tanto assim que foi um dos primeiros a apostar na loteria do piercing. Lembrei que o Guto era do sexo masculino. E todos os garotos da escola (até mesmo o pipoqueiro que ficava no portão) tinham entrado na tal loteria.

Danyelle ficou me olhando arregalada, como se estivesse preparando o bote, mas de repente disparou a coçar o nariz e jogou na parede o meu pobre urso. Disse que tinha alergia a bicho de pelúcia e livro velho, mas o que mais lhe fazia mal eram as falsas amigas. E foi embora espirrando.

Em vez de se preocupar comigo, Leninha ficou alisando o ursinho e dizendo que era covardia atirar na parede um bicho tão fofo. Covardia e pecado! Sem falar na falta de consciência ecológica.

Dali a pouco, comecei a ouvir uma antiga cantiga de roda. Apesar do som abafado, reconheci a melodia e pensei na vizinha do andar de cima, que era louca por caixinha de música. Só desvendei o mistério quando Leninha abriu a pochette e puxou um celular cor-de-rosa, especialmente programado pra tocar "Atirei o pau no gato". Minha amiga tem 13 anos e usa sutiã tamanho M, mas parece que o cérebro dela está estacionado no jardim-de-infância.

Nunca vi a Leninha falar em namoro, por isso fiquei chocada quando ela disse alô e miou, toda derretida, que estava na casa de uma amiga fazendo um trabalho de História e não ia poder sair, era melhor deixar pra outro dia, pois é, quem sabe no sábado, tudo bem? O cara devia ser do tipo que não gosta de levar fora. De tanto pedir e insistir, ele conseguiu convencer Leninha a ditar o meu endereço.

Depois de mandar um beijo e desligar, ela me perguntou se em meia hora a gente dava conta de terminar o trabalho. Falei que podia resolver tudo sozinha: só faltava, afinal de contas, narrar a maldita cena da fogueira. Mas impus uma condição: queria saber o nome do gato.

Minha curiosidade fez Leninha dar risada. Gato? Que gato? Quem tinha ligado era o pai dela!

Naquele dia ele completava 14 anos e 11 meses de casamento e, pra comemorar a data, resolveu chamar mulher e filha pra tomar sorvete no shopping.

Eu achei que não tinha entendido direito. Por acaso ela estava querendo dizer que havia um marido neste mundo que todos os meses se lembrava de festejar o aniversário de casamento? E isso depois de quase 15 anos? Com direito a sorvete pra toda a família?

Leninha sorriu, sem entender o meu espanto. Talvez acredite que todos os homens sejam românticos como o pai dela.

Tirar ficção da cartola é uma delícia, mas não vejo a menor graça em fazer redação sob encomenda, com títulos pré-fabricados ("Minhas férias") ou os velhos temas de sempre (biografias de grandes vultos históricos). O que mais me encanta na literatura é a possibilidade de sair da estrada sem dar seta e criar atalhos inesperados, mudando o rumo da cena e derrubando o queixo do leitor. O problema é que às vezes a história já está pronta e documentada. Todo o mundo sabe que Joana acabou presa e vendida aos ingleses por um bispo corrupto, que o rei Carlos VII ganhou a coroa com a ajuda dela e mesmo assim o mal-

agradecido não moveu uma palha pra livrar a garota da fogueira, que ela foi condenada pelo Tribunal da Inquisição e ardeu em praça pública. Qual a graça de contar uma história se eu não posso mexer no final?

Depois de passar os olhos na colagem da Danyelle, cortei uns pedaços repetidos e tentei concluir o trabalho. Abri a apostila de História, à procura de alguma gravura que me servisse de inspiração, mas só encontrei o rosto de uma camponesa no início da adolescência. E o que eu queria era uma imagem dos últimos momentos de Joana, quando ela sente as labaredas subindo pela túnica e olha para o céu, como se repetisse as palavras de Jesus: "Deus, ó Deus, por que me abandonaste?".

Pensei em pedir um livro a minha mãe, mas nesse instante tocou o sininho de tubos dourados de metal que ficavam pendurados na porta da sala e sempre faziam tlim tlim quando alguém entrava ou saía de casa. O dono da loja de decoração garantiu que o som produzido pelos tubos tinha o poder de dissipar as energias negativas do ambiente e trazer uma sensação de harmonia e felicidade que contagiaria todos os membros da família. Só que aqui em casa não deu resultado. Seria defeito de fabricação? No início, o tilintar parecia agradável: cada vez que abria a porta, minha mãe respirava fundo e sentia a felicidade entrando pelos ouvidos. Mas em poucas semanas ela começou a achar aquele barulho monótono e irritante.

A última vez que o sininho tocou foi hoje à tarde, quando meu irmão entrou em casa reclamando do machucado na testa, ameaçando arrancar o esparadrapo e enfiar a unha nos pontos pra se livrar da coceira.

Os tubos fizeram tlim tlim e aos poucos foram se calando. Mas em seguida meu pai empurrou a porta e acionou outra vez a melodia oriental que deveria ser fonte de relaxamento e bem-estar. Enquanto ele tentava convencer o Xandi a não coçar o machucado, minha mãe marchou decidida até a porta e arrancou os tubos com um puxão ocidental.

Meu pai balançou a cabeça e perguntou qual o motivo do stress.

Ela forçou um sorriso trêmulo e explodiu: "Quem, eu? Estressada? Só porque você levou o Xandi pro hospital e não se deu ao trabalho de me avisar se o meu filho estava vivo ou morto?

Impressão sua, eu estou calíssima".

Xandi me olhou desanimado, como se esperasse da irmã mais velha uma atitude, qualquer uma, pra evitar uma nova e sangrenta batalha naquela guerra dos cem anos.

Segundo a minha manicure vidente, possuo poderes pra realizar o que quiser, até salvar o casamento dos meus pais. Resta saber de que jeito. Bem que tentei mudar de assunto, contando que tinha de fazer um trabalho sobre Joana d'Arc e precisava de um livro que mostrasse a cena da fogueira. Mas a família estava contaminada pela surdez da vó Nina. Meu pai disse a minha mãe que parasse de fazer drama: o garoto tinha levado três pontinhos na testa e do hospital seguiu para a escola, onde assistiu às aulas normalmente.

Se ela estava assim tão preocupada, por que não telefonou? Minha mãe respondeu que tinha ligado, sim, várias vezes, de tanto bater nas teclas até quebrou uma unha. O celular não respondia, e o telefone do consultório dava ocupado. Só descobriu o paradeiro do Xandi depois de falar com a diretora da escola.

Foi perda de tempo meu pai explicar pela trocentésima vez que desligava o celular pra atender os clientes. A essa altura, os dois falavam ao mesmo tempo, mas deu pra ouvir a minha mãe dizer que achava essa história tão estranha... Quem sabe ele não desligava o celular só quando atendia as clientes?

As: artigo definido feminino plural, principalmente feminino, no qual cabem todas as mulheres que passam diariamente pelo consultório do meu pai - incluindo a secretária. Ele se ofendeu com a ironia e saiu andando em direção ao quarto. Xandi e eu o seguimos e ficamos na porta, de mãos dadas, vendo meu pai abrir o armário e jogar algumas roupas dentro de uma bolsa.

Quando terminou de fechar o zíper, ele se sentou na cama e abriu os braços. Botou meu irmão numa perna e eu na outra, como nos tempos em que costumava brincar com a gente de cavalinho, e disse que iria se afastar por uns dias: "Sua mãe e eu estamos passando por um momento difícil e precisamos de um tempo".

Acho que ela estava no corredor, ouvindo a conversa atrás da porta, porque de repente entrou no quarto e falou entre dentes, quase sem abrir a boca: "Pense bem no que vai fazer, Néilson. Se você sair por aquela porta...". E deixou a ameaça no ar.

As reticências não intimidaram meu pai. Ele saiu do quarto com a bolsa no ombro e meu irmão pendurado numa perna. Eu daria tudo pra agarrar a outra perna, mas não suportava prolongar aquela cena, então tratei de colocar o Xandi no colo.

De olho na unha quebrada, minha mãe sofria em silêncio. Só perdeu a serenidade quando meu

pai entrou no elevador. Nesse momento, ela correu até a cozinha, pegou uma caixa de fósforos e voltou chorando para a sala. Depois de três ou quatro tentativas, finalmente conseguiu acender um palito e ergueu a chama lentamente, dando a impressão de que iria tocar fogo nos cabelos, ou nas cortinas, ou talvez nos livros da estante. Xandi também imaginou o pior e perguntou o que é que ela estava fazendo.

Minha mãe respondeu que a vida é assim: em certas ocasiões a única saída é... rezar. Virou-se para a mesinha de centro e acendeu uma vela diante da imagem de Santa Joana d'Arc.

Revolução Francesa

Por causa do cabelo curto e da farda, Joana d'Arc poderia ser confundida com um dos soldados do seu exército. Mas como ele era no dia-a-dia, quando tirava o capacete e a armadura, descia do cavalo e se espreguiçava? Será que tomava banho de rio ou mergulhava numa tina dentro da cabana? Se não havia outra mulher na tropa, então a única saída era botar na porta um homem de sua confiança, com ordens para afastar a flechadas qualquer engraçadinho que se metesse a besta. Pois esse soldado realmente existiu e se chamava Louis-Auguste. Além de vigiar a entrada da cabana, tratava dos ferimentos de Joana e redigia as cartas que ela, não sabendo ler nem escrever, tinha de enviar ao rei da França e aos chefes do exército inimigo.

Louis-Auguste era estudante de Medicina e tinha abandonado a universidade pra lutar ao lado da heroína. Foi ele quem cuidou de Joana quando ela levou uma flechada na perna; usando um emplasto de folhas e ervas, o rapaz conseguiu estancar a hemorragia e controlar a infecção. Desde então, passou a cuidar pessoalmente da futura padroeira da França, acumulando as funções de médico, conselheiro e secretário particular.

Era nele que Joana estava pensando na madrugada do dia em que seria executada. Jogada numa masmorra, ela havia passado a noite rezando e se lembrando dos olhos, da voz e da dedicação de Louis-Auguste. Teria o amigo sobrevivido à carnificina da última batalha? Por um instante, desejou que ele estivesse morto, assim os dois poderiam se encontrar no céu e viver felizes pelo resto da eternidade. Achou graça nessa idéia, mas imediatamente se sentiu caprichosa e egoísta e sofreu com a possibilidade de morrer carregando um pecado. Se pudesse conversar com um padre...

Logo depois, por coincidência, um homem entrou na cela com um crucifixo pendurado no pescoço, sandálias de couro cru e um hábito de tecido grosso com um capuz que escondia o rosto. Tão logo o carcereiro se afastou, o estranho abaixou o capuz e sussurrou que estava ali pra salvar não a alma de Joana, mas o corpo.

Ela acreditou estar sendo vítima de mais uma de suas inúmeras visões. Como é que Louis-Auguste tinha conseguido enganar os soldados ingleses e, disfarçado de religioso, entrar naquela prisão de segurança máxima? Não havia tempo pra explicações. O que importava era libertar Joana e, para isso, os dois teriam de trocar as roupas: ele vestiria a túnica da condenada, e ela sairia com o hábito de monge.

A proposta deixou a virgem confusa: não achava justo fugir sozinha, sabendo que o amigo ficaria preso e morreria na fogueira em seu lugar. Além do mais, não podia tirar a roupa na frente de um homem. E, pra completar, não pretendia conhecer os detalhes da anatomia masculina. Louis-Auguste respondeu que tinha se arriscado demais pra chegar até ali e não iria permitir que o plano fracassasse por causa da timidez de uma adolescente pudica. Se ela não queria ver um homem nu, então que fechasse os olhos ou se virasse de costas.

Depois de se cobrir com a túnica de bruxa, Louis-Auguste ajudou Joana a vestir o hábito de monge. Enquanto ela tentava a proeza de amarrar as sandálias 42 nos pés 35, ele disse que tinha subornado alguns guardas e já estaria bem longe da cidade no momento em que um boneco de pano começasse a queimar na praça.

Louis-Auguste encolheu-se num canto da cela e virou o rosto para a parede ao ouvir passos no corredor. Joana percebeu que, àquela altura, não havia mais como recuar: se os ingleses descobrissem a farsa, com certeza os dois iriam para a fogueira.

Quando o carcereiro avisou que era hora de encerrar a visita, Joana olhou para Louis-Auguste, desenhou uma cruz no ar e recitou com voz grossa, num latim impecável: "Eu te absolvo de todos os teus pecados". Saiu da cela com a cabeça baixa, escoltada pelos soldados, e misturou-se à multidão que caminhava livre pelas ruas e becos de Rouen.

Em silêncio, sou veloz na leitura: se a história me agrada, os olhos engatam uma palavra na outra e disparam pelas linhas como um trem-bala desgovernado. Meu problema é ler em voz

alta, principalmente quando tenho platéia. Essa fobia provoca uma mistura de gagueira com tosse que não me deixa ir além do primeiro parágrafo. Também sofro de falta de ar, e uma leve tontura embaralha as letras, sem falar no repentino mau humor e no coração querendo sair pela garganta. Foi tudo isso que experimentei (uma espécie de TPM sem M) no dia em que Apolo entrou na sala e anunciou que os trabalhos deveriam ser lidos em voz alta.

Desgraça pouca é bobagem: o primeiro grupo sorteado foi o meu. Senti um pouco de alívio quando Danyelle puxou os papéis da minha carteira, caminhou até a mesa do professor e começou a contar a vida da heroína francesa. Mas, para minha decepção, ela só leu o que tinha escrito - ou melhor, o que tinha colado da Internet. Percebendo a minha ansiedade, a sádica deixou por minha conta a última parte do trabalho.

Pensei em dizer que serei (sou?) escritora e criei a minha própria Joana d'Arc, uma personagem que não podia ser política e historicamente correta, mas pelo menos não era uma cópia virtual de textos e idéias alheias. É claro que não falei nada disso. Cuspir fogo sobre Danyelle poderia deixar minha alma mais leve, mas concluí que o papel de dragão não me traria a serenidade zen de que eu precisava pra ler a minha redação.

De repente, decidi que não daria a Danyelle o gostinho de me ver em pânico: respirei fundo, três vezes, e, de olhos fechados, ordenei às mãos que parassem de tremer, ao coração que se acalmasse, à garganta que engolisse o pigarro. E não é que deu resultado? O corpo, pra minha surpresa, obedeceu sem discutir. Fiquei tão tranqüila e relaxada que quase deixei escapar um bocejo.

Levantei-me da carteira sem pressa, fui até a frente da sala e olhei os meus colegas nos olhos, esticando o suspense pra contar a minha versão sobre a padroeira da França. Eu me sentia a Fátima da Glória apresentando as manchetes do jornal mais famoso do país. Sem tropeçar numa única sílaba, comecei dizendo que o cabelo curto e a farda faziam Joana d'Arc ser confundida com um dos soldados do seu exército. Mas como ela era no dia-a-dia, quando tirava o capacete e a armadura, descia do cavalo e se espreguiçava?

Muitos acharam graça da minha dúvida - se Joana d'Arc tomava banho de rio ou se mergulhava numa tina dentro da cabana. É pena que o sorriso do professor (que dentes!) tenha durado tão pouco! Quando Louis-Auguste entrou na história, Apolo coçou o queixo e levantou as sobrancelhas, fatiando a testa em rugas paralelas. E mesmo assim continuava lindo! Na verdade, parecia ainda mais charmoso com as narinas dilatadas e aquele olhar de cólera contida.

Apesar da beleza do professor e do burburinho dos colegas, voltei a me concentrar na redação e continuei a leitura até o ponto em que Joana d'Arc sai da prisão disfarçada de monge, deixando Louis-Auguste em seu lugar.

Mas fui interrompida por um tapa na mesa que quase me fez largar o papel. Apolo deu um pulo da cadeira e, com os braços abertos, perguntou que brincadeira era aquela. Não tive chance de explicar que a minha história era ficção. Ele disse que estava ali pra História, não Literatura, e jamais iria permitir que uma aluna cometesse a heresia de confundir um vulto histórico, aliás, uma santa, padroeira de um país, de um dos principais países do mundo, com uma personagem sem nenhum compromisso com a realidade.

Só me restava enfiar a coleira do zero no pescoço e voltar à carteira com o rabinho entre as pernas - daí a minha surpresa quando o professor cruzou os braços e me mandou prosseguir. Achei que ele quisesse fazer terrorismo, aproveitando os risinhos da turma pra debochar da minha história. Mas mesmo assim fui em frente.

Já não sentia, é bem verdade, a mesma segurança de Fátima da Glória. Com o coração outra vez acelerado e a voz tremendo no ritmo das mãos, contei que Joana d'Arc tinha se escondido debaixo do capuz e seguido até a praça de Rouen, onde a lenha já estava pronta para a execução da sentença. Políticos, clérigos, juízes, nobre, enfim, todas as digníssimas autoridades e seus respectivos puxa-sacos faziam pose, à espera da principal convidada da festa. Mas era impossível romper a muralha de ombros e cotovelos. Pra não ser espremida, Joana subiu numa árvore e assistiu ao espetáculo a distância.

Louis-Auguste tinha garantido que, com a ajuda de soldados ingleses, ele também escaparia da prisão e mandaria para a fogueira um boneco de pano. Mas o plano não deu certo. Quando o rapaz apareceu na esquina, tapando o rosto com as mãos para não ser identificado, Joana desceu da árvore e começou a berrar que aquilo não era justo, que eles estavam condenando um inocente, que a verdadeira bruxa era ela. Pra provar suas palavras, tirou o capuz e exibiu o rosto.

Apolo mantinha a testa enrugada, mas dava pra perceber que se esforçava pra ficar sério. A classe, em compensação, tinha virado um trio elétrico. Até Leninha, que era da minha equipe, não conseguiu segurar o riso. Mas o que mais me doeu foi olhar para o Guto: uma boca tão linda, os lábios tão sedosos, a língua escapada tão morna e macia... Ele podia usar todos esses ingredientes pra mandar um beijo de apoio, mas preferiu imitar os colegas e se divertir à minha custa.

Nem por isso parei de ler. Por mais que Joana se descabelasse, quem seria maluco de tirar os olhos da fogueira pra assistir ao ataque de nervos de uma garota histérica? Ninguém prestou atenção ao seu protesto e muito menos ao veredicto do tribunal eclesiástico. Depois de chamar a acusada de feiticeira, pseudoprofeta, invocadora de maus espíritos, conspiradora, extraviada, sacrílega, idólatra, execrável, maligna e ávida de sangue, o sacerdote encarregado de ler a sentença pediu a Deus que tivesse misericórdia daquela alma perdida e fez um sinal para o carrasco.

Louis-Auguste ficou o tempo todo de cabeça baixa, com medo de ser desmascarado pelos juízes do Santo Ofício, e chegou a sentir alívio quando finalmente foi amarrado à estaca e viu a fumaça cobrindo o seu rosto. Cansada de espernear, Joana pediu a Jesus que poupasse o amigo da agonia e recebeu essa graça: a alma do rapaz tomou a forma de fagulha e se desprende da fogueira, subindo ao céu com a velocidade de uma estrela cadente ao contrário. A garota passou o resto do dia perambulando pela cidade e, no meio da madrugada, voltou à praça deserta, recolheu as cinzas do chão e encheu os bolsos do hábito.

Faltava ainda o último parágrafo, no qual eu explicava que Louis-Auguste não se sacrificara em vão: ao saber que Joana d'Arc tinha escapado da fogueira, o rei Carlos VII confiou-lhe o comando geral do exército, a França derrotou a Inglaterra e pôs fim à Guerra dos Cem Anos. Mas Apolo não me deixou terminar. Quando a minha heroína guardou as cinzas no bolso, o professor de História gritou "já chega" e anunciou a sentença do meu grupo: zero! Danyelle tratou de se defender, alegando que só tinha feito a primeira parte do trabalho e não queria ficar com nota vermelha por minha causa, era só o que faltava! Fiquei tentada a falar que fizemos tudo em equipe, do começo ao fim, mas não achava justo prejudicar a Leninha, então assumi sozinha a autoria da redação.

Apolo não quis nem saber: zero para as três e assunto encerrado!

Pra não deixar minha avó sozinha, faço as tarefas da escola no quarto dela. Ontem à noite, por exemplo, fui até lá com a intenção de enfrentar a Guerra dos Cem Anos: depois de zerar o trabalho sobre Joana d'Arc, precisava faturar na prova pra não ficar abaixo da média. E quem disse que consegui estudar? Assim que abri o estojo, um escorpião pulou lá de dentro e caiu bem em cima do meu colo.

Pular é modo de dizer: o escorpião era de plástico. Mas o susto, a tremedeira e a taquicardia foram bastante reais. Uma risadinha familiar me fez olhar pra trás – lá estava o meu irmão, na porta do quarto, se deleitando com o meu pânico.

Xinguei Xandi com tanta ira que alguns vizinhos apareceram na janela. E olha que eu estava disputando ibope com a novela das oito! Minha mãe entrou no quarto perguntando qual o motivo da gritaria – por acaso eu tinha ficado louca ou queria matar a minha avó do coração? Respondi que o maluco daquela casa era o meu irmão: ele tinha enfiado um escorpião no meu estojo.

Xandi se defendeu me atacando. Reclamou que não ligava pra ele e só queria saber de fofocar no telefone com as amigas e ficar escrevendo abobrinhas. Minha mãe não engoliu essa conversa mole: "É verdade, Alexandre, a história do escorpião?"

Toda vez que é chamado de Alexandre, meu irmão já sabe que lá vem bombardeio. A gente não tem costume de apanhar, mas minha mãe estava com tanta raiva acumulada (do marido, da rotina, do governo, da vida) que nem ouviu o Xandi dizer que o escorpião era de plástico.

Agarrou o moleque pela orelha e foi torcendo e puxando. Só não provocou uma tragédia porque o meu pai resolveu passar em casa antes de ir para o consultório.

Ele ficou horrorizado quando entrou na sala: "O que é que você tá fazendo, Sônia?". A resposta foi quase um eco: "Eu é que te pergunto, Néilson. O que você veio fazer aqui?"

Livre do beliscão, Xandi se escondeu atrás da cortina. Meu pai contou que queria ver as crianças e também buscar o resto das roupas. Poderia ter respondido que sentia saudade de casa ou da família, ou dizer apenas *saudade* e omitir o complemento nominal. Mas fez questão de esclarecer que estava ali exclusivamente por causa dos filhos: minha mãe (e, pelo visto também a minha avó) não cabia na saudade dele.

Fazia apenas três dias que meu pai não aparecia em casa. Mas, foram dias compridos, que

duraram quase três anos. Ele não deixou de ligar, sempre à tarde, quando a minha mãe saía para dar aula. Só que isso não matava saudade. Aliás, eu acho que o telefone é a pior criação da tecnologia. Graham Bell pode ter sido um gênio, mas o que ele inventou foi uma droga. E não estou falando em sentido figurado, não. Droga mesmo, como maconha ou cocaína. A voz do outro lado traz alívio e deixa a gente anestesiada, com uma sensação de bem-estar que acaba causando dependência. Logo depois de desligar, vem a famosa síndrome de abstinência, a incontrolável fissura pra ligar outra vez e falar até a orelha ficar vermelha e inchada como a do Xandi.

Meu pai perguntou qual o motivo daquele beliscão. Pensei que meu irmão seria degolado quando minha mãe contasse que ele tinha escondido um escorpião de plástico no meu estojo. Mas Xandi escapou sem um arranhão.

Foi pra minha mãe que me pai se virou: "E por que é que você não conversou com o seu filho? Precisava arrancar a orelha?". Os dois começaram a se acusar e só não se pegaram porque a vó Nina engasgou, perdeu o fôlego e teve um daqueles ataques de tosse que só passam com a ajuda da família inteira: meu pai batendo nas costas da sogra, minha mãe tentando ligar para o médico, meu irmão abrindo a janela e eu indo até a cozinha pra buscar um copo de água com açúcar.

Meu pai seguiu para o quarto assim que vó Nina voltou a respirar. Pela quantidade de roupa que enfiava na mala, parecia mesmo decidido a ir embora de vez. Mas pra onde? Ele disse que, provisoriamente, tinha se instalado num hotel no centro da cidade.

Xandi queria saber o que significava *provisoriamente*. Depois de algum tempo escolhendo as palavras, meu pai explicou que uma coisa é provisória quando ainda não está totalmente resolvida - como o rascunho de um desenho que a gente ainda pode mudar. Meu irmão se encheu de esperança: "Quer dizer que você pode voltar pra casa?".

A pergunta ficou sem resposta. Minha mãe não demorou a entrar no quarto. Abriu um tubo de pomada e lambuzou a orelha do Xandi. Foi a maneira que encontrou de pedir desculpas ao filho, que retribuiu o gesto com um sorriso. De cabeça baixa, ela contou que tinha feito bolo de cenoura e chamou meu pai pra lanchar com a gente. Ele disse que precisava voltar ao consultório, mas não resistiu à insistência dos filhos nem ao perfume do bolo. Fomos para a sala e, por alguns minutos, comemos, rimos e comentamos a novela como uma família feliz.

Sigilo profissional é coisa sagrada. Imagine se o meu pai saísse do consultório contando aos amigos que este ou aquele cliente não escova os dentes ou usa dentadura ou tem mau hálito. Ou se um padre revelasse para a igreja lotada, bem na hora do sermão, que, embora o prefeito colabore com o dízimo e comungue todos os domingos, trai a mulher com a empregada e tarde da noite vai para a janela espionar com o binóculo a vizinha. Acho que todos os profissionais, sem exceção, têm obrigação de guardar segredo sobre o que ouvem em seus consultórios, confessionários, escritórios, repartições públicas... e salas de aula.

Com que direito um professor (mesmo que seja um deus grego) mostra à diretora o trabalho de uma aluna só porque ela resolveu ignorar os livros e inventar sua própria história? Eis a pergunta que eu gostaria de fazer a dona Nélia quando ela me tirou da sala de aula e me levou ao gabinete pra uma "conversa séria" sobre a minha redação.

A diretora da escola é uma solteirona de cabelo lambido e óculos de tartaruga que deslizam pelo nariz comprido e ficam encalhados bem na ponta, graças a uma verruga estratégica. No fundo, dona Nélia é boa gente, fala com os alunos de igual pra igual e costuma trabalhar com a porta aberta - pra que ninguém precise bater antes de entrar. Mas estudante não perdoa nada, muito menos uma verruga no nariz. Resultado: ela ganhou o apelido de bruxa.

Pelo seu olhar inquisidor, suspeitei que eu seria acusada de herege e condenada à fogueira da expulsão. Ou bastaria uma suspensão pra que eu aprendesse a não confundir História com história? Já estava pronta a explicar que Joana d'Arc - a minha Joana d'Arc - era uma personagem de ficção, fiel apenas aos caprichos da minha imaginação imprevisível. Mas a explicação morreu na garganta. Quando pus os pés no gabinete, tudo o que consegui balbuciar, quase sem voz, foi uma tímida pergunta: "Mãe! Pai! O que é que vocês estão fazendo por aqui?".

Quem respondeu foi a bruxa. Ela sentou na sua cadeira de veludo, por trás de uma mesa de ferro escura e redonda como um caldeirão, e me informou que tinha mostrado aos meus pais a redação sobre Joana d'Arc. Resolvi bancar a inocente: "Por quê? A senhora não gostou?".

Dona Nélia sorriu, coçou a verruga com a tampa da caneta e admitiu que o texto estava bem elaborado, tinha coerência e coesão e, fora duas ou três vírgulas perdidas, não apresentava

nenhum erro de gramática. O problema era o conteúdo. Onde é que eu estava com a cabeça pra escrever que Joana d'Arc foi salva da fogueira por um soldado apaixonado?

Levantei o dedo e esclareci que Louis-Auguste era mais que um soldado, ele também trabalhou como médico, conselheiro e secretário particular da heroína. Minha mãe não se conteve: "Que história é essa, menina? Eu dou aula de História há mais de dez anos, fiz minha tese de doutorado sobre Joana d'Arc e nunca ouvi falar de Louis-Auguste nenhum". A diretora tentou se meter, mas minha mãe ainda não tinha terminado: "Eu aposto, Joana, que você fez esse texto pra me provocar".

A redação estava nas mãos do meu pai. Ele ficou um tempão de cabeça baixa, leu e releu a minha obra e fez uma crítica favorável: "Sinceramente, eu não vejo nada de grave no que a Dalvinha escreveu. Ela pode ter contrariado a história oficial, mas pelo menos foi criativa e demonstrou originalidade".

Pensei que a minha mãe iria se ofender e usar o gabinete como ringue pra mais um *round* da sua guerra conjugal. Nada disso. Pra minha surpresa, ela contou para a diretora que a nossa família estava passando por um problema muito delicado e que não era hora nem lugar pra discutir com seu... Será que ia dizer marido? Ou ex-marido? Na dúvida, deixou escapar um pigarro e antecipou o ponto final: "Não é hora nem lugar pra discutir".

Dona Nélia concordou prontamente, empurrou os óculos nariz acima e, afinal, revelou o que esperava de mim: "O professor Paulo acredita que essa redação só teria sentido na aula de Literatura, mas, como trabalho de História, não passa de uma brincadeira de mau gosto e por isso deu zero para a sua equipe. Você sempre foi boa aluna, Joana Dalva, e não costuma tirar notas abaixo da média. Por isso, convenci o professor Paulo a lhe dar uma segunda chance".

Pra melhorar a minha nota, o mais simples seria colocar o 1 na frente do 0. Mas não era essa a proposta: a bruxa queria que eu renegasse a minha versão sobre Joana d'Arc e redigisse uma nova redação, traçando o retrato sem sal de uma adolescente careta e assexuada que nunca teve espinhas nem se revoltou quando foi condenada à fogueira. Se eu topasse, a minha equipe seria absolvida do zero.

"E então, minha filha, estamos combinadas?"

Quem me fez essa pergunta foi dona Nélia. Ao ser chamada de filha pela diretora da escola, fiquei pensando como seria complicado ter duas mães e soltei uma risada que a bruxa interpretou como um sim. Mas logo tratei de desfazer o engano: "Não vou escrever outro texto só pra agradar ao Apolo. Quer dizer, ao Paulo". Ela fez um último apelo pra que eu mudasse de idéia - pelo bem das minhas colegas, que tinham sido prejudicadas pela minha redação. Não aceitei a chantagem emocional: Danyelle e Leninha só eram responsáveis pela primeira parte do trabalho então tinham nada a ver com o meu texto. O que o professor deveria fazer era dar uma nota separada para as duas.

Minha mãe e a diretora trocaram um olhar impotente. O que fazer, meu Deus, quando o bom senso e a voz da experiência não mudam a cabeça dura de uma garota de 13 anos? Dessa vez nem meu pai me deu apoio. Ele achava a minha prosa muito criativa e divertida, mas me aconselhou a criar juízo e deixar a literatura pra outra hora. O que é que me custava, afinal de contas, fazer uma nova redação?

Eu disse que não iria mexer na minha história por uma razão muito simples: tudo aquilo que tinha escrito podia realmente ter acontecido. Sempre achei que Joana d'Arc era esperta o bastante pra enganar os juizes da Inquisição e, com um pouco de sorte, escapar da prisão e da fogueira e voltar ao comando do exército francês, conduzindo seu povo à vitória na Guerra dos Cem Anos. Quando dona Nélia me perguntou de onde eu tinha tirado essa idéia, fui obrigada a falar em "intuição feminina". Não era um argumento muito convincente, mas pelo menos serviu pra encerrar a reunião.

Zero não arranca pedaço de ninguém, mas à noite meu pai veio aqui em casa pra ver se me convencia a fazer um novo trabalho de História. Eu estava saindo do banho quando ele chegou e, pelo sorriso de trégua que trocou com a minha mãe, percebi que aquela visita tinha o dedo dela. Muito provavelmente, o dedo indicador, que deve ter telefonado para o consultório do (ainda) marido em busca de ajuda pra lidar com a minha teimosia. Quem sabe uma conversa franca, de pai pra filha, não faria a menina botar a cabeça no lugar? Pra conseguir esse milagre, Dr. Néelson esqueceu que passava os dias lutando contra cáries e placas bacterianas e me trouxe de presente uma caixa de bombons.

Xandi achou que o presente era pra ele e, com a sutileza de sempre, rasgou o papel celofane, encheu a boca e os bolsos e saiu correndo para o quarto. Meu pai se atirou no sofá da sala e deu

um tapinha na almofada, fazendo sinal pra que eu me aproximasse. Sentei a seu lado e olhei para a caixa; sabia que aqueles bombons estavam recheados de segundas intenções e disse que não queria comer nada, chocolate provoca espinhas.

Meu pai falou que, de vez em quando, um bombomzinho não faz mal a ninguém. Resisti à tentação com a boca cheia d'água e continuei olhando pra frente: o Jornal estava começando. Depois de um curto silêncio, ele pôs a mão no meu ombro e disse que aquele trabalho de História... será que a gente podia conversar? Minha mãe saiu da sala e foi à cozinha preparar um lanche. De lá, podia nos ouvir à vontade, graças à cumplicidade do meu pai, que pegou o controle remoto e baixou o volume da televisão.

Naquela noite, as manchetes eram bem conhecidas: bala perdida atinge estudante na porta da escola, rebelião com reféns numa penitenciária de segurança máxima, pesquisadores descobrem nova droga contra a obesidade, mercado financeiro sofre um ataque de nervos e faz o dólar disparar, atentado suicida deixa dezenas de mortos e centenas de feridos na Faixa de Gaza. O que salvou o Jornal foi a última manchete. O ibope deve ter alcançado o Everest quando a Fátima anunciou a principal matéria da noite e provavelmente do ano, talvez da década:

REVIRAVOLTA NA HISTÓRIA: Joana d'Arc não morreu na fogueira!

Meu pai deu um pulo no sofá e aumentou o volume da televisão. Logo depois da vinheta, William Pedro, o outro apresentador, disse boa-noite com cara séria e acabou com o suspense: "Todos aprendemos na escola que Joana d'Arc foi condenada pela inquisição e queimada numa fogueira, em praça pública, aos 19 anos de idade. Mas essa história terá de ser revista. Arqueólogos franceses acabam de descobrir, nos arredores da cidade de Domrémy, os restos mortais de uma jovem que poderia ser a heroína francesa". A câmera passou para a Fátima: "Amostras do esqueleto foram encaminhadas para exames, mas os cientistas estão convencidos de que descobriram o cadáver da santa padroeira da França. De acordo com o diário encontrado ao lado do corpo, Joana d'Arc escapou da fogueira graças à ajuda de seu médico particular, o jovem Louis-Auguste, que teria entrado na prisão disfarçado de monge e se sacrificado no lugar da amiga".

Não consegui ouvir direito a frase seguinte, porque a minha mãe entrou na sala pra fazer o seu protesto: "Diário, que diário? Pois se ela era analfabeta!". Meu pai implorou silêncio e aumentou ainda mais o volume.

Com a Torre Eiffel ao fundo, o repórter enviado especialmente a Paris explicou à minha mãe e aos demais telespectadores que Joana d'Arc, após escapar da fogueira, voltou a liderar o exército francês e obteve a vitória final contra os ingleses na Guerra dos Cem Anos. Entre uma batalha e outra, ela teria tomado aulas particulares e aprendido a ler e escrever em francês, pra poder se corresponder com o rei Carlos VII sem intermediários, e também em inglês, pois antes de cada ataque tinha a delicadeza de enviar um ultimato ao chefe do exército inimigo, e não confiava muito em tradutores. Numa coletiva a jornalistas do mundo inteiro, o chefe das equipes de arqueólogos responsável pela descoberta declarou que tudo isso estava registrado na letra firme e no estilo sóbrio e corajoso de Joana d'Arc: "Além do talento de estrategista, a nossa santa também foi uma brilhante escritora e nos deixou esse diário, uma obra-prima tanto para a História quanto para a Literatura."

Vencida a Guerra dos Cem Anos, a heroína recusou todos os títulos e honrarias e voltou a viver na sua cidade natal, dividindo o tempo entre as orações, a caridade e a redação do diário. Os arqueólogos revelaram, ainda, que junto com o diário foi localizada uma caixa de prata com uma preciosa relíquia: as cinzas que seriam de Louis-Auguste, recolhidas pela própria Joana na praça aonde ele foi executado. Uma autoridade do Vaticano, que não quis se identificar, declarou que em breve o povo francês seria presenteado com mais um santo.

Minha mãe mal esperou o fim da reportagem pra me classificar como paranormal - única explicação pra eu ter adivinhado tantos detalhes sobre a vida de Joana d'Arc. Como profissional da saúde, meu pai era um pouco mais cético e sempre buscava provas científicas ou, pelo menos, argumentos lógicos. E não demorou a propor uma solução racional para o mistério: "Eu aposto, filha, que você fez a redação depois de ler a notícia na internet."

Fazia quase uma semana que eu não entrava na Internet, mas não foi preciso contestar a teoria do meu pai. O telefone tocou, bendita droga! Fui atender: dona Nélia. A bruxa me disse que estava assistindo ao Jornal e, em nome da escola, precisava se desculpar por ter questionado o conteúdo da minha bela redação. Também gostaria de me dar os parabéns por eu ser uma aluna tão bem informada, que tinha pesquisado antecipadamente a vida da santa padroeira da França.

Depois de desligar, olhei para a televisão e me vi no lugar da Fátima, com aquele penteado que todas as mulheres tentam (em vão) imitar e o mesmo jeito de dar as notícias como quem conta um segredo no ouvido. Que William, no futuro, estaria sentado a meu lado? Tentei imaginar o Guto grisalho, mas o telefone tocou outra vez.

Leninha também estava vendo o Jornal e me perguntou como é que já sabia da história de Joana d'Arc. Respondi que isso era segredo. O próximo a ligar foi o representante de turma: Marcelo adora filmes de suspense e me chamou de Sherlocka. Eu não queria passar o resto da noite ganhando elogios e dando explicações, por isso pedi a minha mãe pra atender a galera e informar que eu estava exausta e tinha resolvido ir pra cama mais cedo.

Dei um beijo no meu pai e soltei um bocejo pra mostrar cansaço. Ele disse que o professor de História teria de engolir aquele zero e, distraído com essa vingança, nem se lembrou de me mandar escovar os dentes.

Segui direto para o quarto, coleei as costas na porta e fui deslizando até o chão. Não sei quanto tempo fiquei ali sentada, olhando para o fundo do nada e tentando saber se eu era adivinha, paranormal ou detetive. Prever o futuro não é novidade, qualquer vidente pode fazer isso. Mas será que a minha redação tinha conseguido mudar o passado?

Meu pai não era o único a supor que fui buscar inspiração na Internet. Quando entrei na sala de aula, os colegas cercaram a minha carteira e me perguntaram em que *site* eu tinha descoberto tanta coisa sobre Joana d'Arc. Mas nem todos tinham assistido ao Jornal. Danyelle não me perdoava pelo zero e, com o dedo esticado e a unha afiada, me acusou de criar o herói Louis-Auguste só pra chamar a atenção do Luís Augusto.

A vergonha sempre me deixa vermelha, mas dessa vez devo ter ficado roxa. Por sorte, Guto estas no fundo da sala, distraído em amarrar o tênis, e acho que não ouviu nada. Leninha tentou me defender, dizendo que eu tinha razão: deu no Jornal que Joana d'Arc foi salva da fogueira por um tal de Louis-Auguste. Danyelle falou que não tinha tempo nem paciência de assistir televisão. Parece que também não gostava de ler, porque todos os jornais mostravam Joana d'Arc nas manchetes e teve até uma revista que publicou, em edição extraordinária, uma tradução resumida do diário. Mas a garota estava surda de raiva e continuou me apontando o dedo e me chamando de mentirosa. Jurou que não iria engolir aquele zero e ameaçou processar a escola (o pai dela é advogado) se ficasse com nota vermelha no boletim.

Considereei seriamente a hipótese de estrangular Danyelle, mas o professor de História entrou na sala e disse que ninguém precisava recorrer à Justiça pra processar a escola.

Na mesma hora, acabou o zunzunzum: cada um foi para a sua carteira. Apolo botou a pasta em cima da mesa e admitiu que tinha cometido um erro ao avaliar a minha redação: "Desse episódio, nós podemos tirar duas importantes lições. Não sei de onde Joana Dalva colheu as informações sobre Joana d'Arc, mas o fato é que a colega de vocês não se contentou com a história oficial da heroína francesa. Todo pesquisador tem a obrigação de desconfiar das verdades prontas e acabadas, mesmo que num primeiro momento seja incompreendido ou até ridicularizado". Fez uma pausa, piscou para mim e ensinou a segunda lição: "Como toda ciência, a História é uma espécie de organismo vivo, que deve estar sempre aberto a surpresas e utilizar todos os instrumentos e métodos disponíveis para interpretar o passado, inclusive a imaginação". Por fim, disse que a nossa equipe merecia dez, com louvor, e me pediu permissão pra publicar a redação no próximo número do jornal da escola.

A possibilidade de que o meu texto fosse lido por dezenas de alunos, talvez centenas, disparou o coração inédito desta futura escritora. Armei um sorriso de falsa modéstia pra agradecer a proposta e acabei ganhando uma salva de palmas puxadas pelo professor.

Depois que Apolo começou a encher o quadro, baixei a cabeça pra copiar a matéria e vi sobre a carteira um pedacinho de papel. Pensei que fosse outro pedido de autógrafo, mas me surpreendi com um bilhete:

Liguei para você ontem à noite, assim que terminou o Jornal. O telefone só dava ocupado. Querida te dizer que não fiquei surpreso com a descoberta dos pesquisadores franceses. Quando você leu a redação na sala, achei a sua Joana d'Arc muito mais real que aquela santa dos livros.

O papel não tinha assinatura. Imediatamente, me virei para trás: a turma inteira copiava as anotações do quadro – menos o Guto. Mordendo a ponta da caneta, ele me lançou um sorriso. Então era Guto o autor do bilhete?

Mais uma vez, consultei a intuição feminina. E tive a impressão de ouvir um sim.

Na hora do intervalo, fui assediada (essa palavra anda tão na moda!) por uma multidão de professores, alunos de outras classes e até funcionários da cantina – todos querendo mais detalhes e fofocas sobre o diário secreto de Joana d’Arc.

Quinze minutos de fama eu ainda suporto, mas aos poucos fiquei saturada com tantas perguntas e me refugiei no banheiro. A faxineira esfregava o chão com um pano que fedia a desinfetante, uma mistura de limão com eucalipto que deve matar os micróbios de enjôo. Pra não embrulhar o estômago, tapei o nariz e procurei me distrair com os poemas e recados de amor rabiscados nas portas e paredes. Também encontrei palavrões e uma acusação de galinha contra a professora de Educação Física, que teria dormido com todo o corpo docente da escola, inclusive com a diretora, ali chamada de dona Bruxa. O nome do Guto aparecia dentro de um coração com uma flecha e um recado: eu *ti* amo. Desse jeito mesmo: *ti* com *i*. A autora podia até ser uma gata, mas também era uma toupeira.

Terminado o intervalo, era hora de voltar para a sala e ouvir as emocionantes descrições dos ciclos evolutivos da *Giardia lamblia*, da *Entamoeba histolitica* e de outros protozoários que Ozeas, vulgo Ozônio, nosso professor de Biologia, costuma tratar como monstros de filmes de ficção científica. Não, eu não estava com paciência nem humor pra discutir a rotina dos vermes e continuei sentada na tampa do vaso até o banheiro ficar deserto. Precisava do silêncio pra tentar entender o significado daquela nova revolução francesa: o que é que a minha redação tinha a ver com o diário de Joana d’Arc?

Não consegui acompanhar o pique dos meus neurônios, cada um perseguindo uma idéia diferente e me deixando zozza de indecisão e angústia. Por um lado, gostaria de acreditar que tudo aquilo não passava de coincidência: era como se tivesse faturado a Mega-Sena acumulada e, em vez de milhões, ganhasse dez no trabalho de História. Mas, no fundo, eu sabia que estava me iludindo. Acertar os números de uma loteria depende exclusivamente de sorte, mas eu tinha desenterrado a verdadeira biografia de Joana d’Arc – e isso é uma proeza que requer talento.

Fui até a pia do banheiro e enfiei a nuca embaixo da torneira. Minha cabeça estava uma bagunça, nem uma gaveta no lugar. Eu tinha certeza de que não iria encontrar a saída de emergência sozinha. E decidi procurar ajuda.

Andróide com adrenalina

A patroa tinha acordado com uma enxaqueca horrível e não podia atender ninguém. Eu queria o quê, cortar o cabelo? Vaga, só no fim do mês.

Foi essa a resposta da secretária quando entrei no salão e perguntei pela Salete. Mariângela continuava parecendo uma secretária eletrônica: não apenas pela voz automática, mas principalmente pela frieza com que tentou me dispensar. Percebi que não adiantava bancar a boa menina e explicar que era urgente. Pra falar com a Salete, eu precisava simular uma tragédia. Com a minha melhor máscara de adolescente em crise, finquei os cotovelos no balcão e falei, com um sorriso manso: “Cortar o cabelo? Não, obrigada. Tô pensando em cortar os pulsos”.

Temendo que eu fizesse uma besteira, Mariângela subiu as escadas (de dois em dois degraus) pra saber se a Salete podia me receber. Fiquei esperando numa poltrona e procurei me distrair com uma revista de moda. Por mais que me esforçasse, não consegui me concentrar nas últimas tendências da moda outono-inverno e muito menos aprender os setes truques infalíveis pra disfarçar olheiras e rugas de expressão.

O tititi no salão estava tão animado que abandonei a revista. A principal atração era uma freguesa que tagarelava sem parar – da sala de espera eu não via o rosto dela, mas tive a nítida sensação de que conhecia aquela voz. A mulher fazia as sobrancelhas e dizia que qualquer sacrifício vale a pena pra fisgar um homem de verdade, porque hoje em dia quase todos são casados ou falsificados ou perderam o prazo de validade; o sexo masculino está em extinção, os movimentos ecológicos deveriam esquecer os micos-leões-dourados e fazer uma campanha pela preservação dos solteiros.

A gargalhada das funcionárias deixava a freguesa ainda mais falante. Ela contou que já tinha experimentado todas as dietas, cabelos, calcinhas, jóias e perfumes pra chamar a atenção dos homens, mas nada tinha dado resultado. Até que um dia, saindo do banho, olhou com atenção para o espelho e viu que o problema estava nos seios – ou melhor, na falta deles. Apesar do medo de anestesia, resolveu enfrentar o bisturi e saiu do hospital com a certeza de que o silicone mudaria a sua vida.

Silicone!

Quando ouvi essa palavra mágica, liguei a voz à pessoa: a tagarela era a Sueli, a tal que eu queria deletar com um controle remoto de gente.

A funcionária que fazia as sobancelhas de Sueli pediu que ela ficasse quieta, mas a perua precisava de gestos largos pra contar suas aventuras. Na tarde em que voltou do consultório médico, alguns dias após a operação, a energia do prédio acabou justamente quando Sueli estava dentro do elevador. No início, ficou nervosa: nunca gostou muito de escuro e menos ainda de altura. Mas por sorte tinha companhia. Alguém às suas costas sussurrou que não havia razão pra pânico. E disse mais: daria tudo pra passar o resto da vida preso no elevador com uma mulher tão bonita. Ela adorou o elogio, mas duvidou da sinceridade: "Como é que você sabe que eu sou bonita? Não dá pra ver nada!". O cara disse que era primo do Super-Homem e também tinha visão de raio X. Depois resolveu falar sério e transformou o elogio em cantada, confessando que a tinha visto entrar no prédio.

Quando o elevador voltou a funcionar, Sueli ganhou um convite pra almoçar e não se decepcionou com o rosto do desconhecido: a calvície parecia irreversível, mas, em compensação, a boca era larga, os dentes, alinhados e o antebraço, peludo. No restaurante, o homem contou que estava se separando e tinha um casal de filhos. Enfim, ninguém é perfeito! Explicou que não gostava mais da esposa, ou melhor, ex-esposa, e jurou que naquela mesma tarde iria procurar um advogado pra oficializar a separação. Por fim, estalou os dedos, pediu ao garçom uma garrafa de vinho e perguntou se Sueli acreditava em amor à primeira vista. Pra matar de inveja as funcionárias e freguesas, ela revelou que a noite iria jantar com o bonitão no Terraço, o restaurante mais chique da cidade. Uma das manicures não se conteve e perguntou, mordendo a lixa de unha, qual o nome do príncipe encantado. Sueli respondeu que, por enquanto, era melhor guardar segredo: tinha mais medo de olho gordo que de anestesia geral.

Sim, meu pai tem dois filhos e está pensando em se separar.

Os dentes dele são alinhados, mas isso é uma exigência da profissão.

Quem confiaria num dentista que mostrasse um sorriso podre? O antebraço peludo também não quer dizer nada: a ciência já provou que os homens são tataranetos dos macacos. Quanto à calvície irreversível e a boca larga, bem, esses são conceitos muito subjetivos. O que estou querendo dizer é que o meu pai, tão inteligente e elegante, jamais pensaria em passar o resto da vida preso no elevador com uma perua com cérebro de silicone. Ou será que esse é o sonho secreto de todo homem?

Por um lado, eu defendia o meu pai e relutava em acreditar que ele pudesse estar de olho na Sueli. Mas a minha certeza desmoronava quando me vinha à cabeça o lema preferido da Salete e de tantas mulheres: homem é tudo igual; se não for igual, não é homem.

Antes que eu chegasse a uma conclusão, Salete apareceu no topo da escada e começou a metralhar: "Pelo amor de Deus, Joana Dalva, o que é fazendo aqui a essa hora? Você não devia estar na escola? Tudo bem com o Júnior? Pode falar, não me esconda nada. O pai dele foi lá, hein? Não me diga que ele ameaçou o menino!".

Eu balançava a cabeça e repetia que não, ninguém nada com o Júnior, eu é que precisava de ajuda e queria conversar um pouco, só isso. Ainda trêmula e desconfiada, Salete me chamou pra subir e, como estava de regime, pediu a Mariângela um copo de água com adoçante.

O calmante diet logo fez efeito. Assim que a secretária voltou para o salão, Salete se desculpou por ter perdido o controle e disse que a cabeça dela estava um caos: tinha passado a noite em claro e não encontrou nenhuma saída pra proteger o filho.

Eu não estava entendendo nada, mas não precisei fazer perguntas. Falando baixo, quase sussurrando, ela me contou que no início da semana tinha sido procurada pelo ex-marido. Ele chegou completamente bêbado e armou o maior barraco. A sorte é que tudo de manhã cedo: Júnior já tinha ido para a escola e o salão ainda estava vazio. Mas as poucas freguesas presentes tiveram a oportunidade de assistir a uma cena de reality show, com direito a gritos, tapas na mesa e todo tipo de baixaria. O cara pegou um secador de cabelo e apontou para a Salete como se tivesse nas mãos um revólver. Falou que tinha sido roubado pela garota com quem morava e estava ali pra cobrar essa grana, porque, na lógica psicopata dele, a fulana era ex-funcionária do salão e deve ter aprendido o golpe com a Salete. Se não recebesse o dinheiro até o fim da semana, estava disposto a ir atrás de Junior e levar o garoto para bem longe, de preferência pra outra cidade, onde ele ficaria livre da mãe, das funcionárias e das freguesas, enfim, de todas essas dondocas que queriam transformar seu filho num boiola.

Tentei convencer Salete a ignorar a ameaça dizendo que depois da ressaca o sujeito não se lembraria de mais nada. Ela baixou a cabeça e disse que eu não conhecia o pai do Júnior: ele só foi embora porque teve medo de ser atacado pelo Frederico, mas prometeu que voltaria em breve pra dar fim no cachorro.

Não posso ver ninguém chorando que me dá vontade de formar uma dupla sertaneja. Pra consolar a Salete, eu disse o que sempre se diz quando não se tem nada pra dizer: "Se eu puder fazer alguma coisa..."

Falei por falar, pra quebrar o silêncio, mas ela levou as minhas palavras a sério e imediatamente engoliu o choro. Estávamos na mesa da copa, uma sentada de frente pra outra. Salete segurou a minha mão esquerda, examinou a palma com um sorriso e repetiu que pra mim nada é impossível: "O mundo está na sua mão, menina. Você é capaz de mudar a vida de qualquer pessoa."

Senti que era hora de falar sobre os meus supostos poderes – era pra isso, afinal, que eu estava ali. Quando contei que o diário de Joana d'Arc parecia uma cópia da minha redação, Salete me garantiu que não existem coincidências: a santa só tinha escapado da fogueira porque virou minha personagem. E, nessa condição, ela era obrigada a seguir o destino que eu tinha imaginado. A força das minhas palavras poderia não apenas alterar o passado, mas também transformar o presente e meter o bedelho no futuro.

Eu tinha mil perguntas na ponta da língua, mas de repente ouvi passos na escada e vi o pânico no rosto de Salete: talvez o ex ainda guardasse uma cópia da chave de casa.

A paranóia acabou quando Júnior entrou na copa. Ele ficou surpreso ao me ver e me perguntou por que eu tinha escapulado mais cedo. Respondi que estava sem paciência de assistir a duas aulas seguidas de Biologia, então aproveitei para passar no salão e marcar uma hora com a cabeleireira.

Júnior trazia uma mochila em cada ombro – e uma era justamente a minha. Estava pensando em levar os meus cadernos lá em casa, logo depois do almoço, e me disse que eu não tinha perdido nada: Ozônio passou o tempo todo contando aquelas histórias nojentas de crianças subnutridas que botavam vermes pela boca e pelo nariz e quase não teve tempo de dar matéria nova.

Joguei a mochila nas costas e agradei ao Júnior pelo trabalho. Ele balançou a cabeça: "Não foi nada". Salete me chamou pra almoçar, mas achei melhor ir embora.

Na porta do salão, dei de cara com a Sueli: cabelos dourados, unhas prateadas, sobrancelhas mais finas que os cílios postiços. O engraçado é que, apesar de tudo, continuava perua. Tinha feito limpeza de pele e o nariz estava vermelho como Marte. Enquanto preenchia o cheque, a dondoca se debruçou no balcão e contou pra Mariângela que tinha um jantar especial às nove. Será que até lá o nariz já teria voltado ao tamanho normal?

Do salão, fui direto pra casa, engoli a comida e me fechei no quarto – precisava esquecer a história da Sueli e fazer uma revisão para a prova de História. Mas como me concentrar? Em vez de prestar atenção no texto, fiquei reparando nas ilustrações e tentando descobrir quantos reis, príncipes e navegadores tinham boca larga, dentes alinhados e calvície irreversível. Logo me cansei do passatempo, telefonei pra Leninha e contei que estava planejando estragar o possível romance do meu pai. Ela me chamou de maluca, mas acabou concordando em me ajudar.

Naquela tarde, minha mãe não tinha aula na faculdade e ficou tomando conta da vó Nina. A pretexto de estudar até tarde para a prova, avisei que ia dormir na casa da Leninha e saí pela rua com a mochila estofada: além dos livros e apostilas, levava o meu melhor (na verdade, o único) vestido longo de seda e uma sandália de salto tão alto que, sem exagero, quando a calço e olho para o chão chego a sentir vertigem. Pensei em pegar emprestado o rímel importado da minha mãe, mas tive medo de ser descoberta, então me contentei em usar o estojo de maquiagem da Leninha.

Passamos horas na frente do espelho, experimentando todas as combinações possíveis de vestidos, sapatos, batons e cabelos. Leninha achava aquilo perda de tempo e me aconselhou a largar de frescura – não seria muito mais simples vestir *jeans* e camiseta? Ah, meu Deus, em que mundo vive essa garota? Tive de lembrar à minha ingênua amiga que o Terraço é um restaurante supersofisticado e nunquíssima iria permitir a entrada de duas adolescentes fantasiadas de adolescentes.

Em casa, Leninha falou que a gente pegaria um cineminha. A mãe dela achou um desperdício botar vestido de seda pra passar duas horas enfiadas numa sala escura, mas mesmo assim elogiou nossos modelitos e disse que o descanso era mais que merecido: depois de uma tarde

estudando, nada melhor que um bom filme pra relaxar. Só que a carona furou. No fim da tarde, o pai da Leninha ligou do escritório avisando que tinha uma reunião com a diretoria – sem hora pra terminar.

Subir em ônibus com salto alto é tarefa pra equilibrista. O jeito foi tomar um táxi. Do apartamento da Leninha ao restaurante, gastei quase metade da minha mesada. E ainda dei uma gorjeta ao motorista, que teve a delicadeza de abrir a porta do carro pra mim e me chamar de senhorita.

O terraço fica no décimo terceiro andar do mais novo *shopping* da cidade. Mais um 13 na minha vida! Será que esse pelo menos me traria sorte? Era difícil acalmar o coração e controlar a tremedeira, mas cruzei a porta do restaurante com o nariz levemente arrebitado – o suficiente para demonstrar segurança e ao mesmo tempo não passar por antipática. Leninha vinha logo atrás e ficou um pouco atrapalhado quando o *maitre* perguntou se tínhamos reserva.

Fomos levadas a uma mesa dos fundos, de onde eu via todo o restaurante e podia me dar ao luxo de vigiar o entra-e-sai do fregueses. Mas o casal que me interessava estava atrasado. O garçom nos entregou o cardápio: quase tudo escrito em francês. Os preços eram tão altos que pareciam números de calorias.

Leninha me disse que tinha dinheiro, mas achava melhor a gente ir embora. Será que eu estava preparada para ver meu pai com outra mulher?

Era impossível prever a minha reação, mas jurei que não tinha a intenção de quebrar copos e cadeiras ou afundar a cara da perua no prato. Leninha ficou um pouco mais tranqüila, perguntou ao garçom onde era o banheiro e saiu da mesa dizendo que estava sem fome. Só queria jantar duas ou três azeitonas.

Passei o dedo pela lista de preços e apontei o prato mais barato. O garçom recitou fazendo biquinho e logo em seguida traduziu: filé de frango grelhado com salada de aspargos e molho branco. Eu nunca tinha comido aspargos então resolvi experimentar.

De volta a mesa, Leninha olhou para o relógio e cismou que o meu pai tinha mudado de idéia ou de restaurante. Decidi esperar mais uns 10 minutinhos e puxei um assunto mais leve: "Você já ouviu falar em aspargos?". Ela respondeu que não conhecia ninguém com esse nome e, quando viu o tamanho do fora, começou a rir de nervoso e pediu ao garçom uma Coca *light*. Escolhi suco de laranja e fui obrigada a devolver o cardápio, que me servia de escudo para espionar o restaurante à vontade.

Dali a pouco, chegaram as bebidas e, finalmente, o prato principal. Eu estava tão nervosa que não reparei no sabor do aspargo. Leninha, em compensação, não comeu nem as azeitonas; depois de beber a Coca, ficou com vontade de fazer xixi e teve de voltar ao banheiro. Por um instante esqueci que estava ali pra dar um flagra no meu pai e ataquei o frango com os cinco sentidos. Mas foi o sexto que me fez levantar a cabeça e olhar na direção da porta.

Imediatamente perdi o apetite: Sueli estava entrando no restaurante.

O nariz tinha desinchado e não lembrava mais nenhum planeta, mas o vestido, verde e decotado, devia ser a última moda entre as *socialites* maricanas. Na falta do cardápio, escondi o rosto atrás do guardanapo e me senti uma daquelas mulheres muçulmanas que se cobrem com um pano, acho que o nome é burka. Ou burca? Depois eu pesquiso.

A minha burka caiu dentro do prato quando olhei para a careca irreversível – e descobri que não era o meu pai.

O coquetel de culpa com vergonha não abafou o meu alívio. Na verdade, eu me senti eufórica. E só não saí dançando sobre mesas porque tive uma nova surpresa, dessa vez não muito agradável: o amante da perua era ninguém menos que... o pai da Leninha!

Fiquei imaginando a decepção da pobrezinha se visse o pai e a Sueli trocando segredinhos no ouvido e fazendo tintim no champanhe. Quantos anos de terapia pra superar esse trauma? Eu precisava tomar uma atitude antes que a minha amiga saísse do banheiro e descobrisse que papai Noel não existe.

Mas fazer o quê?

De repente, me lembrei das palavras da Salete: "O mundo está nas suas mãos, menina. Você tem o poder de mudar a vida de qualquer pessoa".

Nunca fui tão ambiciosa. Escrevo pensando apenas em oferecer aos leitores uma boa história e, enquanto não tenho leitores, me distraio convivendo com as minhas personagens. Mas não poderia perder a chance de testar o poder das minhas palavras – e saber, de uma vez por todas, se foi mesmo aquela redação que mudou a biografia de Joana d' Arc.

Chamei o garçom sacudindo os braços. Ele percebeu a minha pressa e chegou à mesa sem demora. Tirou do bolso bloquinho e caneta e perguntou se eu queria mais um suco de laranja.

Eu aponte para a mão dele: "Quero a sua caneta e uma folha do bloco". Ele olhou para os lados e sorriu, com certeza pensando que eu estava a fim de mandar um torpedo. Mas pra quem? Não havia nenhum garoto no restaurante!
Escrevi uma história bem curta, com uma letra corrida e urgente que nem eu conseguia ler direito:

Sueli não imagina que uma barata cascuda e voadora está escondida dentro do cardápio. A barata vai ficar atraída pelo cheiro do silicone.

Quando pinguei o ponto final, Sueli pulou da cadeira e começou a gritar. O garçom correu até a mesa, atrás dele apareceu o *maître* e logo depois o gerente: ninguém entendia direito o que estava acontecendo, talvez a madame quisesse um copo d'água, quem sabe não era melhor chamar um médico? Ela informou, chorando de cócegas, que uma barata tinha mergulhado dentro do seu caridoso decote.

A solução foi apela para a *striptease*, abrindo o zíper lateral e baixando o vestido até a cintura. A barata também deve ter ficado com nojo, pois fez um vôo rasante em direção à janela do restaurante, em meio à gritaria das outras freguesas. O gerente pediu perdões e desculpas, isso nunca tinha acontecido antes, mas o pai da Leninha não queria conversa. Jogou o paletó no ombro da amante e foi embora trovejando.

Leninha me aparece na mesa dizendo que um bando de freguesas histéricas tinha invadido o banheiro - e tudo por causa de uma barata no decote de uma perua.

Quando contei que a perua se chamava Sueli, Leninha soltou uma risada cruel e, em seguida, ficou séria: "E o seu pai, Joana? Você falou com ele?". Respondi que tinha me enganado, o tal careca não era o meu pai. E fiz um sinal para o garçom.

A conta veio escondida numa carteira de couro, que abri com os dedos, como se estivesse desarmando uma bomba. Mas a explosão foi inevitável: o preço do jantar era mais terrível que qualquer inseto.

Ainda bem que Leninha tinha trazido dinheiro. Seria o bastante? Ela enfiou a mão na bolsa, ficou pálida e disse que a gente teria que dormir na delegacia ou então passar a noite acordada, lavando pratos na cozinha. Fiz o possível pra manter a calma: "Você não disse que tinha grana?". Ela sacudiu os ombros: "Acho que eu deixei na outra bolsa..."

Só não esganei Leninha pra não estragar as unhas. Sem dar nenhuma explicação, peguei a caneta, saí da mesa e fui até o banheiro. Fiquei trancada lá, à espera de inspiração, e, num pedaço de papel higiênico, criei um final feliz para a noite:

O garçom se aproxima da mesa e avisa a Leninha que tem uma surpresa: ela é a milésima freguesa do ano e, como prêmio, o jantar será por conta da casa.

Mas não parei por aí. Todo escritor é perfeccionista e sempre acha que pode melhorar o texto. Eu já estava na porta do banheiro quando lembrei que também não tínhamos dinheiro para o táxi e, àquela hora, seria muito perigoso enfrentar um passeio de ônibus. Com medo de ser assaltada, só precisei escrever mais uma frase:

Além de oferecer o jantar, o gerente do restaurante coloca um táxi à nossa disposição.

Ao sair do banheiro, quase fui atropelada pela Leninha. Ela veio esbaforida pra me contar a novidade: eu nem podia imaginar o prêmio que a gente tinha recebido.

Dessa vez, o motorista era um gordo mal-encarado que fumou durante todo o percurso, não me chamou de senhorita nem abriu a porta do táxi. Eu não estava com a menor disposição de olhar na cara do pai da Leninha e, se dormisse lá, correria o risco de ter de dar bom-dia e tomar café na companhia do cínico. Pra evitar esse *stress*, eu disse que achava melhor passar a noite com a minha mãe; ela ainda estava muito abalada com a recente separação.

Subi ao apartamento da Leninha pra trocar de roupa e voltei pra casa caminhando: um trajeto bem curto, só três quarteirões, mas não foi fácil arrastar a culpa de ter duvidado do meu pai. Minha mãe me recebeu com um bocejo: "Você não ia dormir na casa da Leninha?". Falei que tinha mudado de idéia e esperei que voltasse para a cama. Telefonei, então, para o hotel onde meu pai estava morando.

Ele atendeu com voz de sono interrompido e me perguntou se tinha acontecido alguma coisa. Não tive coragem de contar a história da perua - apenas mandei um beijo de boa-noite e disse que ele era o melhor pai do planeta.

Desliguei o telefone mais aliviada, mas continuei sentindo falta de um ombro. Passando em frente ao quarto da vó Nina, notei que ela ainda estava acordada e se distraía em rabiscar a parede com as unhas. Será que queria dizer alguma coisa com aqueles desenhos das cavernas? O sorriso, tão leve, mais nos olhos que na boca, me deixou um pouco de inveja da sua santa ignorância: deve ser tão bom viver assim, livre de culpas e aflições, sem esse aperto na garganta que me dava a sensação de edifício implodindo.

Demorei muito a pegar no sono, mas antes tivesse ficado acordada. Os pesadelos se sucederam num ritmo de filme de aventura, com algumas cenas de suspense e uma pitada de terror. Tudo começava no restaurante Terraço. Sem dinheiro pra pagar o jantar, fui levada à delegacia e, no caminho, liguei pra casa, graças à boa vontade de um traficante que viajava comigo no camburão e me emprestou um celular clonado.

Meu pai passou no restaurante, pagou a conta e apresentou o recibo na delegacia. Mas nem assim fui liberada. O delegado (que tinha a cara do pai da Leninha) explicou que eu estava ali não porque tinha comido de graça, isso não dá cadeia pra ninguém. O verdadeiro motivo da minha prisão era o assassinato de um inocente: quando escrevi aquela redação, a minha imaginação criminoso tinha condenado à fogueira o personagem Louis-Auguste. Tentei dizer que minha intenção era salvar Joana d'Arc, mas minha voz foi abafada pelo coro da multidão ("Bru-xa! Bru-xa! Queremos as cinzas da bruxa!") que cercava o prédio da delegacia. De lá, fui arrastada para a escola e submetida a um julgamento sumário. A diretora ajeitou os óculos de tartaruga e me chamou de feiticeira, pseudoprefeta, invocadora de maus espíritos, conspiradora, extraviada, sacrílega, idólatra, execrável, maligna, ávida de sangue. Ah, sim, e canhota! Escrever com a mão esquerda era um sinal evidente de que eu tinha parte com o demo.

Terminada a leitura da sentença, dona Nélia enfiou a mão numa urna, tirou lá do fundo um papelzinho dobrado e anunciou o nome da vencedora do sorteio. Danyelle! O prêmio? Uma caixa de fósforos pra acender a lenha da minha fogueira. Nesse momento, chegou a imprensa pra transmitir ao vivo a minha execução. Apesar da fumaceira, vi a Fátima da Glória entrar no meio do fogo, arriscando a vida pra conseguir uma entrevista exclusiva. Quando ela me perguntou se eu tinha esperança de virar santa, caí da cama e dei um berro que acordou a casa inteira.

Minha mãe entrou no quarto apavorada e me perguntou o que eu fazia de bruços no chão. Eu deveria responder que estava catando conchinhas ou perseguindo uma lagartixa ou consertando o estrado da cama, mas engoli o deboche e rosnei que tinha acabado de aterrissar de um pesadelo. Ela enxugou os olhos na camisola e me disse que eu era uma garota de sorte: meu sonho podia ter sido horrível, mas todos os monstros e fantasmas sumiam no instante em que eu acordava.

No meu caso, ao contrário, o pesadelo começava assim que ela abria os olhos, olhava para o lado e via o travesseiro do meu pai vazio.

Em vez de me ajudar a levantar, minha mãe sentou ao meu lado, no chão, e me implorou pra salvar o meu casamento: "Salete falou que você é poderosa. Na hora eu achei que fosse brincadeira, mas depois fiquei pensando que isso pode ser verdade. Ela ficou tão impressionada com as linhas da sua mão... Quem sabe você fala com o seu pai e convence aquele teimoso a voltar pra casa".

O despertador se meteu na conversa e me lembrou que era dia de prova. Prometi à minha mãe que daria um jeito, troquei de roupa e fui até o banheiro. Levei um susto ao olhar no espelho: bochecha amarrutada, olheiras de abismo e nem um fio de cabelo no lugar! Mas o pior efeito colateral do pesadelo apareceu na testa, bem no meio das sobrancelhas: uma espinha me fez sentir um perfeito rinoceronte. Cheguei bem perto do espelho; minha respiração embaçou o reflexo. Espremer ou não espremer, eis a questão! Essa dúvida existencial me fez perder uma década. Cutuquei a espinha com a unha, mas a dor me obrigou a mudar de tática. E se eu usasse, como camuflagem, um daqueles cremes milagrosos da minha mãe?

Gastei quase meio pote e saí de casa atrasadíssima. O ônibus estava demorando tanto que resolvi ir a pé para a escola. Maldita idéia! Suei o bastante pra molhar a blusa, o creme escorreu pelo rosto e, com certeza, cavei ainda mais as olheiras. Foi com essa máscara de horror que encontrei o Guto, no portão da entrada, com um chiclete na boca e a apostila de História debaixo do braço.

Virei o rosto para o outro lado, pra ver se escondia a espinha, mas Guto me chamou com um

psiu irresistível. Olhou para o relógio de pulso e disse que faltava um minuto para o sinal, por pouco eu não perdia a prova de História. O hálito de chiclete - menta com canela - me deixou completamente arrepiada! Falei que era melhor a gente se apressar, mas fui agarrada pelo braço e ouvi uma pergunta inesperada: "Você gosta de cinema?". Antes que eu pudesse respirar, ele me convidou pra assistir à estréia, no fim de semana, do mais recente episódio da sua série preferida, *O Andróide Exterminador III*.

Guto me garantiu que o filme era a maior adrenalina e me fez pensar no estranho destino de certas palavras. Adrenalina, por exemplo. Outro dia, abri o dicionário e li que adrenalina, substantivo feminino, é uma "substância incolor existente no organismo animal, onde tem importantes funções fisiológicas". Mas todos os garotos da escola acham que adrenalina é adjetivo, e usam e abusam dessa pobre palavra quando ficam empolgados com um filme de ação, uma final de campeonato e até um *cheeseburger* com bastante maionese e *ketchup*. Sempre me sinto um pouco irritada (neurose de escritora?) toda vez que algum colega vem me contar que isso ou aquilo é pura adrenalina. O engraçado é que, na boca do Guto, essa gíria gasta e sem graça ganhou uma originalidade imprevista, um toque de poesia que eu não tinha reparado. E eu, é claro, aceitei o convite. Nunca fui muito ligada nesses banguês-banguês do futuro, com robôs que querem salvar o mundo e, pra isso, destroem cidades inteiras e assassinam quase todo o elenco. Não assisti aos dois primeiros episódios da série, mas jurei que era louca pelo Andróide Exterminador e combinei de encontrar o Guto no domingo, às seis, na porta do Cine Veneza II.

Complexo de noiva abandonada no altar

Mesmo sem ter estudado para a prova, achei que não valia a pena me estressar; se não soubesse alguma pergunta, era só inventar a resposta e a minha história viraria História. Mas não foi preciso apelar para a imaginação, porque a prova estava uma moleza e a memória deu conta do recado. Quer dizer, moleza pra mim, a única da sala que conhecia a fundo a nova biografia de Joana d'Arc. Quase todos os colegas pareciam confusos e indecisos, sem saber se falavam da santa oficial da Igreja ou da *pop star* que não saía da mídia.

Foi pra acabar com essa dúvida que Marcelo perguntou, na qualidade de representante de turma, sobre qual dessas duas heroínas a gente deveria escrever. Apolo afirmou que só existia uma Joana d'Arc e sorriu pra mim. A classe entendeu a mensagem e espichou os olhos para a minha prova. O problema é que eu não tinha cabeça pra escrever sobre a Idade Média: só pensava nos heróis e guerreiros do futuro, como o Andróide Exterminador que iria ver no cinema, com a cabeça pousada no ombro do Guto.

Depois de uma noite de pesadelos, eu estava finalmente sonhando... e sem o risco de cair da cama! Meu ego tinha razão pra ficar inchado; afinal, não é qualquer garota que tem o privilégio de acordar com uma espinha no meio da testa e mesmo assim ser convidada pra ir ao cinema com o gato mais gato da escola.

Guto assistia às aulas no fundo da sala, mas naquele dia sentou ao meu lado. Eu queria saber (na verdade, confirmar) se a letra dele era a mesma do bilhete anônimo deixado na minha carteira. Só que não deu pra ler nada: a prova dele estava em branco. E ele também! Cheguei a pensar que aquela palidez rimava com timidez, mas logo caí na real e vi que o garoto sofria porque não sabia nada vezes nadica de nada sobre a vida de Joana d'Arc e iria ganhar um zero maciço!

O pior é que ele não era o único. Olhando ao redor, percebi que as provas estavam intactas. A maioria da turma tinha empacado na primeira questão, e cada um inventou uma ocupação (morder a tampa da caneta, apontar o lápis, lixar as unhas com a régua) pra fingir que raciocinava. Não me custava nada ajudar o Guto e, de carona, todos os meus colegas. Bastava fazer uma letra bem grande e redonda.

Guto ficou tão agradecido que me pagou um lanche no intervalo. Mas a maior surpresa do dia aconteceu no meio da tarde, quando abri a mochila pra conferir as tarefas do dia seguinte e um novo bilhete apareceu dentro do estojo:

Você é dez, Joana, bonita, inteligente, simpática e ainda por cima generosa com os colegas. Valeu por ter tentado me dar força, mas a verdade é que eu não prestei muita atenção na sua prova. Passei o tempo todo olhando a pintinha da sua testa, bem no meio das sobrancelhas, como é que eu não tinha reparado nisso antes? Um charme!

Os elogios me deixaram tonta, será que eu merecia tanto? Li e reli o bilhete até decorar palavra por palavra, beijei o papel com os olhos fechados e fiquei recitando em voz alta o poema. Tudo bem, o bilhete foi escrito em prosa, não rimava nada, mas pra mim as frases soavam como versos, e eu me sentia a musa inspiradora de um soneto alexandrino com rimas raras. Olhei de lado para o espelho e contei à minha imagem que o Guto, esse mesmo, o gato de quem eu vivia falando, pois é, então, ele estava completamente apaixonado por mim. Como é que eu sabia? Ora, essa! Só mesmo um cara babando de paixão poderia confundir o meu chifre de rinoceronte com uma pintinha charmosa.

Minha imagem não estava muito convencida e começou a implicar: se o bilhete não tinha assinatura, quem me garante que era do Guto? Eu disse que não havia dúvida. Depois de me esperar no portão da escola e me convidar pra ir ao cinema, ele não precisava assinar nada pra mostrar que queria ficar comigo.

Saí do quarto me abanando com o bilhete e fui até a sala pra telefonar: aquele segredo era grande demais pra ficar entalado na garganta. Mas não tive chance de falar.

Assim que eu disse alô, Leninha me lembrou que faltavam poucos dias para a Dany anunciar o resultado da loteria, e essa história estava causando o maior auê na escola.

Sim, eu sabia que Danyelle faria outro *piercing* secreto - e, segundo as regras da nova loteria, o garoto que adivinhasse o lugar exato poderia dar dois beijos, um em cima do piercing e outro na boca, de língua! Mas procurei fingir desinteresse, o que é que eu tinha com isso? Leninha abafou o riso e revelou uma fofoca fresquinha: na escola, corria o boato de que, dessa vez, a argolinha de ouro seria pendurada na ponta do *mamá!*

Levei algum tempo pra deduzir que Leninha estava se referindo ao bico do seio. Tão infantil, meu Deus, que ainda fala *mamá!* Eu disse que aquilo não podia ser verdade. A gente estava ao telefone, mas tenho certeza de que ela levantou as sobrancelhas quando perguntou: "Por quê? Você acha que a Dany não tem coragem?". Respondi que coragem ela até podia ter. Mas não tinha peito. E desliguei dando risada.

Minha mãe estava passando pela sala e me perguntou qual o motivo de tanta alegria. Eu teria o maior prazer em mostrar o bilhete apaixonado do Guto e contar que iríamos ao cinema, mas como falar de paixão a uma mulher que acabou de se separar? Guardei o bilhete no bolso da calça e tratei de mudar de assunto: "Vou ligar pro meu pai. Você não pediu pra eu conversar com ele?".

Foi a secretária - Xirlei, com X - quem atendeu. Eu jamais sentiria ciúme de uma mulher que mistura sandália de salto com meia, usa brinquinhos de duendes e pinta cada unha de uma cor. Mas minha mãe acha que sem roupa qualquer uma fica elegante - e vivia jogando indiretas para o meu pai arranjar uma secretária mais serena.

Naquela semana, a agenda do Dr. Nelson estava lotada, mas eu disse que não dava pra esperar, e a Xirlei concluiu que era dor de dente: "Tudo bem, pode vir agora mesmo". Enquanto eu trocava de roupa, minha mãe buscou a caixa de fósforos na cozinha e acendeu mais uma vela pra Santa Joana d'Arc.

Meu pai me recebeu com beijos e abraços e uma pulga atrás da orelha: como é que eu já podia estar com dor de dente se no mês anterior tinha terminado o tratamento? Ele acendeu um refletor no meu olho e me examinou com aquele espelhinho redondo. Não encontrou nada de errado e me perguntou onde é que doía.

Fiquei um instante em silêncio, sem saber como começar e, afinal, confessei que não tinha dor de dente coisa nenhuma, o problema era o meu sorriso. Desde que ele tinha ido embora, não havia mais motivo pra rir: "Xandi só falta botar fogo na casa, vó Nina está mais desanimada que o vaso de samambaias e eu não consigo dormir direito sem o beijo que, toda noite, ganhava na ponta do nariz. Mas o pior é a minha mãe dá pena ver o sofrimento dela pelo buraco da fechadura. Quando chega da faculdade, ela se fecha no quarto pra folhear o álbum de retratos e abafa o choro no travesseiro".

Meu pai me ouviu com a cabeça baixa, tentando encaixar a imagem do seu rosto no espelhinho redondo onde só cabem os dentes. Assim que terminei, ele tirou da minha testa um fiapo de franja e me perguntou se era a minha mãe quem tinha me mandado até o consultório. Fiz cara de ofendida e jurei que não, claro que não, que idéia! Ela nem podia sonhar que eu estava ali. Será que meu pai acreditou? Se fosse uma prova de múltipla escolha, eu marcaria x no "não". Ele me disse que também estava sofrendo, sentia muita falta de mim e do Xandi, não era fácil viver longe da família. Talvez um dia voltasse pra casa, mas antes de qualquer decisão precisava botar a cabeça e o coração em ordem e, naquele momento, não tinha certeza de nada -

somente de que a sala de espera eslava cheia e, por isso, não podia continuar conversando. Vi que não adiantava insistir e me despedi com um abraço mudo. Meu pai também não disse mais nada, apenas beijou a ponta do meu nariz.

Chegando em casa, encontrei a porta aberta. Minha mãe andava de um lado para o outro com a imagem de Joana d'Arc no colo e quase deixou cair a santa quando me viu sair do elevador. "E aí, filha? Falou com o seu pai? Pode dizer a verdade. Ele vai voltar?"

Não tive coragem de revelar o fracasso da minha missão diplomática. Sem tirar os olhos do chão, falei que meu pai não agüentava mais ficar longe dos filhos, da vó Nina e da mulher - principalmente da mulher. E prometeu que logo, logo voltaria pra casa.

Ela perguntou se eu estava falando sério, mas não esperou a resposta pra comemorar a novidade. Deu um beijo na santa e outro em mim, falou que amava as suas duas Joanas e rodopiou pela sala abraçada à imagem.

Iludir a minha mãe me deixou arrependida, mas achei que era tarde pra voltar atrás. Só havia um jeito de desfazer a mentira: inventar uma verdade. Segui até o meu quarto, abri a gaveta da escrivaninha e escrevi num bloco de rascunho:

Meu pai vai se apaixonar pela minha mãe, voltar correndo pra casa e se transformar num romântico compulsivo.

Conheço inúmeras receitas pra acabar com cravos e espinhas: pasta de dente, água sanitária, molho de pimenta e até uma mistura de mel com areia que, segundo uma dessas revistas de comportamento, seria "um santo remédio contra a verdadeira epidemia que destrói a pele e a auto-estima de nossos adolescentes". Já apelei, também, pra alguns tratamentos de choque. No início do ano, bem no dia da festa de aniversário do Guto, uma espinha amanheceu entre o nariz e a boca - elas adoram nascer em dia de festa. Tentei me livrar da maldita com um aparelho de barbear descartável e quase provoquei uma hemorragia. Além de perder a festa, passei o fim de semana trancada no quarto, com o rosto enfiado no travesseiro pra esconder do mundo o meu bigode de band-aid.

Não compreendo a lógica das espinhas. Algumas nascem prematuras, sem a menor chance de sobrevivência, mas de repente incham, começam a latejar e viram um Everest de sangue e pus. E outras, que à primeira vista parecem ouriços-do-mar malignos, acabam sumindo sem deixar rastro e fazem a gente acreditar em milagre! Foi o que aconteceu com a minha espinha mais recente, aquele chifre que brotou no meio das sobrancelhas e me fez sentir um rinoceronte pré-histórico.

Ao sair do chuveiro, encarei o espelho: nenhuma espinha no rosto. Eu deveria comemorar o milagre dando um beijo na boca da minha imagem, mas dessa vez fiquei aborrecida e até mesmo um pouco revoltada. Não era, afinal de contas, uma espinha qualquer... menos para o Guto, que no último bilhete anônimo caiu de amores pela falsa pinta.

Eu precisava fazer alguma coisa pra recuperar aquela marca registrada - como abrir o estojo de maquiagem da minha mãe e pingar ponto no meio da testa antes de seguir para o cinema.

Fingindo observar o cartaz do filme, passei os olhos pela fila da bilheteria e nem sinal do Guto. Fui até o pipoqueiro e perguntei as horas. Ainda faltavam dez minutos para o início da sessão, portanto era cedo pra entrar em pânico: relaxa, Joana Dalva, relaxa, com certeza o seu futuro primeiro namorado já deve estar a caminho, sabe como é o trânsito, daqui a pouco ele aparece e essa aflição vira passado, vocês vão mergulhar no escurinho de mãos dadas e trocar um beijo temperado de amendoim ou pipoca!

Sonhar com esse beijo não me acalmou. Pensei em entrar na fila da bilheteria, mas não queria passar pelo mico de ficar plantada ao lado da roleta, descarregando a raiva no chiclete e me abanando com dois ingressos inúteis. Pior ainda seria topar com alguém da escola.

O que eu diria pra Danyelle, por exemplo, se ela me visse sozinha e perguntasse, com aquele risinho cínico, quem eu estava esperando?

Eram seis em ponto quando voltei a consultar o pipoqueiro. Pra não encontrar ninguém conhecido, achei melhor atravessar a rua e me esconder na lanchonete, de onde eu podia controlar a entrada do cinema. Uma dona saiu de trás do caixa e se debruçou no balcão pra saber o que é que eu queria. Minha vontade, naquele momento, era desaparecer da face da Terra, mas poupei a mulher do meu mau humor, pedi uma Coca em lata e mostrei um sorriso quadrado.

Eu me sentia tão pequena que seria capaz de me esconder atrás da latinha. E cada casal que entrava no cinema me deixava ainda menor. Mesmo sem um pinga de sede, engoli o refri mecanicamente e usei o par de canudinhos pra fabricar uma pulseira de nós. Até que ficou bonitinha, mas acabei jogando no lixo. Ficar vaidosa pra quê? Pra quem?

Olhei para o relógio da parede: seis e treze. A bilheteria continuava aberta para os casais retardatários, que estavam mais interessados no escurinho que propriamente no filme e não se importavam de chegar atrasados. Era melhor pagar a conta e ir embora. Botei uma nota em cima do balcão e olhei meu rosto na caixa de metal onde ficavam espremidos os guardanapos de papel. Foi aí que enxerguei a verdade: o convite para o cinema não tinha passado de um golpe. O que Luís Augusto queria, aquele andróide exterminador, era me fazer um agrado pra que eu o ajudasse na prova de História.

Enquanto esperava o troco, amassei um guardanapo e esfreguei a testa até apagar aquela pinta ridícula.

É impossível esquecer o maior gato da escola assim, de uma hora pra outra, mas o complexo de noiva abandonada no altar terminou quando abri a porta de casa. Meu pai estava sentado no sofá da sala, assistindo a um amistoso da seleção, numa das mãos o controle remoto da tevê e na outra o joelho da minha mãe.

Ver os dois abraçados já seria motivo de espanto, mas meu queixo tinha outras razões pra cair e rolar até o rodapé. Minha mãe nunca teve paciência de acompanhar futebol, nem mesmo em época de Copa do Mundo, mas de repente estava criticando o esquema tático da seleção, sugerindo mudanças no meio-de-campo e xingando a mãe do bandeirinha que tinha marcado um impedimento duvidoso.

Cheguei bem no fim da partida e trouxe sorte: no último minuto, a seleção conseguiu fazer um gol e acabar com a monotonia do zero a zero. Em vez de jogar as almofadas pra cima, como costumava fazer, meu pai pegou a minha mãe no colo e deu-lhe um beijo. Ela me viu ao lado da porta e mostrou o típico espanto de quem é apanhada em flagrante: "Você por aqui?". Meu pai também ficou sem graça e, na falta de assunto, me perguntou que tal o filme.

Como confessar que tinha passado mais de meia hora na porta do cinema, esperando por um falso príncipe encantado? Falei apenas que já estava enjoada dessas histórias de ficção científica cheias de andróides e exterminadores, o que eu curtia mesmo era um bom drama romântico, de preferência em preto-e-branco, que terminasse com música de orquestra, lua prateada e *the end*.

Bastou meu pai abrir os braços pra eu sair correndo pela sala e mergulhar de cabeça no colo dele. No princípio, soltei um gemido seco, quase sem voz, mas aos poucos a angústia subiu pela garganta e não deu mais pra conter os soluços: eu chorava com a força de uma recém-nascida, e inundei a camisa dele. E logo a branca... de linho!

Assustado com a minha reação, meu pai quis saber por que eu estava triste. Fui obrigada a representar: "Triste, eu? To chorando é de emoção, só isso. Fiquei tão feliz de ver você e a mamãe aqui na sala, juntos outra vez, que acabei me derretendo. Você não vai mais embora, vai?". Minha mãe se apressou em responder que não, claro que não, agora a gente era outra vez uma família completa e nada mais iria nos separar, não é, querido? Meu pai concordou com a cabeça e disse que o momento merecia um brinde.

Enquanto ele ia à cozinha buscar uma velha garrafa de vinho, eternamente guardada pra ocasiões especiais, minha mãe ligou o som e escolheu um CD de axé. Eu não estava em clima de festa e saí da sala de fininho, mas quase fui atropelada pelo meu irmão. Pra comemorar a vitória do Brasil, ou quem sabe a volta do meu pai, Xandi corria pelo apartamento jogando estalinhos na parede. Como se não bastassem os fogos de artifício!

Eu só pensava em me trancar no quarto, tapar os ouvidos com o travesseiro e me livrar de todos os sons, ruídos, barulhos e vozes, principalmente da voz do Guto, que teimava em invadir a minha imaginação com mil e uma desculpas por ter me largado na porta do cinema. Mas estava cansada de ficar sozinha e, pensando bem, não há travesseiro que se compare a um ombro - mesmo que seja um ombro magro e gaga.

Deitada de barriga pra cima, vó Nina tinha os olhos fixos em uma lagartixa no teto. As duas pareciam vidradas como no jogo do sério: quem risse por último seria a vencedora. Percebi que a disputa poderia durar a noite toda e provavelmente terminaria empatada - a não ser que a

lagartixa despenhasse ou a minha vó caísse no sono.

A gaveta do criado-mudo guarda uma coleção de comprimidos de dar água na boca em qualquer hipocondríaco. E sobre o tampo de mármore fica a agenda onde são anotados os horários e as doses dos remédios, bem como o telefone da farmácia, do hospital e do médico. Foi nessa agenda que escrevi, bem no canto da página, com uma letrinha miúda que ninguém seria capaz de ler:

Cai do teto, lagartixa!

Logo depois da exclamação, a bichinha desabou no assoalho e saiu correndo pra baixo do armário. Vó Nina não tinha mais com quem brincar e, como eu previa, tirou os olhos do teto. Mas nem por isso me deu atenção. Virou-se de lado com dificuldade e começou a praticar o seu esporte favorito: descascar a tinta da parede com as unhas.

Essa mania veio dos tempos do internato. Os pais da minha avó moravam na fazenda e, na falta de uma boa escola nas cidadezinhas da redondeza, eram obrigados a mandar os filhos para os colégios internos da capital. Vó Nina foi pra um desses muito cedo, não sei se tinha sete ou oito anos.

No início, ficava o dia todo na cama, chorando e vomitando pra tentar convencer as freiras de que não se adaptava àquele regime militar e precisava voltar pra casa: na cabeça dela, era melhor ser uma analfabeta feliz que morrer de tristeza no meio dos livros. Mas não adiantou. As freiras achavam que os enjôos e desmaios não passavam de desculpa pra escapar dos estudos e obrigavam a menina a participar de todas as atividades normalmente: assistir às aulas, freqüentar as missas e até brincar de roda no recreio.

O ideal seria escrever para os pais, contando que estava adoecendo de saudade e pedindo pelo amor de Deus pra fugir daquela prisão, onde até as brincadeiras eram um castigo. Mas nessa época vó Nina só conhecia as vogais e umas poucas consoantes pra pedir um socorro decente. Ditar a carta a colegas mais adiantadas também não funcionou: a correspondência das alunas passava pela censura prévia de uma comissão de freiras antes de ser enviada para o correio ou para o lixo.

Se os dias no internato eram difíceis, as noites pareciam impossíveis. Nos fundos do colégio, havia uma floresta - e vó Nina, por azar, dormia ao lado da janela. Ou melhor: não dormia. De olhos e ouvidos arregalados, passava a madrugada escutando os uivos dos lobisomens, sacis, mulas-sem-cabeça, boitatás, curupiras e caiporas que infestavam as matas do Brasil e, de acordo com a freira que dava aulas de Folclore, à noite saíam da imaginação popular pra sugar o sangue fresco das alunas que fingiam estar doentes pra matar aula ou abandonar o internato. Sem conseguir pegar no sono, minha avó se encolhia na cama e arranhava a parede do dormitório até lascar a ponta da unha. O passatempo ajudava a combater a insônia e, aos poucos, foi virando mania.

Faz tempo que vó Nina está doente, mas eu lembro como se fosse hoje: todas as tardes, na hora do chá, ela lambia a borda da xícara, queimava a ponta da língua e se abanava com a torrada. Enquanto esperava o chá esfriar, ficava lembrando as histórias do internato e me contava que a turma inteira foi suspensa porque um morcego morto apareceu boiando no prato de sopa da madre superiora, que a professora de Latim caprichou demais na pronúncia e acabou cuspiendo a dentadura, que uma aluna se escondeu no confessionário, no lugar do padre, pra descobrir os pecados das colegas e professoras.

Eu conhecia todas as histórias de cor, mas sempre dizia que não, não estou lembrada, acho que essa a senhora ainda não me contou. E ela então dava um golinho de chá e descrevia as noites de insônia no dormitório do internato e os planos infalíveis e mirabolantes das alunas pra ridicularizar as freiras e agüentar a saudade de casa.

O derrame pôs fim às histórias da vó Nina, mas as minhas estão apenas começando. Mesmo sabendo que ela vive em outro planeta, ajoelhei-me à beira da cama e falei que tinha sido abandonada na porta do cinema e me sentia a última das adolescentes. E agora, o que fazer da vida?

Querida um conselho, mas ouvi um gemido: minha avó dormia com a boca aberta e metade da língua de fora. Foi então que olhei para a minha mão esquerda e tive a idéia mais absurda e pretensiosa do mundo.

Não sabia ao certo a extensão dos meus poderes, mas nos últimos dias tinha conseguido salvar Joana d'Arc da fogueira, enfiar uma barata no decote de uma perua, jantar de graça num

restaurante de luxo, salvar o casamento da minha mãe e despregar uma lagartixa do teto. Será que também seria capaz de tirar a minha avó do reino vegetal? Não custava tentar. Agarrei a caneta com força e escrevi na agenda:

Vó nina vai ficar curada.

Apaguei o abajur, saí do quarto e deixei a minha frase fazer efeito.

Striptease para menores de 18

A invenção mais perfeita da humanidade atende pelo nome de despertador. Torradeiras deixam o pão queimar, aviões transportam terroristas suicidas e usinas atômicas são seguras como vulcões fazendo a sesta. Despertadores, porém, nunca falham. Pelo menos o que eu tenho em casa. O modelo é tão vagabundo que falta o *H* na sua marca, *Ora Certa*. Comprei numa dessas lojas de R\$ 1,99; por causa do erro de ortografia, o balconista me deu um desconto. Até a pilha é falsificada. Pensei que teria uma boa desculpa pra matar aula de vez em quando, mas o relógio é irritantemente pontual e sempre me faz acordar de mau humor - ainda mais depois de ter desperdiçado a tarde de domingo na porta do cinema.

Eu daria tudo pra passar a segunda-feira na cama, escondida debaixo das cobertas, sem ter que encarar a humilhação de ir à escola e deparar com um tal de Luís Augusto. Foi por isso que dei um tapa tão violento no despertador. Ele caiu no chão e, apesar do tombo, continuou esgoelando até me tirar da cama. Por sorte, encontrei um lugar vago no ônibus e cochilei durante todo o trajeto.

Ainda estava bêbada de sono quando cruzei o portão da escola. No meio da rampa que leva ao pátio, vi uma mochila atrás da mangueira e pensei que estivesse pendurada num galho. Mas por quê? Por quem? Cheguei mais perto e quase morri de susto: o dono da mochila soluçava, com as mãos no rosto e o nariz no tronco.

Só dava pra ver o garoto de costas, mas arrisquei um palpite: "Juninho?". Ele não me respondeu. Por causa do choro, talvez não tivesse me ouvido. Chamei mais alto, nem assim me deu bola. Eu, hein! Fui até a mangueira e peguei no braço dele: "Ô, Juninho, fala comigo".

Depois de muita insistência, ele enxugou os olhos na gola da camisa e me fez um pedido, quase uma ameaça: "Por favor, Joana Dalva. Se você é minha amiga, nunca mais me chame de Juninho". Achei que não queria intimidade e tratei de apagar o diminutivo: "Tudo bem, Júnior". Ele reagiu: "Júnior também não".

Fiquei sem entender. Júnior pode ser um nome meio infantil, mas será que isso é motivo pra chorar de vergonha atrás de uma árvore?

Sempre achei que cada pessoa deveria escolher o próprio nome. Assim que nascesse, o bebê ganharia um apelido provisório (ou talvez uma senha) e só mais tarde, quando chegasse à adolescência, por exemplo, escolheria um nome definitivo. Isso parece maluquice, mas poderia evitar muitas tragédias. Minha mãe tem um primo em segundo grau que herdou do padrinho o nome de Anfilófilo - e passou a vida colecionando os mais humilhantes apelidos, nunca arranhou namorada nem emprego e acabou se matando com um vidro de calmante que tinha um nome parecido com o dele. No bilhete de despedida, confessou que seu maior sonho era morrer anônimo e fez um desesperado último pedido: que não escrevessem nada no seu túmulo, só as datas de nascimento e de morte.

É preciso ter muito equilíbrio psicológico pra se chamar Anfilófilo sem entrar em depressão nem pensar em suicídio. Mas o primeiro nome do Juninho não é nenhum palavrão, daí a minha surpresa quando ele disse que não queria ser chamado de nada. Acabei perdendo a paciência: "E eu posso saber por quê?".

Nesse instante, tocou o sinal da escola. O professor de Matemática faria uma revisão dos exercícios da apostila, mas eu estava mais interessada nos problemas do Júnior. Continuei a seu lado, em silêncio, até que ele tomou coragem de me contar que tinha entrado ladrão em casa. As portas da rua são protegidas por grades, as janelas dormem trancadas, Frederico fica solto no quintal e late até pra estrela cadente. Mas mesmo assim o assaltante entrou fácil - como se tivesse a cópia da chave. Foi direto ao quarto da Salete, abriu o armário embutido e revirou a terceira gaveta da esquerda, onde antes ficavam guardadas as jóias.

Boa parte dos brincos e anéis de ouro tinha sido levada pelo ex-marido, e o que sobrou não cobria nem os cheques sem fundo que ele salpicou pela cidade.

Salete era alérgica a bijuterias e passou muito tempo com os dedos e orelhas nuas. Mas nem por isso perdeu a paixão pelas jóias. Assim que se refez do prejuízo, ela retomou a coleção. Só que dessa vez foi mais esperta: em vez de guardar em casa, levou tudo para o cofre de um banco.

O ladrão não ficou nada satisfeito quando descobriu que a caixa de jóias estava recheada de lenços. Tinha chegado na ponta dos pés e, pra não acordar a dona da casa, puxou as gavetas em câmera lenta e apalpou as roupas com a ponta dos dedos. Mas logo, logo perdeu a cabeça, jogou no chão todas as roupas dos cabides, virou as gavetas de cabeça pra baixo e chutou as portas do armário.

Salete ajoelhou-se na cama e implorou ao ladrão pra não fazer barulho, pelo amor de Deus, se o menino visse aquela cena ficaria traumatizado pra sempre. Acontece que o menino tinha o sono leve e atravessou o corredor ouvindo a mãe jurar que não tinha nenhuma jóia em casa, nem mesmo a aliança de casamento.

Quando Juninho acendeu a luz do quarto, o ladrão correu até a janela e pulou no meio do quintal. Mãe e filho se debruçaram no parapeito e, de mãos dadas, ficaram torcendo pra que o cachorro ganhasse a corrida e se deliciassem com uma batata da perna ou um filé da bunda do sujeito. Mas ele conseguiu alcançar o muro, deixando pra trás um pé de sapato que Frederico mordeu, rasgou e enterrou.

Ainda debruçada à janela, Salete avisou que no dia seguinte iria procurar um chaveiro. Juninho respondeu que trocar as fechaduras era uma boa idéia, mas ele estava pensando em trocar de nome.

Só então os meus neurônios gritaram eureka: "Espera aí, garoto. Por acaso você tá me dizendo que esse cara que... era o seu pai?".

A cabeça baixa dispensava resposta. Juninho confessou que em todas as aulas, na hora da chamada, tinha a sensação de que estava sendo xingado, e respondia "presente" baixinho, quase sem voz; às vezes, preferia levar falta a assumir em público de quem era filho e xará. E também não adiantava ser chamado de Júnior, porque esse nome funcionava como eco, bumerangue e espelho do pai.

A única coisa que eu podia dizer, como consolo, é que também adoraria mudar meu nome. Juninho se espantou com o meu desejo, afinal eu tinha como modelo uma heroína adolescente que virou santa e padroeira de um país, não um louco que entra na casa onde morou pra roubar as jóias da ex-mulher. Eu expliquei que ninguém na minha família me chama de Joana Dalva. Pra minha mãe, professora de História, eu sou apenas Joana, mas meu pai só me chama de Dalva ou Dalvinha, em homenagem à minha avó. Ou seja: apesar de ter dois nomes, nunca consegui me identificar com nenhum.

Juninho contou que uma noite dessas estava sem sono e tentou todos os truques e dicas infalíveis pra dormir, do leite morno aos carneirinhos. Nada deu resultado. Lá pelas tantas, cansou-se de rolar na cama, foi ao banheiro pra fazer xixi e acabou se distraíndo com o espelho. Tentou encarar a sua imagem como se fosse um desconhecido e ficou pensando como se chamaria se não carregasse o mesmo nome do pai. Queria uma grife original e inconfundível, que traduzisse a sua alma e resumisse o seu estilo, mas passou um tempão olhando para o espelho e não encontrou nem mesmo um apelido. Quem sabe eu não poderia ajudá-lo a escolher um novo nome?

Prometi que daria uma olhada na Internet e também na biblioteca da escola, acho que lá tem um dicionário de nomes próprios e seus significados.

O sinal tocou em seguida, era o início da segunda aula. Juninho pegou uma manga que tinha acabado de cair e, a caminho da sala, perguntou se eu estava a fim. Sou alucinada por manga, mas fiz o sacrifício de recusar. Não queria que o Guto me visse com o sorriso amarelo.

Entrei na sala com o rosto virado para o quarto. A lógica me dizia, aos berros, que não devia nem olhar para o Guto, mas meu coração achava que eu estava sendo muito dura, todo mundo tem o direito a uma segunda chance. Quem sabe ele não foi ao cinema por causa, sei lá, de uma catapora?

Sentei no meu lugar e tentei me concentrar na apostila de História. Meus olhos acompanhavam as palavras até o fim, mas pouco depois abandonaram o texto e deram uma volta pela sala. Lá estava Luís Augusto, são, salvo e bronzeado, sem nenhuma mancha de catapora. Parecia tão bem humorado que piscou para mim e acenou. Não consegui decifrar o sorriso (arrependimento? Ironia? Amnésia?) e me virei para o quadro.

O professor entrou na sala com uma pilha de jornais debaixo do braço. Eu ainda estaca

anestesiada pelo sorriso do Guto e, ao ouvir meu nome, respondi sem pensar: "Presente!". A sala inteira desabou de rir. Só então percebi que não era hora da chamada. Apolo queria apenas me mostrar uma novidade: minha redação sobre Joana d'Arc ocupava a primeira página do *Olho Vivo*, o boletim mensal da escola.

Enquanto o professor passeava entre as carteiras, distribuindo os exemplares, ouvi a Danyelle sussurrar que estava acostumada a frequentar colunas sociais dos grandes jornais e não tinha tempo nem saco para ler aquele jornalzinho.

Tudo bem, *Olho Vivo* era mesmo zinho: poucas páginas, tiragem reduzida e alguns borrões que sujavam os dedos e embaçavam a leitura. Ainda assim me emocionei com a publicação do meu texto: eu não era mais uma escritora inédita! Olhei a minha volta, pronta para receber os parabéns, elogios e tapinhas nas costas, mas ninguém estava nem aí para a verdadeira história da Joana d'Arc. Os meninos foram direto para a última página, onde saíam as notícias sobre o campeonato intercolegial de futsal. Quanto as minhas possíveis leitoras, elas só estavam ligadas na coluna do horóscopo. Mesmo sabendo que o jornal era escrito pelos próprios alunos, as meninas faziam questão de conferir as previsões dos astros e vibravam com a notícia de que em breve tirariam a sorte grande no amor ideal.

Na hora do intervalo, a sala inteira saiu correndo e quase atropelou o Apolo. Leninha me cutucou: "Você não vai?". Quando perguntei aonde, ela me mandou descer da lua e me informou que aquela correria toda era por causa da Danyelle: finalmente ela iria revelar o esconderijo do segundo *piercing*!

Não adiantou sacudir os ombros e dizer que tinha mais o que fazer. Leninha sabia que eu também estava morta de curiosidade e me arrastou até o pátio, palco do tão esperado *striptease*.

É claro que estou exagerando, a Danyelle não teria coragem de tirar a roupa. Mas para mostrar o *piercing*, ela seria obrigada a levantar ou puxar ou abrir uma parte do uniforme – a gente iria assistir, portanto, um *striptease* localizado, sem música nem penumbra, uma amostra grátis liberada para menores de 18 anos. E isso já deixava os meninos sem ar. Eles se comportavam, alias, como se tivessem numa espécie de cabaré: contavam piadas, davam risadas e batiam palmas pra incentivar a estrela a começar o número.

Danyelle não tinha pressa e deu uma olhada no seu mapa. Não estou falando de seu mapa astral, nada disso: numa folha de cartolina, os meninos desenharam as silhuetas de uma garota, de frente e de costas, colocaram sobre uma base de isopor e espetaram dezenas, talvez centenas de tachinhas numeradas, cada número correspondente a um aluno. A legenda do mapa era uma lista cheia de nomes e números que ficou sobre a responsabilidade do Marcelo.

Motivada pelos assobios, Danyelle abriu um botão, mais outro e lentamente puxou a gola da camisa. O ombro era um depósito de sardas, mas muitos garotos perderam o fôlego e continuaram aplaudindo. Ela sorriu, espichando o suspense e, afinal, afastou a alça do sutiã: a argolinha de ouro estava pregada bem na clavícula!

Marcelo abriu caminho entre os colegas, retirou uma tachinha do ombro da silhueta e anunciou em voz alta o vencedor.

Não foi nenhuma surpresa ouvir o nome do Guto. Todo mundo já desconfiava de que aquela loteria era uma armadilha: Danyelle só escolheu o esconderijo do *piercing* depois de conferir o mapa de apostas.

Quando passou perto de mim, ela empinou ainda mais o nariz e descarregou todo seu veneno: "Viu, Joana? Eu não te disse que ele ia ficar comigo?".

O beijo eu ainda podia tolerar – desde que fosse breve. Mas ver um ex-futuro babando no ombro da Danyelle era demais para a minha beleza!

Sem pedir licença, saí atropelando pés e cotovelos e quase tropecei num idiota que usa o jornal *Olho Vivo* (e logo a página da minha redação!) pra construir um aviãozinho. Cheguei esbaforida ao balcão da cantina, pedi uma caneta emprestada e escrevi uma frase apressada num guardanapo de papel.

Depois de guardar o papel no meu bolso, tive o prazer e assistir a uma cena de filme de terror: um novo *piercing* – o terceiro – prendia um lábio no outro e não deixava a Danyelle dizer um aí – quanto mais beijar! Exatamente como eu tinha escrito:

Quero ver uma argola dourada fechar a boca dessa metida. Como se fosse um cadeado!

Foi preciso achar um alicate de unha pra livrar Danyelle da argola. Assim que pode falar, ela

soltou um arsenal de palavrões e correu até a cantina pra me espetar o dedo no nariz; tinha me visto rabiscando um guardanapo e queria saber por que logo em seguida ganhou um maldito *piercing* na boca. Será que eu poderia explicar aquela estranha coincidência?

Respondi que não lhe devia satisfação e fui acusada de bruxaria: "Sorte sua, Joana Dalva, viver no século XXI. Se tivesse nascido na Idade Média, você iria direto pra fogueira".

Para quem sonha em virar escritora, ser chamada de bruxa é um elogio: Machado de Assis, por exemplo, ficou conhecido com "o bruxo do Cosme Velho". Mas Leninha sentiu-se pessoalmente ofendida e disse que ninguém tinha o direito de humilhar a sua melhor amiga.

Danyelle falou que a conversa tinha chegado ao jardim-de-infância, cresça e apareça, e as duas começaram a discutir. Só não saíram no tapa porque o intervalo acabou. Ao ouvir a sirene, pensei: Estou salva! Acontece que Danyelle não queria trégua e me desafiou a provar que eu não era bruxa... mostrando o papel que eu tinha no bolso.

Vivo com os bolsos cheios de poemas, lembretes, recados, listas de compras, números de telefone e receitas caseiras para acabar com cravos e espinhas. Mas naquele dia fui pega de surpresa e não achei nenhum pedacinho de papel para enganar a Danyelle. Se ela lesse em voz alta a minha frase sobre o *piercing*, eu seria apontada como bruxa por todos os alunos e professores, com certeza acabaria expulsa da escola e ganharia de novo a primeira página do *Olho Vivo* – dessa vez acusada de usar a ficção científica pra prejudicar (por ciúmes) uma colega de classe.

Não, eu não podia passar por esse vexame. Achei melhor não reagir e saí caminhando pelo pátio como se nada tivesse acontecido. Danyelle me puxou pela blusa e avisou que não estava brincando: ou eu tirava o papel do bolso ou ficaria sem as calças. Fiz força pra rir da ameaça, mas gelei ao ver a espuma borbulhando no canto de sua boca.

A gritaria, a essa altura, já tinha virado zunzunzum. A escola inteira estava me olhando, arregalada, sem saber qual seria a minha reação. Pra dizer a verdade, nem eu mesma sabia. E só decidi na última hora, quando enfiei a mão no bolso: em vez de entregar o guardanapo a Danyelle, botei na boca, mastiguei e engoli o meu segredo.

Quando cheguei da escola, minha mãe estava deitada no tapete da sala, com os pés em cima do sofá, equilibrando o telefone entre o queixo e o ombro e enrolando os dedos no fio. Não pude ouvir todos os detalhes, porque ela não parava de rir e cochichar. O papo não tinha ponto final: então tchau, um beijinho, eu vou desligar, hein, outro beijo, até logo, não demora, ah, desliga você. E depois dizem que a adolescência é uma doença da puberdade!

A pele da minha mãe estava livre de espinhas, mas os hormônios não lhe davam um minuto de sossego. Depois de repetir "te amo" três vezes e encher de beijos o bocal do telefone, ela finalmente desligou e disse que meu pai nem parecia o mesmo. Tão atencioso, só vendo! Capaz de gentilezas que deixavam qualquer mulher arrepiada. Por exemplo: ele tinha acabado de descer até a portaria, pra buscar a correspondência, e ligou lá de baixo só pra dizer que estava morrendo de saudade, cada minuto longe dela durava um milênio.

Alem das correspondências, meu pai trouxe um buquê de flores do campo colhidas no jardim do prédio! O presente foi recebido como uma prova de amor eterno, mas pra mim aquele gesto não passava de uma agressão à ecologia. E também uma falta de respeito com os outros condôminos: se a epidemia do romantismo contagiasse os vizinhos, o jardim iria virar um deserto!

Falando assim, até parece ciúme. Mas se eu tinha razão de me sentir rejeitada: meu pai entrou em casa sem me dar nem um misero bom-dia! Na verdade acho que nem me viu. Foi logo pegando a minha mãe no colo e atravessou a sala cantando um bolero. O sofá é comprido o bastante pra abrigar toda a família, mas eles dividiram a mesma almofada e trocaram um beijo que só não entrou para o livro dos recordes porque eu comecei a repetir *rá-rá* feito uma louca engasgada.

Minha garganta já estava irritada quando o casal fez a gentileza de abrir os olhos. Meu pai ajeitou o cabelo e gaguejou uma pergunta brilhante: "Ô, filhota, você já chegou?". Seria uma ótima oportunidade de responder que não, eu ainda estava na rua, aquela garota ali na frente dele era minha sócia, irmã gêmea, miragem, fantasma, sombra, reflexo do espelho, holograma. Mas me limitei a suspirar de tédio. Minha mãe estranhou o meu silêncio: "Ta sentindo alguma coisa, Joana?". Eu disse que não, nada. Quer dizer, só um pouco de fome. E um cheirinho de queimado...

Minha mãe saltou do sofá e saiu correndo em direção a cozinha.

Tarde de mais: o arroz estava mais escuro que o feijão, o bife de frango parecia de boi e o suflê de batata tinha virado mingau. E agora, ligar pra um restaurante? Para o corpo de bombeiros? Meu pai declarou que aquilo não era o fim do mundo; na verdade ele até preferia bife bem passado.

Pensei que fosse uma piada, mas ninguém estava achando graça. Quando me atrevi a dizer que o almoço tinha pegado fogo, meu pai mandou que eu deixasse de frescura e ajudasse a servir a mesa.

Abri a geladeira e, lá no fundo, garimpei um pote de plástico com o resto da *pizza* da véspera. Ou da antevéspera? Da semana anterior? Não importava. Melhor *pizza* antiga que um filé de carvão! Levei o pote pra mesa e fiquei tentada a botar a fatia inteira no meu prato. Mas a consciência pesou: eu tinha que dividir com a vó Nina, ela não merecia comer aquela eca esturricada. Alias, ninguém merecia. Nem mesmo a Xandi.

Meu irmão é sempre o primeiro a correr pra mesa, mas dessa vez estava mais interessado em continuar se divertindo no quarto. Minha mãe teve de chamar duas ou três vezes pra que ele finalmente aparecesse na sala... montado na garupa da minha avó!

Quase tive um ataque quando vi a coitada de quatro, arriscando-se a quebrar a coluna pra fazer o Xandi se sentir um peão. Se fosse meu filho, ele ficaria no mínimo três meses sem televisão, computador, cinema, futebol, chocolate e pudim de leite condensado! Mas parece que a paixão deixou minha mãe e meu pai completamente cegos: eles só tinham olhos um para o outro e se distraíam em esvaziar o paliteiro pra formar corações sobre a toalha de mesa.

Pra atravessar a sala mais depressa, Xandi cutucou as costelas da vó Nina com as pontas dos calcanhares. Foi o bastante pra que eu empurrasse o prato e protestasse contra aquele absurdo; a minha avó estava, sim, velha e gagá, mas não podia ser tratada como um cavalinho de circo! Meu irmão pulou da garupa da vó Nina, que se levantou sem ajuda e espetou as mãos na cintura: "Quem te disse, Joana Dalva, que eu estou gagá?".

A borboleta que virou lagarta

Minha avó me disse que tinha acordado logo depois que saí para a escola. Bem disposta e faminta, espreguiçou-se até estalar os ossos e sentou na beira da cama. Só então percebeu que estava viva e tinha outra vez o controle do corpo. Levantou-se sem preguiça nem tonteira e caminhou até o banheiro assobiando. O espelho lhe deu um susto: as pálpebras caíam sobre os olhos, as sobrancelhas pediam uma boa poda e o cabelo branco deixava as olheiras ainda mais escuras. Pensou em ligar para o salão da Salete, mas deixou a vaidade pra outra hora; antes de cuidar da aparência, queria matar a saudade de um café à moda antiga, feito com coador de pano. Ultimamente, só usava os braços pra descascar a tinta da parede, por isso sentiu-se um pouco insegura ao tirar do fogão a caneca com água fervendo. Mas não derramou uma gota fora da garrafa térmica e ainda se deu ao luxo de segura o copo sem tremer.

Depois de contar que passou a manhã fazendo faxina no seu quarto, vó Nina reclamou do cheiro de queimado, amarrou um avental na cintura e prometeu que iria preparar um almoço rápido e decente. Xandi também seguiu para a cozinha e se ofereceu pra ajudar: já sabia, por exemplo, riscar o fósforo. Minha mãe achava que a cura da vó Nina era um milagre de Joana d'Arc; de mão dada com o meu pai, rezou uma Ave-Maria diante da imagem e agradeceu à santa por trazer a felicidade de volta ao nosso lar.

Eu deveria ficar orgulhosa dos meus poderes literários, afinal minha avó estava recuperada graças à frase que escrevi na agenda dela. Mas eu não conseguia tirar o Guto da cabeça. Pra não estragar a felicidade da família, fui para o quarto, desabei na cama e abafei o choro na mochila.

Pouco depois, vó Nina bateu na porta e anunciou o cardápio: "Macarrão parafuso com molho de tomate e manjerição". Sou maluca e doida por massa, ainda mais quando vem regada pelos molhos da minha avó. Ela sempre teve intimidade com o fogão e, antes de hibernar na doença, costumava criar uns temperos mágicos que nunca consegui imitar – nem mesmo seguindo passo a passo o seu caderno de receitas. Só de ouvir a palavra *manjerição* eu já começo a salivar, mas naquela tarde a tristeza era maior do que a fome. Falei que tinha perdido o apetite, mais tarde eu comeria qualquer coisa.

Do quarto ouvi minha mãe resmungar que eu parecia um palito, aos 13 anos ela já era uma moça; adolescente que não se alimenta acaba sofrendo de anorexia. Quando Xandi perguntou que bicho era esse, meu pai falou que existe uma doença, ou melhor, um transtorno alimentar que leva muitas garotas a sentir um medo mórbido de ganhar peso e por isso elas passam a

comer cada vez menos, aos poucos vão ficando fracas e anêmicas e podem até morrer. Meu irmão disse que tinha entendido tudo – ou quase tudo. O que queria dizer a palavra “transtorno”? E “mórbido”? E “anêmicas”?

Meu pai prometeu levar o garoto pra fazer uma excursão ao dicionário. Naquele momento, porém, não dava tempo: se Xandi não parasse de fazer perguntas, chegaria atrasado à escola. O tempero da vó Nina ganhou aplausos e elogios, mas todos estavam apressados e não houve tempo para bis: minha mãe tinha aula na faculdade e pegou carona com o benzinho.

Mal esperei que eles fossem embora pra chamar minha avó. Fazia um tempão que ela não entrava no meu quarto e parecia curiosa pra conhecer as novidades. Na verdade, não havia muitas mudanças: um cabide de madeira que eu tinha comprado num brechó; uma gravura de Van Gogh com um céu amarelo que mudava de tom e também de humor, dependendo do dia e da hora; uma tartaruga de feltro recheada com areia que não deixava a porta bater na parede; um quadro de metal com mil e uma fotos pregadas com ímãs coloridos.

Tinha fotos de parentes, vizinhos, amigos, colegas de sala e até de umas figuras que encontrei por acaso na internet e que acabaram virando amigos íntimos. Sonhava em pendurar no quadro um close do Guto sorrindo, mas a única imagem dele era um retrato meio fora de foco que saiu publicado no *Olho Vivo*: a turma inteira reunida no pátio, no dia dos jogos intercolegias.

Foi justamente nessa foto que minha avó reparou: “Eu aposto que o seu namorado está aqui”. Eu disse que não tinha namorado, quem me dera! Mas fui traída por um sorriso triste e admiti que sim, quer dizer, mais ou menos: eu estava afim de um colega de sala que não queria nada comigo.

Vó Nina subiu na ponta dos pés, examinou o recorte de perto e espetou o dedo no rosto de Guto.

Espera aí: quando pendurei no quadro o recorte de jornal, minha avó já estava de cama e não reconhecia mais ninguém. Como ela pode adivinhar, entre tantos rostos embaçados, qual o meu preferido?

A explicação era elementar: “O ímã que prende a foto está bem perto dele. Você botou esse ímã aí porque se sente atraída por esse garoto. Um gesto inconsciente, mas bastante significativo”. Achei graça da lógica sua lógica torta e dei-lhe os parabéns pelo talento, jamais podia imaginar que a minha vó era tão... psicóloga! Conte que no domingo eu tinha me produzido toda pra assistir à droga (não vi e não gostei) de um filme chamado *O Andróide Exterminador*. E o que é que eu ganhei? Guto simplesmente não apareceu nem mandou recado nem se preocupou em arranjar uma desculpa pra esconder o seu verdadeiro objetivo: ele só tinha me chamado pra ir pro cinema porque queria ajuda na prova de História.

Terminado meu desabafo, vó Nina me falou que toda a história tem dois lados (no mínimo) e que a maioria das tragédias poderia ser evitada com um simples bate-papo. Romeu e Julieta, por exemplo. Se tivessem trocado umas poucas palavras, esses dois malucos não teriam bebido veneno, mas champanhe, e a peça viraria uma comédia romântica. Eu respondi que não me chamo Julieta e não tenho nada pra conversar com aquele pseudo-Romeu. Se ele cismasse de tomar veneno, bom apetite!

Vó Nina sabia que eu estava falando da boca pra fora e me pediu o telefone do Romeu, ou melhor, do Guto. Pra que é que ela queria saber? Não me deu satisfação. Queria porque queria, pronto. E tanto insistiu que acabei contando.

Pensei que ela tivesse a intenção de arrancar algum segredo do Guto, fazendo-se passar por uma colega de sala ou admiradora secreta. Mas não foi pra dar um trote que pegou o telefone: “Augusto? Aqui é a Nina, avó da Joana Dalva. Tudo bem com você? Espere um momentinho, que a Joana vai falar”.

Por um instante, imaginei que minha avó tinha perdido outra vez o juízo. Como é que alguém pode empurrar a própria neta do alto de um edifício? Porque era exatamente assim que eu me sentia: caindo em queda livre e não avistando, a caminho do asfalto, nenhuma rede de proteção nem cama elástica nem copa de árvore nem toldo de butique, tapei o bocal do telefone e perguntei o que é que eu iria dizer. Vó Nina sacudiu os ombros: “Ah, isso é com você!” E saiu andando em direção à cozinha.

Tudo o que consegui – mesmo assim gaguejando – foi soltar um “alô, tudo bem?”. Guto respondeu que sim, tudo ótimo, e não esticou a conversa. Nem eu. Ficamos os dois de boca fechada, um silêncio brigando com o outro pra ver qual dos dois era o mais resistente. A ligação não estava muito boa e de repente ele resmungou “hein?”. Responde que não tinha dito falado nada, aquele barulho devia ser o chiado do telefone. Novo silêncio, dessa vez mais curto.

Quando Guto perguntou o que eu queria, deixei escapar um risinho nervoso e provoquei uma explosão: "Eu não te entendo, Joana Dalva. Primeiro você me deixa esperando na porta do cinema e agora liga pra zoar da minha cara!".

Mal esperei que ele terminasse: "Ta doido, é? Eu é que fiquei a tarde inteira feito estátua, na porta do Cine Veneza II, te esperando pra ver *O Andróide Exterminador III*. Que aliás deve ser uma bela porcaria!". Foi a vez de Guto dar a sua risada. Ameacei desligar, mas ele logo se explicou: "Eu te chamei pra ver *O Andróide Exterminador II* no cine Veneza III, e não *O Andróide Exterminador III* no cine Veneza II. Você trocou os números, garota!".

Por essa eu não esperava. Será que eu fiz uma confusão ou o Guto tinha inventado essa historia pra posar de vítima? A programação dos cinemas esta disponível na Internet e nos jornais, mas acontece que eu não queria me decepcionar (de novo), então preferi acreditar que não tinha entendido direito o convite – antes surda do que mal-amada!

Pra tentar me convencer que não estava blefando, Guto me perguntou se eu topava ver o filme no fim de semana seguinte. Ou, talvez, algum outro filme que não fosse uma porcaria. Deu trabalho explicar que aquela não era a minha opinião, quer dizer, eu só estava repetindo o que tinha lido numa resenha de revista. Ele – "Então no sábado, às quatro horas, eu te espero na porta do Veneza III pra assistir *O Andróide Exterminador II*. Entendeu direito ou quer anotar?". Chamei o Guto de engraçadinho, mas ele achou que a ironia era um elogio e me manou um beijo com *smack!* Depois da ligação terminada, continuei com o telefone colado na orelha e paguei o delicioso mico de rodopiar pela sala ao som da linha ocupada: aquele tu tu tu, sempre tão irritante, apreciava uma valsa vienense.

Acabei enrolando o pescoço no fio do telefone e por pouco não morro sufocada de amor. Ainda sem ar, entrei na cozinha patinando e dei de cara com a minha avó. Ela estava na beira do fogão e me perguntou as novidades. Como se já não soubesse! Não tinha mais ninguém em casa, a gente podia falar à vontade, mas existem segredos que só da pra contar em voz baixa. Foi por isso que eu fiz um túnel com as mãos e cochichei no ouvido da vó Nina que tinha confundido o endereço do cinema com o título do filme e, por causa desse mal-entendido, passei a tarde inteira do domingo esperando o Guto. Bem, pelo menos foi o que ele me contou – eu só não sabia se era verdade. E no fundo, não queria saber.

Aquele telefonema me devolveu a alegria e a fome, Vó Nina esquentou o macarrão, serviu meu prato com bastante molho, jogou por cima uma garoa de queijo ralado e me perguntou como era Guto.

No meu retrato falado, ele tinha olhos escuros e tristes e as sobrancelhas unidas por uma penugem douradas que só dava pra ver no intervalo, lá pelo fim da terceira aula, quando o sol batia na vidraça da sala. O nariz começava discreto, mas de uma hora pra outra, ganhava personalidade e se arrebitava, terminando em uma curva suave, sem nenhuma arrogância. E a boca, bem, a boca daria um filme de aventura! A cor era um pouco mais forte que o vermelho, como é que eu vou explicar? Um tom intermediário entre o molho de tomate com manjerição e o pôr-do-sol na primavera. Mas o que mais encantava era o lábio superior, virado pra cima, como se estivesse inchado, só um pouquinho, o bastante pra deixar aparecer uma amostra grátis dos dentes. O resultado era uma boca otimista, de bem com a vida, que dava alívio e consolo para a tristeza dos olhos. O que mais eu posso dizer? Ah, sim, o queixo! Na ponta, brotava uma muda de barba, quatro ou cinco fiapos que ele tinha mania de coçar (ou pentear?) com a lapiseira. E não posso deixar de mencionar os cabelos, que se enrolavam nas pontas e faziam Guto ficar parecido com um anjo barroco, um líder revolucionário ou um vocalista de banda de *rock*. Eu nem tinha chegado no pescoço (poderia passar a tarde inteira descrevendo o sobe e desce daquele gogó atlético) quando vó Nina me pediu pra conhecer pessoalmente o Guto. Achei a idéia ótima, que tal se no dia seguinte ela me buscasse na escola? Anotei o endereço e disse que na esquina tinha um ponto de táxi. Mas minha avó olhou para o papel. Sabia onde ficava minha escola e poderia muito bem ir até lá de ônibus.

Tenho a impressão de que *piercing*, assim como tatuagem e cirurgia plástica, é uma espécie de mania, quase um vício, quem prova uma vez não larga mais. Danyelle inventou aquela loteria ridícula e pendurou uma argolinha no calcanhar e outra no ombro, mas logo se cansou da monotonia do rosto e teve a maravilhosa idéia de espetar um pino em cada sobrancelha. Por fim, resolveu radicalizar e espetou alfinetes, agulhas, ganchos e espirais no rosto inteiro, do queixo a testa e de orelha a orelha.

Por causa desse exagero, os olhos de Danyelle não fecham direito. Hoje cedo, na aula de biologia, ela se virou para o fundo da sala e tentou piscar para o Guto. O resultado foi uma

careta esquisita que me fez cair na risada. A garota ficou ofendida: "O que é que foi, Joana t'Arc?". Desse jeito: em vez de d'Arc, t'Arc. Um *piercing* cravado na ponta da língua alterou a pronúncia de algumas consoantes, como t e d, que agora se confundem. Não resisti ao deboche: "Nata, não, Tanyelle".

O povo das carteiras vizinhas achou graça, mas Danyelle não estava num de seus melhores dias e só não me agarrou pelos cabelos graças à interferência do Ozônio. O professor de biologia perguntou qual o motivo do carnaval fora de época e falou que a gente beberia vitamina de ácido sulfúrico sem açúcar se não ficasse quieta imediatamente.

Por falar de vitamina, eu estava faminta e corri pra cantina logo após a aula. Guto me viu plantada na fila e me falou que tinha jogo na quadra – se eu ficasse na torcida, ele me daria um gol de presente.

Nunca fui muito ligada a futebol, mas aquele convite me transformou numa torcedora fanática. Apesar dos protestos do meu estômago, abandonei a fila da cantina, segui Guto até o ginásio e sentei bem no meio da arquibancada. A felicidade só não foi completa porque apareceu a Danyelle.

Ela estacionou no degrau de cima e começou a devorar um pastel de frango com catupiry que quase me fez babar. Tive que morder a língua pra não perguntar: "Oi, Tany. Me ta um pedaço?" mas me comportei civilizadamente, e, pra minha surpresa, ela adotou a mesma tática.

A trégua durou até o fim do jogo, que estava bastante disputado mas não sai do zero a zero. Lá pelas tantas, o Guto recebeu um cruzamento, matou no peito, deu um chapéu no goleiro e mandou a bola no ângulo. Mesmo sem entender de futebol percebi que aquela era muito mais que uma jogada genial: ali dentro tinha dança, teatro, cinema, circo e capoeira. Até os jogadores do outro time cumprimentaram o Guto, que se debruçou no alambrado e me mandou um beijo de presente.

Danyelle não perdeu tempo. Deixando o pastel de lado, ela suspendeu os braços e fechou lentamente – como se agarrasse um passarinho em pleno voo. O gesto me pareceu uma provocação pessoal. Virada pra trás, bati no peito e contei que o Guto tinha me prometido que faria um gol em minha homenagem. O beijo, portanto, era meu.

A resposta veio carregada de veneno: "Você não conhece o Guto, Joana. Ele tem mania de prometer gols pra todas as garotas da escola. Até mesmo para as bruxas". Quando eu disse que era melhor ser bruxa do que ter o rosto todo furado, igualzinho a uma alfineteira, Danyelle enrugou a testa e respondeu que não conhecia o significado dessa palavra. Como não? Qualquer analfabeta sabe o que é uma alfineteira, aquela almofadinha de espuma que as costureiras amarram no pulso pra pregar alfinetes e agulhas. A mentirosa jurou que não freqüentava costureira, cruz-credo. Só usava roupa de grife comprada em boutique do *shopping*.

Não tive tempo de dizer mais nada: o sinal encerrou o intervalo e o jogo. Danyelle usava tênis, mas desceu os degraus da arquibancada como se usasse salto alto. Fiquei olhando para a quadra vazia, tentando descobrir se o Guto tinha feito o gol só pra mim ou pra toda a galera feminina do ginásio. E não cheguei a nenhuma conclusão.

De volta a sala de aula, abri a mochila e descobri outro bilhete:

Eu poderia ter jogado melhor, mas não consegui tirar os olhos da arquibancada. Se tinha muita torcida? Não posso dizer. Só enxerguei você.

Achei que a Danyelle seria capaz de roubar o bilhete, como tinha feito com o beijo, e tomei cuidado de esconder o papel no bolso. Discretamente, olhei para o Guto e ganhei um sorriso que matou todas as minhocas da minha cabeça. Aquele bilhete provava que o gol era meu, só meu, de mais ninguém. O gol e o autor do gol!

Ficou combinado que minha avó me encontraria na saída da escola. Encerrada a última aula, arrumei a mochila, desci a rampa em disparada e fui uma das primeiras a chegar no portão. Olhei na direção do ponto de ônibus: nem sinal da dona Nina. Será que tinha acontecido alguma coisa? Balancei a cabeça pra afastar o pessimismo e fiz uns exercícios respiratórios que li numa dessas revistas de comportamento que meu pai gosta de espalhar na sala de espera do consultório. A série me deixou mais relaxada, mas meu coração não é muito zen e disparou quando vi o Guto indo embora.

Fiquei tentada a pegar no braço dele e pedir que esperasse um pouquinho: "A minha avó tá vindo só pra conhecer meu namorado". É claro que, apesar das aspas, isso foi só um pensamento. Jamais teria coragem de chamar o Guto de namorado – pelo menos até que a

gente se beijasse. E também não iria deixar o garoto de castigo na porta da escola, debaixo daquele sol desnaturado.

Enquanto esperava a minha vó, abri minha mochila e procurei no estojo uma bala de emergência pra tapear a fome. Só encontrei uma borracha. Era macia o bastante pra ganhar uma mordida, ainda mais que tinha um perfume (ou sabor?) de *tutti frutti*. Mas achei melhor comer pipoca. Fui até a barraquinha e pedi o maior pacote, com bastante queijo ralado e ketchup, e almocei ali mesmo na calçada, sentada em cima da mochila.

Não havia mais ninguém na frente da escola – só o pipoqueiro e eu – quando vó Nina apareceu na esquina, esbaforida e descabelada, dizendo que tinha tomado o ônibus errado. Por um lado até que achou bom: fazia tempo que não passeava pelo centro da cidade e descobriu uma porção de casa, lojas e até ruas novas. Mas queria tanto conhecer o Guto! Pediu desculpa pelo atraso e prometeu que no dia seguinte chegaria à escola antes do fim da aula.

Fui logo contando que tinha recebido três presentes: um gol, um beijo e um bilhete. Ela ficou curiosíssima: “Na boca?”. Eu suspirei; “Quem me dera!”. No ponto de ônibus, abri a mochila e retirei o bilhete de dentro do estojo. Vó Nina sorriu de leve, quase sem mexer a boca, e começou a tatear as letras como se estivesse lendo em braile. Foi dedilhando palavra por palavra, ergueu o papel contra o sol, examinou de um lado e do outro e por fim chegou a um veredicto: “Esse garoto gosta de você, minha filha. Gostar é pouco, ele te ama. Mas é tímido de mais pra dizer isso, veja só o pinga do *i*. Tão discreto que quase não se nota. As consoantes mais pontudas se inclinam para a direita, parece que uma brisa soprou e na caneta enquanto ele escrevia. A distância entre as letras demonstra solidão, mas na última frase, *Só enxerguei você*, as palavras se juntam como se vocês dois fossem um só. Também dá pra perceber, pelo ângulo do acento circunflexo, que ele vive um momento difícil, de muito sofrimento. Mas na há motivo para pânico: as vogais estão carregadas de esperança!”

O que será que o acento circunflexo tem a ver com o sofrimento? Vó Nina me contou que, quando moça, fez um curso de grafologia por correspondência e, a partir de então, passou a escolher os namorados pela caligrafia. Naquela época, os garotos tinham o estranho costume de perguntar para as garotas, cochichando no ouvido, se elas estavam a fim de namorar. A maioria falava sim ou não na hora, mas minha avó preferia dar um tempo e dizia ao pretendente (era assim que se chamavam os candidatos) pra fazer o pedido por escrito. E só respondia depois de analisar a letra deles, bem como os erros de ortografia.

O ônibus finalmente chegou. A caminho de casa, vó Nina me disse que vô Plínio vivia lhe fazendo convites pra festas e cinemas. No início, ela não queria saber dele e sempre arranjava uma desculpa pra escapar do grude. Até que um dia meu avô resolveu mudar de tática e, num gesto desesperado de tudo ou nada, mandou-lhe um buquê de rosas vermelhas. E bem no Dia dos Namorados! Minha avó adivinhou quem era o remetente e pensou em jogar o cartãozinho no lixo, mas ao ler o primeiro verso de amor sentiu que a sua vida nunca mais seria a mesma. Não por causa do soneto, que parecia roubado de algum poeta parnasiano; o que chamou atenção da vó Nina foi a palavra *coração*. Mais precisamente, uma única letra: o encanto estava no cedilha, aliás, na cedilha, tão triste e suave quanto o circunflexo que aparecia no bilhete do Guto.

Foi por causa dessa cedilha que eles começaram a se encontrar. Poucos meses depois, estavam casados e só não viveram felizes pra sempre por causa do coração do meu avô. Vó Nina era muito moça quando ficou viúva e bem que poderia ter casado de novo; segundo o folclore da família, pretendente é o que não faltava. Mas parece que nenhum deles tinha a letra como a do meu avô.

Ao descer do ônibus, ela tirou da bolsa uma foto do vô Plínio e me mostrou uma assinatura meio apagada no verso. “É ou não é uma letra especial?”

Não me atrevi a discordar. De mãos dadas, caminhamos até a entrada do prédio. O porteiro, pra variar, estava dormindo em serviço; da calçada dava pra ouvir o ronco. Acordado pelo interfone, seu Esteves veio correndo abrir a porta e escondeu o bocejo atrás de um bilhete de loteria. Vó Nina perguntou pela chave do apartamento. Ele disse que o doutor Nelson e a dona Sônia tinham saído com o Xandi e não deixaram nenhuma chave, não senhora.

Eu poderia ir atrás da minha mãe na faculdade, mas pra que todo esse trabalho? Enquanto vó Nina conversava com seu Esteves, recuei dois passos e anotei na mão:

A chave está dentro da gaveta.

Logo em seguida, me virei para o porteiro e delicadamente sugeri que procurasse mais um

pouco. Ele se irritou com a insistência e abriu a gaveta com má vontade: lá estava a chave do nosso apartamento! Sem saber como se explicar, o coitado pôs a culpa nos óculos. Minha avó falou que essas coisas acontecem, "Vai ver o senhor estava...". Ela ia dizer cochilando, mas fiquei com pena do seu Esteves e terminei a frase: "distraído!".

Depois de almoçar um balde de pipoca, eu não podia nem ouvir falar em comida de sal. Mas tenho um estômago de reserva só pra doces e fiquei com a boca cheia d'água quando entrei em casa e senti o perfume de canela. Olhei pra minha avó com uma careta de falsa censura: "Não vai dizer que a senhora fez... arroz-doce?". A resposta estava na mesa da sala. Aliás, metade da resposta. Porque o esganado do meu irmão (só podia ser ele!) tinha aberto uma cratera no meio da tigela.

Vó Nina sentou na minha frente, esperou que eu comesse e repetisse e então me perguntou quanto tempo esteve na cama. Fiz umas contas antes de anunciar o resultado: uns oito nove meses, por quê? Ela pegou a colher de arroz, olhou a própria imagem no lado convexo e sacudiu a cabeça, desanimada: "Tô igualzinha a uma ursa. Parece que passei anos hibernando". Eu ia dizer que não, que exagero! Ninguém pode confiar na imagem distorcida de uma colher. Mas Vó Nina não precisava de conselhos e já sabia muito bem o que queria: "Pra começar, vou pintar meu cabelo. Dá pra marcar uma hora no salão?".

Liguei para o salão da Salete e ouvi a secretária recitar o seu recado eletrônico: a agenda estava lotada, vaga só lá para o fim do mês. Tentei uma última cartada: "E se alguém desistir?".

Mariângela riu da minha esperança, mas anotou o meu telefone e ficou de entrar em contato "se acontecer esse milagre".

Virei pra minha avó e perguntei a que horas ela queria pintar o cabelo. Sem tirar os olhos da colher, ela me disse que às quatro estava ótimo. Apanhei uma caneta na mochila e anotei no bloco de recados que fica ao lado do telefone:

A cliente das quatro vai ligar para o salão da Salete e avisar que apareceu outro compromisso.

Um minuto depois, Mariângela me telefonou pra dizer que eu era uma garota de sorte: a cliente das quatro tinha acabado de desmarcar. Pensei em responder que milagres acontecem, mas preferi não desperdiçar o meu estoque de ironia.

Salete deixou cair o alicate de unha quando a gente entrou no salão: "Que surpresa, dona Nina! Mas a senhora não estava...". Foi a própria Vó Nina quem preencheu as reticências: "Morta, minha filha. Eu estava praticamente morta. Mas ontem de manhã resolvi ressuscitar". As duas se abraçaram com escândalo e trocaram beijos e saudades. Salete achava que aquela notícia merecia um tintim e levantou a xícara. Minha avó aprovou a idéia de brindar com café, mas disse que queria emagrecer e pediu umas gotinhas de adoçante. Uma mulher cheia de rolinhos se meteu na conversa e falou que Vó Nina não precisava de dieta nenhuma, imagina, quem lhe dera virar avó com aquele corpo de menina! Outra freguesa confessou que já tinha experimentado de tudo pra acabar com a flacidez das coxas, mas nenhum reme nem lipo nem musculação deu resultado. O que é que minha avó recomendava?

Vó Nina disse que elas estavam exagerando: Como é que uma mulher com cabelos brancos, sobancelha grossa, pele seca e cutículas selvagens podia se dar ao luxo de distribuir dicas e conselhos de beleza? Mas as clientes acharam que ela escondia o jogo e continuaram implorando a receita da eterna juventude – ou, pelo menos, o nome do cirurgião plástico.

Depois de jurar que comia de tudo e não praticava nenhum tipo de ginástica, nem mesmo caminhada, Vó Nina sentou no sofá e começou a mexer numa cesta de vime entulhada de revistas de fofoca. Encontrou um *Catálogo de cores para os seus cabelos*, folheou pra lá e pra cá e disse que estava em dúvida entre o castanho-fosco e o sépia-sutil. Qual dos dois seria mais adequado pra uma jovem senhora da terceira idade?

Salete declarou que catálogo de cores é ótimo pra quem quer pintar parede, mas os cabelos têm vida e raiz e não podem ser tratados como objetos. Se a quiromancia desvenda o futuro, por que não serviria pra ajudar clientes indecisas a escolhera cor dos cabelos ou o penteado mais adequado à personalidade?

A análise da mão da Vó Nina foi rápida e levou a um inesperado diagnóstico: ela deveria pintar os cabelos com uma cor forte e quente. De preferência, o vermelho.

Uma freguesa achou que tinha ouvido mal e pediu à cabeleireira pra desligar o secador. Vó Nina admitiu que sempre teve vontade de experimentar um corte mais moderno e uma cor mais viva,

mas nunca pensou no vermelho, onde já se viu? Ainda mais na idade dela! Salete lembrou que aquela era a cor da paixão. E na mão da minha avó estava escrito, com todas as linhas, pra quem quisesse (ou soubesse) ler, que em breve ela viveria uma paixão vermelha, vermelhíssima. Essa seria a cor ideal para os cabelos e as unhas. Sem falar, é claro, no batom. Os outros secadores foram se calando, um após o outro, até que o salão inteiro fez silêncio. Percebendo que ninguém acreditava na sua previsão, Salete tirou do bolso do jaleco uma lixa de unha e apontou para a palma da mão da vó Nina: "Esta aqui é a linha da vida. Ela vai ficando fininha, olha só, e quase de apaga. É o tempo que a senhora passou de cama, sem vontade de viver nem coragem de morrer. Mas de repente a linha reaparece com a força de uma cicatriz e se enrosca nessa outra, que é a linha do amor, e também nesta aqui, a linha da razão, formando um nó que nem o diabo seria capaz de desatar".

O silêncio foi quebrado por um latido que parecia vir do quintal. Salete olhou mais de perto para o tal nó e anunciou sem hesitar: "Eu também vejo, dona Nina, que a outra metade dessa paixão é uma pessoa mais nova. Aliás, bem mais nova!".

É claro que vó Nina não estava levando a sério aquele papo, mas mesmo assim perguntou, só por curiosidade geral, qual a diferença de idade entre ela e o seu futuro namorado. Salete apalpou a mão da minha avó e falou em cinco, talvez seis, seria difícil fazer um prognóstico exato. Quando alguém comentou que meia dúzia de anos não era não era muita coisa, a dona do salão explicou que não estava falando em anos. A diferença era de mais de cinco décadas! Todo mundo confia nas previsões da Salete, mas não dá pra imaginar vó Nina com o cabelo curto e vermelho, aos beijos e abraços com um garoto que poderia ser seu neto. As freguesas achavam que aquelas histórias era um absurdo, uma loucura, uma delícia, uma piada, um escândalo, enfim, as opiniões se dividiram. Minha avó se abanava com o catálogo e me olhava à espera de socorro. Eu disse que a mulherada estava morrendo de inveja. Ela queria mudar de visual, não queria? Pois então que aceitasse a sugestão da Salete e apostasse no vermelho. Vó Nina trocou uma idéia com o espelho e concluiu que, pensando bem, não tinha mais idade pra se preocupar com a língua alheia. A decisão provocou aplausos e vivas – até as freguesas mais conservadoras reconheceram a coragem da minha avó de ignorar o possível (provável) ridículo. Ela vestiu um avental comprido e se recostou na cadeira, fechando os olhos quando a cabeleireira deu início à massagem com xampu.

Salete me levou pra um canto e me perguntou, baixinho, se eu já estava exercendo o meu poder. Fiquei um pouco indecisa, sem saber se podia me abrir. Ela pôs a mão no meu ombro e baixou ainda mais a voz: "Foi você que curou a sua avó, não foi?".

Não sei ler as linhas da mão, mas de olho eu entendo bem, e os olhos da Salete eram fundos o bastante pra guardar o meu segredo. Confirmei com a cabeça e contei que as minhas palavras tinham vida: à noite, rabisquei um bilhete, dizendo que vó Nina iria se curar e, no dia seguinte, ela estava de pé.

Aquela, na opinião da Salete, era a verdadeira literatura de auto-ajuda!

A gente queria continuar conversando, mas o papo foi interrompido por uma dondoca que exigia exclusividade: "As minhas unhas são como filhas. E só a dona deste salão tem permissão pra cuidar...". O resto não deu pra ouvir direito, por causa do festival de latidos. Salete me falou que não tinha sossego: desde que o seu ex-marido invadiu a casa, Júnior só cuidava de adestrar o cachorro. Acontece que Frederico não era muito obediente e disparava a latir quando recebia ordem de atacar. Ela estava com um mau pressentimento e me pediu pra falar com o garoto. Quem sabe eu convencia o teimoso de que cachorro não é revólver?

Vó Nina saiu do salão com passos firmes, orgulhosa da sua decisão de tingir os cabelos de vermelho. Mas a auto-estima evaporou quando cruzamos o portão do nosso prédio. Ela subiu no elevador com a mão na boca, roendo o esmalte ainda fresco, e empacou na porta do apartamento. Cadê coragem de enfrentar a opinião da filha e do genro?

Os dois estavam na sala, folheando guias de viagens e percorrendo com os dedos as estradas de um mapa estendido do meu pai, que me acenou sem se virar e continuou falando sobre a beleza das praias do Nordeste e das cinco estrelas do hotel com vista para o mar onde eles ficariam hospedados. Da minha mãe, nem um oi. Ela disse que aquela viagem sairia muito cara, quem sabe não era melhor esperar as férias de janeiro, quando pagariam a última prestação do carro, ou então optar por um pacote mais barato e dormir numa pousada?

Meu pai bateu o pé e respondeu que não, nada de economia, o amor não tem preço, passagens e hotéis já estavam reservados. Tudo dependia, agora, da sogrinha.

Ao perceber que era o tema da pauta, vó Nina saiu do corredor e entrou na sala de mansinho.

Na mesma hora, minha mãe se levantou da cadeira, sacudiu um folheto de turismo e foi direto ao assunto: ela e papai estavam planejando passar alguns dias em Porto Seguro. Não foi lá que o Brasil nasceu? Pois então! Não existia lugar melhor pra recomendar um relacionamento. Só um detalhe: alguém teria de tomar conta da casa. Leia-se: Do Xandi e de mim.

Quando vó Nina se ofereceu como voluntária, o caszinho de pós-adolescentes se beijou como se já estivesse em Porto Seguro, enfim só no quarto do hotel com vista para o mar. Sempre me achei um bocadinho romântica – qualquer Lua cheia me arranca suspiros. Mas aquele beijo melado me embrulhou o estômago. Eu não podia concordar com o egoísmo cego dos meus pais, que não fizeram nenhum comentário, observação, referência, elogio ou crítica sobre a nova fachada da minha avó.

Na verdade, eles nem perceberam a novidade. Fui obrigada, então, a informar que tínhamos passado à tarde no salão.

Minha mãe apontou para o cabelo da vó Nina e deixou escapar um ó. Apenas isso: ó! A opinião dela se resumia a uma letra. Meu pai também parecia espantado, mas só falou depois de dar uma volta ao redor da sogra pra examinar o penteado por todos os ângulos. Aí levantou os braços e disse francamente o que pensava: é. Como se verbo fosse adjetivo.

Vó Nina balançou a cabeça e concluiu o óbvio: “Vocês não gostaram”. Minha mãe garantiu que não era bem assim: o vermelho nunca sai de moda e dá uma aparência, como dizer? Quem disse foi o meu pai: diferente!

Esse é o tipo da palavra que à primeira vista soa simpática, mas no fundo não significa nada.

Diferente de quê? De quem? Minha avó se virou para o Xandi que tinha saído do banho e entrado na sala enrolado na toalha. O insensível disse que vó Nina estava parecendo uma lanterna e começou a mexer nos mapas e folhetos espalhados sobre a mesa. Ao ouvir falar em nova lua-de-mel, ele contou que era doido pra conhecer a Lua e andar de foguete, será que poderia usar roupa de astronauta? Minha mãe explicou que dessa vez só ela e papai iriam viajar – e para a Bahia, não para a Lua. Nas próximas férias, quem sabe, a gente passava uma semana na praia!

Foi então que explodiu a birra. De nada adiantou vó Nina prometer passeio no cinema, na sorveteria, no planetário e no *shopping*. Só houve trégua quando minha mãe anunciou que traia um presente bem bacana – desde, é caro, que ele parasse de chorar. Meu pai resolveu fazer graça: “Que tal ganhar um irmãozinho?”.

Xandi deve ter imaginado que a idéia era adotar um órfão na Lua. E foi logo avisando, aos berros, que não estava a fim de dividir o quarto com um ET.

Pensei que só existissem bodas de prata e de ouro, mas de repente descubro que tem festa pra todos os gostos: um ano, bodas de algodão; dois anos, de papel; três, trigo; quatro, cera; e por aí vai. Quem me deu essa preciosa lição de cultura inútil foi a Leninha. Os pais dela estavam completando 15 anos de casamento e iam comemorar, na sexta à noite, bodas de cristal. Quando ela me convidou para festa, eu me lembrei do terrível jantar no restaurante Terraço, aonde fomos pra dar um flama no meu pai e acabamos, quer dizer, *eu* acabei pegando o pai da Leninha com uma perua siliconada. Será que com a amante ele também comemorava bodas? Falei que aniversário de casamento é programa para a segunda idade, quase terceira, e além do mais eu tinha combinado de sair com a minha avó. Leninha reconheceu que a festa não era para o nosso bico, mas justamente por isso tinha convidado alguns amigos – única maneira de não se sentir deslocada.

Opa! Por acaso eu ouvi a palavra... Amigos? Na semana anterior, tivemos uma revisão sobre o emprego dos substantivos. A professora Clarice fez um protesto emocionado contra o machismo da nossa gramática, lembrando que quando um substantivo plural se refere a dois gêneros diferentes, prevalece o masculino. Supondo que Leninha conhecia essa regra, concluí que entre os convidados tinha de haver pelo menos um garoto.

A gente estava na cantina da escola, dividindo o resto de uma Coca. Quando comecei a mastigar o canudinho, Leninha reparou na minha aflição e parou de fazer suspense. É claro que o Guto aparecia na lista – ele e o Júnior eram os substantivos masculinos. Fiz sobrancelha de intrigada: “O Júnior? Eu não sabia que você estava a fim...”.

Ela me disse que não era nada disso. Acontece que a mãe dela tinha ido ao salão da Salette pra depilar a virilha e, contando sobre a festa, deixou escapar que a filha chamaria “uns coleguinhas”. Resultado: foi obrigada a convidar o Júnior.

A presença do Guto (pelo menos, na lista) mudou a minha opinião sobre a festa.

Pensando bem, seria uma ótima oportunidade de antecipar o namoro, que, pelos meus cálculos, só deveria começar no dia seguinte, sábado, dentro do cinema, no meio de uma cena noturna de *O Andróide Exterminador*. Pra ganhar essas 24 horas, eu seria capaz de qualquer sacrifício, inclusive cumprimentar os pais da Leninha e desejar ao casal mais 15 anos de completa felicidade.

Voltei para a sala de aula sem saber se pensava na festa (que cabelo, que vestido, sandália baixa ou de salto?) ou nas fórmulas que o Ozônio despejava no quadro, tão cheias de alfas e betas que a aula parecia de grego. E, para bagunçar ainda mais a minha cabeça, tinha o encontro entre Guto e vó Nina, marcado para o fim da aula.

Ainda não foi dessa vez. Pouco antes do último sinal, Guto se queixou de dor de cabeça, espremeu os cadernos na mochila e foi embora tossindo e espirrando. Vó Nina estava à minha espera na hora da saída e desconfiou daquela gripe súbita: será que o garoto tinha passado mal pra não enfrentar a mãe da sogra?

Eu disse que Guto não sabia de nada, o encontro seria uma surpresa mas minha avó não me ouviu. Apontando para o outro lado da rua, ela congelou o rosto numa careta de pânico e me perguntou quem era aquela menina e o que tinha feito de errado pra merecer castigo tão violento.

Menina? Castigo? Vó Nina me puxou pelo queixo: "To falando daquela garota ali, ó. Perto do poste. Por que é que furaram o rosto dela?"

Não é fácil explicar pra uma senhora de 70 anos por que as pessoas usam *piercing*. Comecei contando que a tal garota se chama Danyelle, estuda na minha sala e não fez nada de errado, exceto debochar da minha redação sobre Joana D'Arc e tentar alguns golpes baixos pra roubar o Guto de mim. Mas não foi por isso que o rosto da Danyelle se transformou numa peneira. O *piercing* era uma moda, não um castigo. Pra dizer a verdade, eu mesma já pensei em pendurar uma argolinha no queixo, mas depois achei que não ficaria legal e guardei essa idéia na gaveta. Vó Nina parecia fascinada: "Como assim, no queixo?"

Era muita informação de uma só vez pra quem tinha passado tantos meses hibernando. Falei que hoje em dia a gente encontra *piercing* espalhado por tudo quanto é canto do corpo, da sola do pé ao topo da cabeça, passando por becos escuros e úmidos onde não dá pra imaginar como é possível espetar uma jóia. Ela olhou para os lados antes de perguntar – e mesmo assim perguntou pela metade: "Você ta falando da...?". Tinha muita gente no ponto de ônibus, por isso respondi mais baixo: "Dela mesma. Ou dele, no caso dos garotos".

Também disse que, no início, toda moda parece estranha, mas logo, logo a gente se acostuma. Com a tatuagem, foi a mesma coisa. Os dois, aliás, são parentes: a vantagem do *piercing* é que, se você se arrepender, basta tirar. Mais complicado, por exemplo, seria remover uma tatuagem com o nome do ex-namorado.

Vó Nina: "E uma borboleta?"

Não entendi o motivo da curiosidade. Será que minha avó escondia uma tatuagem secreta? Ela riu da minha suspeita e passou a relembrar a infância. Pensei que iria repetir uma das velhas histórias do internato, mas dessa vez a trama era inédita, e a protagonista se chamava Zulmira. Nenhuma outra aluna da sala, e talvez do colégio, tinha o nome começado com Z. Além dessa letra desconfortável, que sempre colocava Zulmira no fim da lista de chamada, ela não prendia o cabelo e se recusava a usar sutiã. Gostava de mascar chiclete na aula, ler escondido no dormitório e deixar cair no chão ("Foi sem querer, eu juro") a ração de espinafre que boiava na sopa de domingo à tarde. Essas pequenas infrações rendiam castigos leves, tipo ficar a semana sem sobremesa ou copiar duzentas vezes, sem sair da linha, *Devo aprender a me comportar melhor*. Boa parte das professoras achava que Zulmira exercia uma "influência negativa" sobre as outras alunas, mas a Madre Superiora precisava de um motivo mais concreto pra expulsar a garota – como uma borboleta tatuada entre as omoplatas durante as férias de verão.

A chegada do ônibus interrompeu a história. Sentada ao lado da janela, vó Nina ficou um instante em silêncio e, afinal, me disse que estava tagarelando à toa, melhor deixar o passado em paz. Cruzei os braços e resmunguei que não era mais uma menininha e me sentia preparada pra ouvir qualquer tragédia, não apenas os contos de fadas em que o príncipe e a princesa vivem felizes, acomodados e entediados pra sempre.

Percebendo que eu não ia desistir, minha avó contou que as freiras tinham olhos e ouvidos espalhados por todo o colégio e não demoraram a descobrir a tatuagem. Madre Superiora convocou as professoras e decidiu, numa reunião de dez minutos, que o caso merecia expulsão. A proposta foi aceita por unanimidade. Mas antes as freiras levaram a aluna para a enfermaria e

passaram a noite raspando a borboleta com cera quente e navalha. No dia seguinte, Zulmira amanheceu tremendo de febre e começou a delirar: a borboleta tinha dado lugar a uma lagarta de pus; A infecção se espalhou rapidamente. Quando a menina chegou no hospital, já estava praticamente morta.

Pra não deixar cair no esquecimento, vó Nina sugeriu às colegas que seguissem o exemplo de Zulmira e, em sua homenagem, também fizessem uma tatuagem. No início, todas ficaram empolgadas, mas o fantasma da expulsão (e da gangrena) acabou esfriando os ânimos – até mesmo da minha avó. Ela não sabia que bicho tatuar, nem onde, e aos poucos, foi perdendo a coragem. Mas sempre se sentiu em dívida com a memória da amiga.

Tentei aliviar um pouquinho o clima, dizendo que ainda era tempo de colar uma borboleta nas costas, por que não? Vó Nina respondeu que não queria usar uma tatuagem enrugada. O *piercing*, sim, talvez valesse a pena: pele de velha, afinal de contas, já está acostumada com agulha de injeção. Achei que minha avó estivesse zoando, mas ela me surpreendeu: “Depois que pintei o cabelo de vermelho, eu sou capaz de qualquer coisa”.

Cinderela da terceira idade

No dia seguinte, Guto também não apareceu na escola. Foi aí que uma luzinha começou a piscar na minha cabeça: se ele estiver com uma gripe forte, dessas que exterminam andróide, como é que vai ter forças pra ir à festa na sexta e ao cinema no sábado?

Não esperei chegar em casa pra matar a ansiedade. No intervalo da aula, comprei um cartão telefônico na cantina e fui até o orelhão do pátio. O próprio Guto atendeu e me garantiu que estava bem melhor, obrigado, bastou um gargarejo com própolis pra aliviar a dor de garganta. Mas então por que não foi à aula? Ele me disse que o médico tinha passado um atestado de três dias, o que lhe dava o direito de ficar em casa dormindo e trocando abobrinhas pela internet. Quem seria a sirigaita virtual pra quem ele andava arrastando o *mouse*? Avisei que precisava voltar para a sala, eu só queria saber as novidades. Guto combinou de me encontrar na festa dos pais da Leninha e se despediu com “um beijo, Jô”.

Saí do orelhão pisando em nuvens, mas quase escorreguei quando ergui os olhos e topei com a Danyelle. Ela estava escutando a minha conversa e sorriu antes de dar o bote: “Se você quisesse notícias do Guto, querida, era só falar comigo. Ontem à tarde, eu fui lá, fazer uma visita, e levei os cadernos pra ele copiar a matéria. A gente passou a tarde inteira juntos, você acredita?”.

É claro que não; tinha certeza de que ela estava fazendo intriga. Em vez de aceitar a provocação, ergui as sobrancelhas com desprezo e atravessei o pátio olhando para a frente. Mas Danyelle queria me espetar e me perguntou se eu também tinha sido chamada para a festa da Leninha.

Também? Quer dizer que Danyelle fazia parte da lista de convidados?!

A aula de Francês já tinha começado, mas entrei na sala sem pedir *excusez-moi* nem me lembrei de dar *bonjour* a Madame Binoche. Da minha carteira, fiz sinal pra Leninha e exigi uma explicação: que história era aquela de convidar a Danyelle?

Leninha não estava entendendo bem e me pediu pra falar mais alto. Preferi arrancar uma folha de agenda e fazer a pergunta por escrito. O papel voltou com a seguinte resposta: “Só chamei a Dany porque ela foi da minha equipe de História. Da nossa equipe. Às vezes ela é meio implicante, mas depois fica arrependida e faz de tudo pra agradar a gente. Ontem mesmo, me deu de presente uma boneca que foi da mãe dela”.

Comecei a rabiscar um bilhete malcriado, xingando Leninha de infantilóide e dizendo que Danyelle só tinha lhe dado aquela boneca (ainda por cima, uma boneca velha!) porque queria ser convidada para a festa e passar a noite grudada no Guto. Mas não consegui chegar ao fim. Quando começou a correção de *la leçon*, Madame Binoche viu que eu estava voando e me intimou a ler a primeira resposta.

Caprichei na pronúncia, esticando o biquinho, e arranquei um inesperado *três bien* da professora. Ela disse que eu tinha falado como uma conterrânea de Joana d’Arc.

São apenas três dias na praia, mas minha mãe enfiou o guarda-roupa inteiro na mala – e reservou uma bolsa só pra calcinhas, sutiãs, camisolas, pantufas, perfumes, desodorantes, xampus, condicionadores, hidratantes, esfoliantes, e outros acessórios indispensáveis pra tornar a segunda lua-de-mel ainda melhor que a primeira. O vôo estava marcado para as duas da tarde, por isso eles levaram o Xandi ao colégio e de lá seguiram para o aeroporto. Antes de sair

de casa, fizemos a vó Nina prometer e jurar que agiria como sargento de filme americano e não deixaria a gente dormir tarde, comer biscoito no sofá, beber água no gargalo, ficar debruçado na janela, abrir lata de leite condensado, patinar de meia no assoalho, passar o dia no telefone e a madrugada na internet. Meu pai fez uma listinha e pendurou no bico do pingüim que fica grudado na porta da geladeira: telefone do hotel em Porto Seguro, do síndico do prédio, da diretora da escola, do consultório do pediatra e do pronto-socorro. Protestei que não tinha mais idade pra freqüentar pediatra, por acaso eles não sabem que existe um médico chamado hebiatra, especialista em cuidar de adolescente? Xandi não perdeu a piada: "Pensei que fosse o veterinário!". Quando respondi que a conversa não tinha chegado ao berço, ele abriu o bôco e gritou que não era neném.

Minha mãe resolve esse tipo de discussão com o seu velho discurso sobre a importância da união em família, não há nada mais precioso no mundo, quanto filho único existe por aí que daria tudo pra ganhar um irmão! Meu pai tem menos paciência: em vez de desperdiçar psicologia e saliva, ele costuma botar Xandi e eu no meio da sala, meia hora abraçados pra aprendermos a conviver como pessoas civilizadas.

O problema é que civilização leva tempo. Meu pai estava com pressa e, dessa vez, abrandou a pena do braço pra um aperto de mão.

Assim que ficamos a sós, minha avó me pediu mais tolerância com o Xandi, afinal de contas eu sou mais velha e ele não passa de uma criança. Pensei com o meu zíper: a senhora não perde uma chance de puxar o saco do netinho, hein!, mas engoli o protesto e até me ofereci pra dar uma força quando vó Nina foi lavar os pratos. Só impus uma condição: a gente passaria a tarde zanzando pelo *shopping*, combinado?

Contei que tinha sido convidada pra uma festa na casa da Leninha, os pais dela estavam comemorando 15 anos de casamento e eu não sabia o que dar de presente. Vó Nina sugeriu um buquê de rosas, mas eu rosnei que o dono da festa não merecia flores, quando muito uma planta carnívora ou então um cacto pra espetar a mão boba e passar um bom tempo sem poder encostar na amante. Pra justificar a minha fúria feminista, resumi o que tinha acontecido no Terraço e confessei que só iria a essa festa por causa da Leninha. E, é claro, do Guto.

Logo após a faxina na cozinha, troquei o uniforme pela dupla *jeans* & camiseta e saí pela rua de braço dado com a minha avó. Seguimos a pé até o *shopping* e aproveitamos a caminhada pra botar a conversa em dia. Falei que Guto já estava bem melhor da gripe e, se dependesse de mim, na noite da festa a gente iria ficar. Vó Nina coçou a cabeça: "Ficar aonde?".

Tive algum trabalho pra explicar que não era onde nem como, mas com quem: ficar era uma espécie de namoro aberto e relâmpago, que normalmente durava uma noite e dava direito a beijo de língua, com a vantagem de que o cara não precisava telefonar no dia seguinte nem ter um ataque de ciúme se visse a garota com outro, afinal não havia compromisso. E vice-versa. Minha avó disse que beijo de língua, no tempo dela, se chamava beijo de cinema. Não me contive: "Como assim, no seu tempo? Por acaso a senhora já morreu?". Ela riu da minha bronca e contou que antigamente não existia esse negócio de ficar: as garotas flertavam, namoravam, noivavam, casavam e engravidavam, nessa ordem. E aí da apressadinha que pulasse um degrau! Nunca tinha ouvido a palavra flertar... será que ainda existe no dicionário? Sem encontrar uma boa tradução, ela me disse que flertar era um pouco parecido com ficar, só que sem beijo. Eu cruzei os braços: "E qual a graça?". Vó Nina lembrou que quando era adolescente não havia computador nem DVD nem celular nem restaurante por quilo, o passado girava lentamente e as pessoas tinham mais tempo livre, inclusive pra namorar. Os rapazes eram obrigados a ter muita paciência e levavam semanas ou até meses pra descolar o primeiro beijo. E nada de boca aberta, onde já se viu? Se o engraçadinho se atrevesse, a garota tinha todo o direito de lhe dar na cara um tapa de cinema – mesmo que não estivesse num daqueles dias.

Mais uma vez precisei de tradução. Minha avó me ensinou que a expressão "um daqueles dias" corresponde ao período em que a mulher vira um campo minado e pode explodir a qualquer momento, por qualquer pretexto, até um olá mal interpretado vira ofensa pessoal. Atualmente a gente diz TPM, mas nesse tempo a sigla não existia, e o M era censurado pra menores de 18. Muitas garotas pensavam que menstruação tinha alguma coisa a ver com monstro e preferiam dizer "regras". Assim mesmo, entre aspas. E com a porta fechada.

O tabu atinge os dois sexos, mas entre o homem virou mito. Até hoje, são raros os machões que entram na farmácia de cabeça erguida pra comprar um pacote de absorventes. Esse tipo de pudor, segundo vó Nina, não afligia o seu marido: vó Plínio não apenas aceitava a encomenda, como mandava o balconista embrulhar pra presente.

Por um momento, ela baixou os olhos e ficou sentindo saudade em silêncio. Talvez fosse hora de mudar de assunto, mas eu estava pinicando de curiosidade e pedi licença pra fazer uma pergunta... Indiscreta. Vó Nina consentiu com a-hã intrigado. Não criei metáfora nem fiz rodeio: "Eu queria saber, vó, como é que foi sua primeira vez".

Minha avó levou quase um quarteirão pra se refazer do susto, engolir a gagueira e revelar que só dormiu com o vô Plínio na noite de núpcias, essa era a norma. Não consegui segurar o riso e expliquei que não estava falando disso, longe de mim ser tão indiscreta, eu só queria saber sobre a primeira vez em que tinha menstruado.

O mal-entendido deixou vó Nina com as bochechas da cor dos cabelos. Ela me disse que, sinceramente, nem se lembrava direito. Deve ter sido lá pelos 12 ou 13 anos, por aí. Como é que alguém pode esquecer uma data tão fundamental? Vó Nina notou o meu espanto e me perguntou, a propósito, como tinha sido a *minha* primeira vez. Deu um suspiro de desânimo que levantou poeira da calçada: "Ainda não foi. E, pelo jeito, nem vai ser. Já estou com 13, quase 14, e até agora nada. Acho que nunca vou ter o gostinho de sentir uma crise de TPM". Finalmente chegamos ao *shopping* e passamos na frente de uma livraria; a vitrine, por coincidência, exibia um tijolo de filosofia oriental sobre as virtudes da paciência. Quando vó Nina me mostrou o livro, eu disse que meus hormônios andavam muito estressados e provavelmente não conseguiriam relaxar com esse tipo de leitura. Mesmo assim atravessamos a porta de vidro e fomos até a seção de auto-ajuda. Talvez eu achasse algum presente para os pais da Leninha. Uma olhada panorâmica pelas estantes me fez sentir numa farmácia: de desemprego a depressão, havia livros pra todos os males. E a maioria tratava de crise conjugal: *Seu casamento ainda tem cura. Faça da sua mulher uma amante. Como chegar às bodas de prata sem enlouquecer. Porque os homens são como são e não como a gente gostaria que fossem?*. Folhee algumas dessas obras-primas e concluí que o pai da Leninha precisava de algo mais forte. Não sei se ele gosta de versos, mas mesmo assim perguntei ao vendedor onde ficava a seção de poesia.

Seção? O cara balançou a cabeça e apontou para os fundos da livraria.

Senti um aperto no coração ao ver os modernistas brasileiros espremidos numa única prateleira. Depois de destruir algumas teias de aranha, sobrei o pó do Manuel Bandeira, desamassei a orelha do Drummond e virei o Murilo Mendes de cabeça pra cima. Não tenho paciência de ler índice e abri a antologia de Vinicius ao acaso. Quando descobri que tinha acertado a página do Soneto da Fidelidade, pedi ao vendedor pra embrulhar aquele presente infinito.

A aula do Xandi terminava às cinco; como a escola fica perto do *shopping*, ainda dava tempo pra fazer um lanche. Pensei que minha avó iria querer alguma coisa leve, tipo chazinho com *cream crackers*. Que nada! Ela disse que tinha estômago de adolescente e me arrastou em direção a praça de alimentação, determinada a enfrentar um *sundae* duplo com cobertura de chocolate e leite condensado.

A maioria das lojas era novidade pra vó Nina, que virava a cabeça de um lado para o outro como se tivesse assistindo a uma partida de tênis. Mas o que mais chamou a sua atenção (a ponto de perder a pressa de ir tomar *sundae*) foi um quiosque meio escondido no canto do corredor. Olhando através do vidro, vi uma loira de cabelo curto, quase raspado, com uma trancinha magrela escorrendo pela nuca, e um cara com físico e aparência de homem das cavernas, os braços prateados de pulseiras e os músculos quase rasgando a camiseta cavada. Os dois estavam curvados sobre a cadeira de uma garota que deveria ter mais ou menos a minha idade e estava de boca aberta. Mais ainda: com a língua pra fora!

A loura trabalhava como assistente do homem das cavernas e segurava uma bandeja de aço inox com tesoura, pinças, agulhas e outros badulaques cirúrgicos. Por causa da máscara e das luvas, minha avó me perguntou se ele era dentista ou otorrino.

Eu disse que nem um nem outro. E apontei para o quadro pendurado na parede:

PIERCING e

TATUAGEM

Sinta na pele essa emoção

Com o nariz pregado na vitrine, vó Nina embaçava o vidro e não conseguia enxergar direito. "Que tal se a gente entrasse no estúdio?" Ela gostou da idéia e me seguiu. A loira disse boa-tarde e me deu a impressão de que usava aparelha. Logo notei que tinha me enganado: a gengiva superior era bastante larga e exibia uma fileira de jóias que parecia uma terceira arcada

dentária. Já o *piercing* do homem das cavernas ficava na testa, o único lugar do seu corpo que não era peludo.

O cara falou pra gente ficar a vontade e explicou que a garota que não dava pra furar a ponta da língua: "Senão, você pode até perder o paladar". Ela respondeu que seria ótimo não sentir o gosto de nada, assim não teria vontade de vomitar toda vez que a mãe lhe empurra brócolis.

Apesar dos protestos, acabou concordando em botar o *piercing* no meio da língua.

O *piercer* (é assim, segundo a Danyelle, que se chama os profissionais dessa área) pediu à loura pra preparar o anti-séptico e obrigou a garota a bochechar um líquido escuro que provocou uma careta. A assistente prestava atenção em cada passo do seu mestre. Ele tirou do bolso uma caneta hidrocor, marcou o ponto da perfuração e espetou a agulha sem piedade nem anestesia. Senti um arrepio nos ossos e cobri os olhos com as mãos. Mas seria melhor ter tapado as orelhas, pra não ouvir as informações técnicas sobre o cateter que penetrava logo atrás da agulha e abria caminho para a jóia.

Assim como nos filmes de terror, só tive coragem de olhar depois que o pior já tinha passado. O homem das cavernas explicou que a boca é um zôo de bactérias, por isso o *piercing* oral requer cuidados especiais contra infecções e outras consequências desagradáveis, como escoriações na gengiva, inchaço e, em casos mais raros, até mesmo rachadura de dentes ou aspiração da jóia. É claro que ele só utilizava agulhas descartáveis, e os instrumentos eram esterilizados numa estufa *made in Hell*, mas o tempo de cicatrização depende em grande parte do bom senso do paciente, que nos três primeiros dias deve chupar gelo e beber água gelada, fazer jejum de beijos e temperos, deixar unhas longe da boca e resistir a tentação de esticar a língua de cinco em cinco minutos pra mostrar a novidade a colegas e vizinhos.

A garota não ouviu nem uma palavra. O homem das cavernas parecia saber que falava com as paredes, mas mesmo assim esgotou a lista de conselhos e disse que estava as ordens – qualquer problema, era só ligar.

Enquanto tirava as luvas cirúrgicas, ele perguntou como eu me chamava e se preferia tatuagem ou *piercing*. Só tive tempo de responder o meu nome. A loura se meteu na conversa pra dizer que um *barbell* na sobrancelha, de ouro branco, faria um contraste divino com meus olhos escuros. *Barbell*? O *piercer* riu da minha ignorância e tirou da vitrine um pino com duas esferas, uma em cada ponta, muito parecido com a jóia que tinha espetado na língua. O pagamento poderia ser parcelado e ainda tinha desconto. Só um detalhe, coisa sem importância: como eu era menor, minha avó precisava assinar um termo de responsabilidade.

Fui obrigada a confessar que só tinha entrado pra dar uma olhada, quem sabe um dia eu me animava? Sai andando na direção da porta, mas dessa vez vó Nina não me seguiu. Sem perguntar o preço, ela examinou o *barbell* na palma da mão e avisou que queria a jóia.

A loura tirou da gaveta duas vias do termo de responsabilidade e pediu a minha avó pra preencher meu nome completo e dar um autógrafo onde se lia "assinatura do pai ou responsável". Mas vó Nina se irritou com a burocracia: "Não preciso assinar nada. Quem vai botar o *piercing* sou eu!".

Aquilo era o que, uma piada? A loura ficou me olhando, a espera da minha reação, mas eu também estava chocada e não sabia o que dizer. O homem das cavernas suspendeu as sobrancelhas, fazendo o *piercing* sumir sob as rugas da testa. Depois de recolher os instrumentos cirúrgicos, ele enfiou o arsenal dentro da estufa e inventou que tinha que sair pra aplicar uma tatuagem a domicílio. Vó Nina percebeu que estava sendo tapeada: "Não tem problema, amanhã eu volto. Ou você prefere ir lá em casa?".

Em vez de arranjar outra desculpa, o *piercer* resolveu abrir o jogo: fazia anos que trabalhava no ramo e nunca tinha acontecido um incidente grave – até o maldito dia em que um senhor de idade entrou no estúdio, e pra agradar o neto, concordou em botar um anel na orelha. O sujeito sofria de problemas circulatórios e não tomou os cuidados necessários para o sucesso da cicatrização. Resultado: a orelha infeccionou e teve de ser parcialmente amputada. Do hospital, ele seguiu direto para o fórum, ingressou em um processo por danos morais e pediu o fechamento do estúdio. O réu foi absolvido, mas gastou uma fortuna com advogado e tomou uma decisão radical: cliente com mais de 60 anos, nem pensar!

Foi inútil vó Nina esticar o dedo e acusar o homem das cavernas de autoritário, preconceituoso e insensível. Ela ameaçou recorrer ao Procon e saiu do estúdio resmungando que aquele primata não podia lhe negar atendimento.

A raiva não atrapalhou o apetite da minha avó. Quando chegamos a praça de alimentação, eu perguntei por que tanta insistência em pendurar um *barbell* na sobrancelha. Vó Nina me disse que não estava morta e, de acordo com a previsão de Salete, ainda tinha muita aventura pela

frente. A mistura de cabelo vermelho e *piercing* pode não ser muito comum na terceira idade, mas talvez parecesse atraente aos olhos de algum garoto apaixonado.

Tão logo termina a aula, a maior parte dos alunos se transforma em minotauro e dispara pelo pátio com a euforia de quem encontrou o fim do labirinto. Meu irmão faz parte dessa manada furiosa, por isso achei estranho ele não aparecer no portão com os colegas. Vó Nina também ficou preocupada, será que tinha acontecido alguma coisa? A gente vê tanta desgraça na televisão! Eu disse que era cedo pra pensar em seqüestro, assalto ou assédio sexual. Antes de chamar a polícia, que tal dar uma olhada na escola?

Xandi era vidrado em futebol e sanduíche, mas dessa vez não estava na quadra e muito menos na cantina. Passamos em todas as salas de aula, batemos na porta dos banheiros masculinos e vasculhamos pessoalmente os femininos, cabine por cabine, onde alguns espertinhos costumam se esconder para espionar as garotas. Tudo deserto! Quando vó Nina me perguntou onde ficava a biblioteca, eu disse que o meu irmão não tinha vocação para a leitura nem pesquisa nem silêncio, ele era o tipo de aluno que só usava o livro pra se abanar.

Mesmo assim, seguimos a intuição da minha avó. E, por incrível que pareça, lá estava o moleque com mais três colegas. Ela não perdeu a oportunidade de puxar o saco do neto: "Quem falou que ele não gosta de estudar?". Tive de engolir o deboche. Mas, ao me aproximar da mesa, percebi que eles estavam pesquisando um álbum de figurinhas dos grandes ídolos da seleção brasileira – e, com o dinheiro da mesada, compravam, vendiam e trocavam os jogadores repetidos. Foi a minha vez de ironizar: "Bela maneira de estudar Matemática!".

De repente, Xandi saiu pulando entre as mesas e anunciou que tinha faturado a figurinha mais valiosa do álbum. A bibliotecária reagiu ao escândalo com um *psiu* histérico, mas meu irmão continuou comemorando: "Olha só, gente, a figurinha do Garrincha! Meu pai disse que esse cara foi o maior ponta-direita de todos os tempos!". Vó Nina tinha visto o craque jogar e jurou que, apesar das pernas tortas, ou talvez por causa disso, ele deixava os zagueiros zarolhos e dava torcicolo na torcida.

O segundo *psiu* da bibliotecária parecia um vazamento de extintor de incêndio. Ela apontou pra um cartaz pregado ao lado da porta:

A LEITURA
É UMA
VIAGEM QUE
DEVE SER
FEITA EM
SILÊNCIO.

Ou será que apontou para a porta? Na dúvida, era melhor ir embora. Xinguei o meu irmão de irresponsável por sumir assim, sem dar notícia, e em troca fui chamada de neurótica encalhada, por que é que eu não cuidava da minha vida? Vó Nina tentou nos distrair com algumas histórias do Garrincha, mas a trégua só durou até em casa. Quando ela anunciou que faria *pizza*, eu disse que queria de presunto e só por isso, pra me infernizar, Xandi escolheu *mozzarella*.

Minha avó falou que era um absurdo a gente brigar por tão pouco e preparou uma *pizza* democrática: metade presunto e metade *mozzarella*. Xandi engoliu a sua metade às pressas, quase sem mastigar, e avançou sobre a minha última fatia. Saiu correndo com o prato e se trancou no banheiro.

A figurinha do Garrincha estava jogada sobre a mesa, junto com o álbum, pronta pra ser esartejada em pedacinhos até ficar reduzida a um punhado de confete. Pressentindo a minha intenção, vó Nina me consolou com a promessa de outra *pizza*, cem por cento de presunto, pra mim!

Não, eu não tinha fome, meu único desejo era soltar os cachorros em cima do mal-educado, egoísta, esganado, impicante, intrometido e desagradável do meu irmão. Vó Nina achou que alguma coisa estava errada: se eu não queria mais *pizza*, não tinha cabimento ficar tão irritada por ter perdido a última fatia. Na sua opinião de psicóloga amadora, a *pizza* não passava de uma desculpa pra extravasar uma raiva mais profunda, que talvez não tivesse nada a ver com o Xandi. Por que, afinal de contas, os meus cachorros estavam latindo? E pra quem?

Não foi preciso reunir muitos neurônios pra descobrir a resposta. De santo, o meu irmão não tinha nada, mas nesse caso ele não era culpado, quer dizer, não era o único culpado pela minha vontade de virar do avesso. Fui obrigada a dar razão à vó Nina: eu estava nervosa daquele jeito

porque a sexta-feira se aproximava. Quanto mais eu pensava na festa, maior a minha insegurança. E se o Guto tivesse uma recaída e não pudesse aparecer? Pior: se ele aparecesse e não quisesse ficar comigo? E, muito pior, o fim do mundo: se resolvesse atacar a Danyelle? Só de pensar nessa hipótese, meu coração ameaçava explodir. Vó Nina puxou do prato um chiclete de *mozzarella* e me perguntou, mastigando, de que jeito poderia me ajudar. Eu disse que era muito simples: tudo o que tinha a fazer era ir comigo à casa da Leninha e passar a festa inteira colada na Danyelle. Só assim a sua neta querida teria uma chance de ficar com o Guto sem ninguém pra incomodar.

Vó Nina mostrou a mão fechada e foi abrindo dedo por dedo. Começou mostrando o polegar: jamais iria a uma festa sem ter sido convidada. Logo depois, o indicador: o que é que uma pacata senhora da terceira idade faria no meio de uma tribo de adolescentes? Dedo médio: não dava pra colar numa garota com quem nunca tinha conversado. Anular: detestava música barulhenta. E, finalmente, o mindinho: quem é que ficaria em casa, tomando conta do meu irmão?

Modéstia à parte, eu tinha todas as respostas. Garanti que Leninha não ficaria aborrecida se eu levasse uma amiga na festa, ainda mais se essa amiga fosse a minha avó. Da terceira idade? Pode ser. Mas uma mulher que pinta os cabelos de vermelho e sonha em cravar um *piercing* na sobrancelha pode ser chamada de tudo - menos de pacata. Ela sabia se entender com todas as tribos e, pra distrair Danyelle, bastava contar umas histórias do internato. Quanto à música, não havia com o que se preocupar: o *rock* era um animal ameaçado de extinção, principalmente o *rock* pesado. Agora a moda era a balada romântica, muito melhor pra dançar de rosto colado, cochichando no pé do ouvido e trocando uns beijinhos no pescoço. Quem sabe a previsão da Salete iria se cumprir nessa festa? Em vez de ficar em casa, tomando conta do Xandi, seria muito mais divertido viver uma paixão vermelha com um adolescente irresistível. E, por falar no meu irmão, ele conhecia todo o mundo no prédio e adoraria passar a noite jogando *videogame* no apartamento de um vizinho.

Podia desfiar muitas outras razões pra convencer minha avó, mas tive de atender o telefone. Ligação a cobrar: para aceitá-la, continue na linha após a identificação. Continuei na linha e ouvi o cara dizer que se chamava Adão. Pensei: deve ser engano. Quando ele contou que estava no Paraíso, eu percebi que era trote e só não mandei o engraçadinho para o inferno porque reconheci a risada do meu pai.

Ele me confessou que era assim mesmo que se sentia: um Adão de férias no Paraíso! Chovia muito em Porto Seguro e só dava pra ver a praia pela vidraça fechada da janela. Mas quem viaja em lua-de-mel não está a fim de fazer turismo, não é mesmo? Muito melhor aproveitar as mil e uma delícias do hotel: ducha de água mineral, *home theater* com telão, lagosta e vinho no café-da-manhã, lareira bem em frente à cama.

Lareira em Porto Seguro? Achei que meu pai estava abusando do vinho, mas ele explicou que a lenha era só enfeite; no lugar do fogo, uma luz violeta criava uma atmosfera romântica. Minha mãe pegou o telefone e disse que a tal lareira era uma obra-prima do mal gosto. Não se conformava de ter viajado tanto pra passar o dia inteiro confinada num quarto de hotel, sem poder ir à praia nem passear no *shopping* nem visitar os lugares históricos que marcaram o nascimento do Brasil - e tudo por causa de uma maldita chuva que estava mofando até a sua alma!

Parece que Adão e Eva não tinham a mesma opinião sobre o clima. Ela perguntou se estava tudo bem, mandou um beijo para o Xandi e mandou chamar a minha avó. Não sei o que as duas conversaram, mas Vó Nina suspirou fundo quando saiu do telefone.

Sexta-feira chegou de repente e me pegou desprevenida. Eu estava completamente indecisa, sem saber se usava o meu tubinho preto acompanhado do colar de pérolas da minha mãe, ou se adotava um estilo mais *light*, tipo calça *jeans* com blusa justa e um pingente esmagado no decote. Voltei da escola remoendo essa dúvida e só de zoeira, pedi a opinião do seu Esteves: "O que é que o senhor acha, tubinho ou *jeans*?". Ele ficou me olhando, arregalado, como se eu estivesse falando outra língua, coçou a cabeça com a unha do mindinho e finalmente gemeu: "Hein?".

Enquanto esperava o elevador, vi o porteiro se levantar em câmera lenta e abrir a gaveta da mesa. Tirou lá de dentro um pequeno envelope em branco e me entregou.

Minha caixa de *e-mails* está transbordando de *bytes*, mas acho que nunca tinha recebido uma carta de papel. Será que era mesmo pra mim? Seu Esteves confirmou com a cabeça.

Examinando a surpresa contra a lâmpada do *hall*, não consegui enxergar o conteúdo. Então, rasguei a borda do envelope e deparei com um bilhete de três linhas, empilhadas como versos de um haikai, esses pequenos poemas orientais que dizem o máximo com o mínimo:

*Hoje a noite tem festa.
Você dança comigo?
Quem convida, por enquanto, é um amigo.*

Não havia assinatura nem seria preciso: a letra era a mesma dos outros bilhetes. De acordo com a professora Clarice, poesia não é receita de bolo nem manual de instrução, portanto não pode ser compreendida com raciocínio lógico. Tentando ler as entrelinhas, concluí que o Guto estava me convidando não apenas pra dançar, mas também pra namorar. É por isso que, no último verso, ele diz que a nossa amizade era temporária: a locução "por enquanto" aparece em destaque, entre vírgulas que brilham como anúncio de neon em noite de chuva!

Queria descobrir se foi o próprio Guto quem tinha trazido a carta, mas seu Esteves não se lembrava direito e só soube dizer que o garoto não era alto nem baixo nem gordo nem magro nem moreno nem louro. Fiquei impressionada com tamanha capacidade de observação. Por que é que o porteiro não se lançava na carreira de detetive?

Dentro do elevador, beijei a carta e fiquei repetindo os três versos. Não via a hora de recitar a novidade pra vó Nina, mas perdi a fala quando ela abriu a porta e me perguntou: "Que tal?". Deixei cair a mochila e fiquei me abanando com o envelope. A novidade da minha avó era muito maior que a minha: um *piercing*, em forma de espiral, pendurado na sobrancelha! Como será que tinha conseguido convencer o homem das cavernas? Vó Nina me disse, com um sorriso esperto, que havia outras cavernas na cidade. Estava pensando em espetar mais uma jóia, no nariz ou talvez no umbigo, o que é que eu achava da idéia?

Apoiada! Podia ser apenas impressão, mas ela realmente parecia mais nova com aquele *piercing* na sobrancelha. Vó Nina agradeceu o elogio e só então notou o envelope: "Não me diga que você recebeu mais um bilhete anônimo?". Mostrei a ela os versos de amor e aproveitei a ocasião pra reforçar o convite: se quisesse conhecer o meu Castro Alves, era só me acompanhar à festa dos pais da Leninha.

Pensei que iria receber um não maciço, mas vó Nina mudou de assunto e me disse que também tinha um bilhete pra me mostrar.

Bilhete?

Ela foi até a mesinha do telefone e me pediu uma explicação para o que estava escrito no bloco de recados: "A cliente das quatro vai ligar para o salão da Salette e avisar que apareceu outro compromisso".

Ah, meu Deus, como fui me esquecer de jogar aquela folha no lixo?

Eu poderia dizer que sonhava em ser escritora e a frase era parte de um conto, e que qualquer semelhança com fatos ou personagens reais não passava de mera coincidência. Mas não tive coragem de mentir pra vó Nina e confessei que com a mão esquerda eu dava vida às palavras. Ao saber que a minha redação tinha salvado Joana d'Arc da fogueira, vó Nina me perguntou até onde ia o meu poder: se eu era capaz de mexer no passado, então, pela sua lógica de avó coruja, eu teria ainda mais facilidade pra consertar o presente. Por que não escrever um texto pra acabar com a fome, as doenças, a guerra, o terrorismo, a poluição, o desemprego? Falei que não era nenhuma deusa e, pra ser sincera, nunca me julguei tão poderosa a ponto de resolver as misérias do mundo. Eu já me dava por satisfeita em ajudar as pessoas à minha volta - arranjando uma vaga no salão de beleza ou salvando o casamento dos meus pais.

Minha avó se surpreendeu com o fato de que, com uma única frase, eu tenha conseguido reconciliar aqueles dois cabeças-duras. Depois de servir o meu prato, ela sentou na minha frente e passou o resto do almoço em silêncio. Só voltou a abrir a boca quando larguei os talheres: "O que mais, Joana?". Fiz uma careta pra mostrar que não agüentava nem uma ervilha. Mas vó Nina não estava falando do almoço. O que queria saber era se eu tinha inventado outra frase, redação ou poema, enfim, qualquer texto em que ela aparecesse como personagem.

Desde a bendita manhã em que pulou da cama, minha avó nunca mais tomou um comprimido - nem teve a curiosidade de abrir a agenda onde eram controlados os horários dos remédios. Fui ao quarto dela pra buscar a tal agenda e mostrei a página com a anotação: "Vó Nina vai ficar curada".

A emoção desafiou a sua voz e provocou uma mistura de gagueira com soluço. Ela me sufocou de beijos e abraços e disse que eu merecia o prêmio Nobel. Por fim, anunciou que aceitava o

meu convite pra ir à festa na casa da Leninha: "Isso é o mínimo que eu posso fazer por você ter me curado".

Telefonei para a mãe do Rafa, o melhor amigo do Xandi, e disse que meus pais estavam viajando e minha avó me levaria a uma festa. Não precisei falar muito pra que a mulher se oferecesse pra tomar conta do meu irmão, com o maior prazer, o Alexandre era muito educado e não dava nenhum trabalho. Educado? Desconfiei de que ela estivesse se referindo a outra pessoa, mas agradei a gentileza e tratei de despachar o garoto.

Só então pude me preparar para a festa. Fui pra debaixo do chuveiro e fiquei pensando o que vestir. Mas a água quente não me trouxe inspiração. Saí do banheiro enrolada na toalha, abri meu guarda-roupa e estendi na cama, lado a lado, o tubinho preto básico e o conjunto de calça *jeans* com blusa justa. Enquanto me lambuzava de creme, pedi socorro à minha avó.

Ela achava o *jeans* uma graça, mas foi pelo tubinho que se encantou. E lamentou não ter idade nem cintura pra se enfiar num modelo tão versátil, que podia ser clássico ou sexy dependendo do ângulo de quem olhava.

Se tinha gostado tanto do vestido, por que não ia com ele à festa?

Vó Nina se ofendeu com a sugestão e comentou que não queria morrer entalada. Falei que não havia esse risco: pra transformar o tubinho em tubo, eu só precisava de papel e lápis. Ela agradeceu a oferta, mas não estava interessada. Já tinha selecionado um conjunto estampado (o mesmo que usou no meu batizado) e foi tomar o seu banho.

Segui até o quarto da minha avó e senti cheiro de mofo com naftalina. Sempre ouvi dizer que os ácaros são invisíveis a olho nu, mas juro que vi uma fila passeando sobre o conjunto de saia e blusa pendurado na cadeira. Será que vú Nina não tinha uma roupa mais... saudável? Vasculhei gavetas e cabides e não achei nada que prestasse: todas as peças estavam fora de moda ou desbotadas ou com um botão a menos ou com o zíper emperrado.

Não via outra solução senão reformar o tubinho, mas de repente tive uma ideia que era justamente o contrário: em vez de aumentar o diâmetro do vestido, eu deveria reduzir as medidas da manequim. Pra ficar bem naquela roupa, a garota tinha de ter o corpo, como direi, de uma garota! Só havia, portanto, uma saída: fazer vú Nina voltar no tempo.

Abri a agenda de remédios. Na mesma página onde tinha previsto que vú Nina ficaria curada, criei uma frase ainda mais radical:

*Ela entrou no chuveiro com 70
mas vai sair com apenas 13.*

Dali a pouco, ouvi um berro e corri até o banheiro: "Tudo bem aí dentro, vú?". O silêncio me deixou preocupada. Mesmo sabendo o que me esperava, quase morri de susto quando abri a porta e encontrei uma garota da minha idade.

Vó Nina olhava para o espelho com a mão na boca e não sabia se ria ou se chorava. A toalha jogada nos ombros não escondia os seios - bem maiores, aliás, que os meus. O *piercing* continuava na sobrancelha, o cabelo molhado realçava o vermelho e o nariz não carregava uma única espinha. Resumindo: uma gata digna de *outdoor*.

Sem desgrudar os olhos do espelho, ela quis saber que ideia era aquela de fazer uma velha virar menina. Eu respondi que não tive escolha: "Foi o único jeito de fazer a senhora caber no tubinho". Falei *senhora* e comeci a rir; nenhuma garota pode ser chamada assim! Prometi que dali em diante ela seria tratada por você. E, é claro, nada de vú.

Nina enxugou os olhos na toalha e admitiu que não havia do que reclamar. Não é qualquer um, afinal de contas, que tem o privilégio de retornar à adolescência literalmente, sem ter de folhear o álbum de retratos ou apelar pra uma plástica. Mas sua alegria não era completa e muito menos relaxada. E se alguém descobrisse que existia uma velha disfarçada no corpo daquela menina?

Pra acabar com a paranóia, jurei que mais tarde escreveria um bilhete - assim que a gente saísse da festa - pra que Nina deixasse de ser Cinderela e voltasse a parecer uma respeitável avó. Ou, como ela mesma dizia, uma pacata senhora da terceira idade. Também não havia motivo pra temer um flagra dos meus pais: eles estavam a centenas de quilômetros e só chegariam à cidade no domingo à noite.

O único que poderia desconfiar de alguma coisa era o porteiro, mas seu Esteves estava dormindo quando um tubinho preto e uma calça *jeans* desceram do elevador, desfilaram pelo *hall* do prédio e entraram no primeiro táxi.

Adão no alto do trio elétrico.

Na entrada do salão de festas, os pais da Leninha recebiam os convidados com um sorriso congelado de fotografia. Dona Marília vestia um longo bordado que deve ter custado uma fortuna, mas ficou visivelmente perturbada com o tubinho preto da minha avó e me perguntou quem era a garota ruiva tão parecida comigo. Nina e eu trocamos um olhar atrapalhado: tínhamos nos esquecido de combinar como ela seria apresentada. Fui obrigada a improvisar: "Esta é a Nina, minha prima em segundo grau". Milton, o pai da Leninha, disse que era um prazer conhecer uma moça tão linda e deu-lhe um beijo na mão.

O fingido abriu o presente e confessou que Vinícius era o seu poeta preferido, ninguém tinha mergulhado tão fundo no abismo da paixão. Pensei que estivesse falando isso só pra agradar, mas de repente segurou as mãos da mulher e, olhos nos olhos, começou a recitar o Soneto da Fidelidade... de cor! E eu pensando que aquele poema funcionaria como um tapa de luva! Na mesma hora, a música baixou e uma rodinha se formou em torno do casal. Quando Milton desejou que o amor não fosse imortal, posto que é chama, mas infinito enquanto durasse, quase cheguei a acreditar que estivesse sendo sincero. O soneto terminou com um beijo e o aplauso unânime dos convidados.

Se alguém tivesse me contado, eu não acreditaria. Mas nos meus olhos eu confio. Quem estava no meio da rodinha, aplaudindo o recital de poesia e pedindo "mais um! mais um!" era ninguém menos que a Sueli. Ela mesma, a amante do pai da Leninha! Ou uma das? Os peitos pareciam ainda mais inflados, com uma carga extra de silicone, e o botox tinha apagado as rugas (bem como a expressão) dos olhos. Não satisfeita em comparecer à festa, a perua propôs um brinde à felicidade eterna do casal e esvaziou a taça de vinho de um só gole.

A indignação embrulhou o meu estômago feminista. Levei Nina até o canto do salão e apresentei-lhe as minhas colegas de sala. Leninha ficou admirada com a coincidência: "Sua avó também não se chama Nina?". Concordei com um sorriso sem graça e lamentei não ter inventado outro nome para a minha prima entre aspas.

A única que não disse nada foi Danyelle. A antipática desfilava de um lado para o outro, como se fosse a dona da festa, e só se aproximou da minha avó pra examinar de perto o *piercing* da sobancelha.

Guto, pelo visto, ainda não tinha chegado. Será que ainda estava de cama?

Perdido entre tantas garotas, Júnior veio falar comigo e me perguntou pelo dicionário. Demorei algum tempo pra lembrar a nossa conversa no início da semana, quando ele me disse que estava a fim de arranjar um nome diferente do nome do pai. Eu tinha me oferecido pra procurar na biblioteca da escola um dicionário de nomes próprios, mas a verdade é que acabei esquecendo. Pedi desculpa, refiz a promessa e me virei na direção da porta.

Os convidados faziam fila pra cumprimentar os pais da Leninha, mais ainda nenhum sinal do Guto. Júnior percebeu a minha aflição quis saber se estava tudo bem. Eu disse que sim, tudo ótimo, e tratei de mudar de assunto.

Pedi notícias do Frederico e fui informada de que o danado já era capaz de caminhar em ziguezague em volta de uma fileira de garrafas. Eu sabia que essa gracinha inofensiva fazia parte de um treinamento: o bicho estava sendo adestrado pra atacar qualquer intruso - leia-se o pai do Júnior. Atendendo ao pedido da Salette, falei que era preciso ter cuidado com essa história de adestramento. E implorei, em nome da nossa amizade, que não transformasse o cachorro num lobo.

O garoto disse que a nossa amizade não estava em jogo. Gostava muito de mim, mas não poderia deixar a sua casa desprotegida.

Tentei uma porção de argumentos e ganhei um não atrás do outro. Cansada de insistir, xinguei Júnior de teimoso e falei que não iria à biblioteca. Ele achou que eu tinha me enfezado, mas expliquei que não era nada disso: 'Acabo de encontrar a sua grife e não precisa mais de dicionário. A partir de hoje, você vai se chamar João'.

Pode parecer que escolhi esse nome em homenagem a mim mesma. Mas, não, eu não sou tão narcisista. A inspiração veio daqueles bonecos de plástico infláveis, que têm uma base de areia e só sabem ficar de pé: por mais que sejam empurrados, eles sempre voltam à posição vertical - daí o nome de João-teimoso.

O batismo não ofendeu Júnior. Ao contrário, ele disse que era uma honra ser xará de uma garota como eu, tão... tão... Antes que arranjasse um bom adjetivo, Leninha veio falar comigo e me entregou o celular: "Ligações pra você".

Tinha certeza de que era o Guto, quem mais ligaria pra mim àquela hora? Peguei o celular com as mãos trêmulas, recuei alguns passos pra falar à vontade e, quase sem voz, soprei alô. Do outro lado a pessoa começou a chorar. Pessoa: ainda não dava pra adivinhar o sexo e muito menos a idade. Depois de muitos soluços, ela finalmente disse o meu nome, e eu identifiquei a voz da Salete.

Perguntei o motivo do choro, de onde é que estava falando, se queria que eu chamasse o João, quer dizer, o Júnior. Salete me respondeu que não podia falar com o filho, não por enquanto, e me contou que tinha acontecido uma tragédia. A ligação estava péssima e, como se não bastasse, o surdo do *DJ* aumentou o volume. Mas pude ouvir perfeitamente as palavras *sangue e ex-marido*. Será que Salete tinha feito alguma besteira? Pedi que me explicasse direitinho aquela história, mas ela só sabia miar e me rogou pelo amor de Deus que fosse até a sua casa. Ir embora? Ah, essa não! Pensei em alegar que não era psicóloga nem assistente social, que não queria perder a chegada do Guto, que tinha passado a semana inteira me produzindo para aquela festa e não estava a fim de estragar a noite por causa de uma desgraça que não tinha nada a ver comigo. Mas não tive coragem de ignorar o desespero da Salete. Quando ouvi falar em sangue, senti um arrepio maligno e imaginei o pai do João no meio do quintal, o rosto mergulhado numa poça vermelha e tatuado pelas mandíbulas do Frederico.

Talvez eu estivesse dramatizando um pouco, sempre fui fã de histórias policiais e devo ter visto cena semelhante num desses filmes dublados que a televisão reprisa de madrugada. Mesmo assim, concordei em ir à casa da Salete pra investigar a tal tragédia.

João comentou que eu estava pálida e ficou esperando uma explicação. Raspei a garganta antes de gaguejar que a ligação era de uma amiga, ela andava meio deprimida e precisava me ver com urgência. Ele parecia desconfiado, mas não me fez mais perguntas. Apenas disse que eu não deveria circular por aí à noite e se ofereceu pra me acompanhar.

Deu trabalho convencer aquele João Teimoso de que eu não era uma garota indefesa e dispensava guarda-costas; além do mais, a minha amiga não morava tão longe.

Devolvi o celular pra Leninha e caminhei pelo salão à procura da Nina. Ela estava perto da mesa de doces, devorando um bombom caramelado e trocando figurinhas com Danyelle. As duas conversavam como velhas amigas, uma contando pra outra onde pretendia pendurar o próximo *piercing*. Chamei minha avó num canto e avisei que tinha de sair, mais tarde eu explicava os detalhes. Se o Guto aparecesse, era só dizer que eu não iria demorar.

Errei por pouco. Havia um corpo estendido no meio do jardim, com a cara afogada numa poça de sangue, mas não era do pai do Júnior. Pelo que a Salete me contou, o desgraçado deve ter ficado na esquina, de tocaia, e só esperou o filho sair pra invadir a casa - armado com um canivete. Chegou dizendo que precisava de dinheiro e seguiu para o quarto, abrindo bolsas e gavetas até encontrar o cartão do banco. Quando ele perguntou o número da senha, Salete desceu as escadas correndo e da varanda gritou por socorro.

Frederico estava deitado no capacho e saiu em defesa da dona, cravando os dentes adestrados na perna do intruso. Salete ordenou que o cachorro se afastasse, mas ele obedecia apenas ao comando do João. E continuou rosnando e mordendo até que a lâmina do canivete rasgou o seu pescoço.

Os gritos da Salete assustaram o ex-marido, que desistiu de descobrir a senha do cartão e fugiu com medo de um flagrante. Mas, por incrível que pareça, não apareceu nenhum vizinho ou curioso pra saber o motivo do escândalo. Justamente naquela noite terminava a novela das oito; depois de meses e meses de suspense, todo mundo iria saber quem tinha misturado veneno no *drink* do dono da imobiliária.

Salete usou todos os recursos (compressa de gelo, esparadrapo, atadura) pra estancar o sangramento do Frederico. Nada funcionou. Então, abriu a lista telefônica e ligou pra diversas clínicas veterinárias, mas não havia uma única ambulância disponível - parece que todos estavam de olho no último capítulo da novela. Foi quando resolveu apelar pra mim. Só eu, na sua opinião, seria capaz de fazer alguma coisa pra remediar a situação.

Colei minha orelha no peito do bicho e não ouvi uma mísera badalada. Não era preciso ser veterinária pra deduzir que Frederico estava morto. Ele continuava de olhos abertos, encarando o nada com o olhar vazio, por isso baixei as suas pálpebras e rezei uma Ave-Maria pela sua alma. Mas Salete não me deixou chegar ao Amém. Sabendo que eu tinha curado minha avó, ela achava que a minha literatura de auto-ajuda poderia ressuscitar o cachorro.

Antes que eu desse uma resposta, João saiu de trás do muro e empurrou o portão. Bem que eu

desconfiei que tinha alguém me seguindo! Ele se ajoelhou na grama do jardim, abraçou-se ao corpo do Frederico e ficou cochichando (rezando?) com o nariz grudado no focinho. Por fim, desatou a coleira e caminhou em direção à calçada como se estivesse segurando um chicote. Com certeza tinha ouvido a nossa conversa - e avisou que só voltaria depois de acertar as contas com o pai.

Salete alertou que poderia acontecer outra desgraça, coração de mãe não se engana, o melhor era esfriar a cabeça e providenciar o enterro. Mas o filho ignorou o apelo. Desesperada, ela trancou o cadeado do portão e guardou a chave no bolso. Como se isso pudesse deter o João! Quando ele começou a trepar no muro, decidi deixar a modéstia de lado e apostar no meu poder. Nunca tinha me atrevido a desafiar a natureza desse jeito, revertendo uma morte consumada, mas o que é que custava tentar? Fui até a sala e rabisquei no rodapé de uma conta de luz:

*Frederico não é gato, mas
também tem sete vidas. E
vai se levantar agora mesmo.*

No momento em que voltei ao jardim, Salete apontou para o cachorro e anunciou choramingando: "Ele mexeu o rabo!".

João já estava em cima do muro, pronto a pular na calçada, e quase perdeu o equilíbrio ao ver Frederico se espreguiçar, sacudir o pêlo úmido de sangue e sair correndo e latindo como se antes estivesse se fingindo de morto. Não é assim que fazem os cães adestrados?

De tão contente, o garoto esqueceu a vingança, jogou a coleira pra cima e rolou pela grama abraçado ao amigo.

Salete não sabia como me agradecer e me perguntou bem baixinho, sem querer abusar da minha paciência, se não seria possível despachar o ex-marido pra bem longe - de preferência, para o outro lado da Terra, numa montanha gelada da Sibéria ou quem sabe num mosteiro perdido no Tibete. Fiquei de pensar no assunto e me despedi de João com um aceno. Ele queria me acompanhar, mas eu disse que seria arriscado deixar a Salete sozinha.

De um orelhão, liguei pra Leninha e soube que o Guto já tinha ido embora. E a Nina? Também. Só me restava, portanto, voltar pra casa.

Ao chegar à esquina da minha rua, vi um casalzinho encostado numa árvore. Não queria ser indiscreta, mas a árvore fica bem na frente do meu prédio e fui obrigada a passar ao lado. Só então percebi que a garota era ruiva e usava um tubinho preto.

As previsões de Salete não falharam: minha avó tinha encontrado a sua paixão vermelha! Nina estava tão concentrada no beijo que nem reparou na minha presença, como também não teria notado se uma fenda se abrisse no céu e uma nuvem de marimbondos extraterrestres invadissem o planeta. Já o garoto era mais arisco e com certeza beijava de olhos abertos, tanto que se escondeu atrás da árvore quando me avistou na calçada. Deu pra ver que ele usava casaco de couro, mas esse é o tipo da roupa que nunca sai de moda e poderia pertencer a qualquer cara - inclusive ao Guto, que tinha um igualzinho.

Talvez a minha suspeita fosse absurda, ciumenta e paranóica. Mas no fundo eu tinha certeza de que alguma coisa estava errada. E, pra descobrir a verdade, dei um tapinha nas costas da minha avó.

Nina se virou, assustada, passou a mão pelo bigode de batom e me perguntou por que eu tinha sumido. Eu disse que isso não vinha ao caso e pedi que me apresentasse o seu namorado secreto. O garoto continuava escondido atrás da árvore, mas foi puxado pelo braço e finalmente saiu da sombra.

Nesse instante, perdi boa parte das minhas ilusões adolescentes e acreditei que Salete estava com a razão: os homens só prestam pra trocar lâmpada e matar barata, e olhe lá! Se bem que alguns não passam de insetos nojentos que deveriam ser esmagados sob uma sola de sapato bem grossa.

Falando em justiça, como não condenar uma avó que rouba da neta o ex-futuro namorado? Confesso que tive vontade de arrancar o *piercing* da Nina - levando de brinde a sobranalha e o olho. Mas suspeitei de que ela era inocente quando fui apresentada ao seu Édipo: "Essa aqui, Luís, é a minha prima Joana".

Em vez de vomitar o coração despedaçado, estendi a mão e consegui perguntar: "Como vai, Guto?".

Minha avó virou-se para o traidor: "Como assim, *Guto*? Você não me falou que se chama Luís?". Ele não sabia o que dizer, mas eu tinha a resposta pronta. Expliquei que algumas garotas gostam do Luís, outras se encantam pelo Augusto e tem ainda o fã-clube do Guto; com dois nomes e um apelido, fica fácil triplicar a estatística das conquistas.

O medo de ser estrangulado (éramos duas contra um) botou o moleque pra correr. Minha avó não esperou que ele virasse a esquina pra resumir o roteiro da festa: Danyelle tinha jogado todo o seu charme pra chamar a atenção do Guto, mas foi pela ruiva de *piercing* na sobrancelha que ele se interessou. Os dois ficaram conversando na janela e dali a pouco estavam dançando. Quando ela disse que era minha prima, Luís Augusto se apresentou como vizinho da Leninha e revelou apenas o primeiro nome. Acabaram passando a noite inteira de papo. Na hora de ir embora, ele fez questão de acompanhar minha avó até em casa e foi aí que lhe arrancou o beijo.

A versão me pareceu razoável: Nina não podia adivinhar (o retrato que eu tinha lhe mostrado estava fora de foco) que Luís e Augusto eram o mesmo cafajeste. Só não concordo com o verbo arrancar; sem a colaboração da minha avó, o beijo não teria durado tanto!

Mas, pensando bem, não era hora de discutir por bobagem. Tão humilhada e ofendida quanto eu, Nina entrou em casa correndo e seguiu direto para o banheiro, esfregou a boca com bastante sabonete e foi para o quarto tirar o tubinho.

Um minuto mais tarde, ouvi a campainha e olhei para o relógio da sala. A gente tinha se esquecido de buscar o Xandi! Pensando que fosse a dona Nilza, mãe do Rafa, abri a porta sem tomar o cuidado de espiar pelo olho mágico.

"Mãe?! Mas a senhora não vinha no domingo?"

Ela entrou no apartamento cheia de malas e sacolas, largou a bagagem perto do corredor e disse que estava exausta. Depois de dois ou três copos d'água, deixou o corpo desabar no sofá e me respondeu que tinha antecipado a volta pra evitar um ataque de nervos. Parecia sufocada pra falar e começou reclamando da chuva, dois dias inteiros vendo televisão, jogando paciência e ouvindo meu pai chamá-la de Eva e dizer que se sentia no Paraíso.

Espera lá, eu não estava entendendo. Como é que uma dona de casa insegura, que não tinha empregada por ciúme, de uma hora pra outra ganha autoconfiança e se torna uma mulher independente? Quem é que vivia se queixando de que o marido nunca se lembrava do aniversário de casamento, não lhe dava mais beijo de boa-noite e só pensava em trabalho e futebol? No dia em que o coitado muda de atitude e cobre a mulher de elogios, ela tem uma crise de mau humor e não quer mais saber de romantismo?!

Minha mãe declarou que romantismo tem limite e, dependendo da dose, pode ficar pegajoso e até chato. Foi o que aconteceu no terceiro dia, quando o sol finalmente deu as caras. Ela acordou toda animada, botou o biquini novo de sereia e chamou meu pai pra ir à praia. Mas ele não queria abrir mão do ar-condicionado pra passar o dia debaixo de uma barraca, com a pele grudando de suor e areia, ouvindo o barulho monótono das ondas. Não seria melhor curtir a lua-de-mel no paraíso refrescante do quarto?

A sugestão transformou Eva numa cobra. Toalha enrolada na cintura, ela disse que não precisava de marido pra passear e saiu do quarto batendo a porta. Parou num quiosque à beira da praia, trocou o café cinco estrelas do hotel por um espetinho de camarão suspeito e ergueu a lata de cerveja num brinde solitário à liberdade.

Meu pai apareceu logo em seguida, sacudindo uma camiseta branca, mas minha mãe ignorou o pedido de paz e ainda debochou do calção de banho dele - o mesmo que tinha usado na primeira lua-de-mel. A diferença era o diâmetro da barriga. Ele insistiu em passar protetor solar nas costas da Eva e aproveitou pra fazer uma massagem. Acabou provocando cócegas e mais uma rodada de discussão.

Depois do almoço, minha mãe se trancou no quarto e meu pai foi dar uma volta. Dizem que na Bahia o carnaval dura o ano todo, por isso ela não estranhou quando um trio elétrico acionou as turbinas bem na frente do hotel. Mas o único folião de Porto Seguro, naquele momento, era um dentista chamado Nelson. Apesar da barriga, ele não sentiu o menor pudor de se fantasiar de Adão, amarrando umas folhas de alface entre as pernas e enrolando no pescoço uma cobra de plástico. Foi com essa fantasia mínima que trepou no alto do trio, no meio de uma banda de axé que incluía guitarra, violino, tuba, berimbau, frigideira e colher.

Ao ver a minha mãe na sacada, meu pai pegou o microfone e deu início à cantoria. As janelas do hotel pareciam camarotes de turistas, quase todos aplaudindo a serenata elétrica e torcendo pelo amor do Adão barrigudo. A única que não estava se divertindo era minha mãe: ela morreu

de vergonha da homenagem, que classificou de infantil, vulgar, escandalosa, exibicionista e desafinada. Enquanto ele cantava uma música antiga, trilha sonora dos primeiros meses de namoro, ela fechou a janela, arrumou as malas e abandonou o hotel pelos fundos.

Tomou o primeiro táxi e mandou tocar para o aeroporto.

Era essa a história, ponto final. Quando minha mãe se levantou, eu me plantei entre o sofá e a mesa e consegui barrar a passagem. Ela fez cara de espanto: "Quero ver o Xandi e a sua avó. Algum problema?". Informei que o meu irmão iria dormir na casa do Rafa. Quanto à vó Nina, bem, hum, quer dizer, ela já estava no sétimo sono e ficaria muito aborrecida se acordasse com a notícia de que a filha tinha brigado com o marido e voltado mais cedo da lua-de-mel.

Minha mãe me pediu pra sair da frente e prometeu que não faria barulho.

Agora? Eu precisava avisar a minha avó que ficasse quietinha na cama, cobrisse o cabelo vermelho com o lençol e fingisse que estava dormindo. Foi com esse objetivo que saí correndo em direção ao quarto dila, mas tropecei numa mala e caí bem em cima do braço.

Tentei movimentar os dedos - nem o mindinho me obedecia. E logo a mão esquerda, meu Deus, a única que sabe escrever.

O saco de gelo não me trouxe alívio: o jeito era seguir até o pronto-socorro pra fazer um raio X. Ou, como minha mãe costuma dizer, pra tirar uma chapa. Ela me perguntou que idéia era aquela de correr pela sala feito uma louca estabanaada. Será que não deu pra notar que tinha uma mala no meio do caminho?

Deixei escapar um ai teatral e não precisei dizer mais nada.

No hospital, a recepcionista me pediu que preenchesse uma ficha. Minha mãe perdeu a paciência: "Como é que a garota vai escrever, hein? Não vê que ela machucou o braço?". E deu um tapa no balcão da portaria, descarregando a raiva pelo fracasso da segunda lua-de-mel, pelo cansaço da viagem de última hora, por ter de enfrentar a sala de espera de um pronto-socorro em vez de estar debaixo de uma ducha.

Sem saber como lidar com o *stress* da minha mãe, a funcionária fez sinal pra um rapaz de branco que estava saindo do corredor. Ele se aproximou com um sorriso profissional e perguntou se podia ajudar. Minha mãe achou que estava falando com um enfermeiro e respondeu sem levantar os olhos: "Pode, sim, eu preciso de um médico. Quer dizer, a minha filha precisa". Talvez ela precisasse mais do que eu, mas não havia nenhum psiquiatra de plantão.

No crachá pendurado no jaleco do rapaz, bem na altura dos meus olhos, descobri que ele se chamava Dr. Adão e, por coincidência, era ortopedista. Tive de me controlar pra não dar uma risada; o que me salvou foi a dor. Minha mãe se deu conta do mico, pediu um milhão de desculpas e ficou procurando uma lixeira onde pudesse enfiar a cara.

Enquanto ela preenchia a ficha, fui levada à sala de raio X e avisei que não queria saber de gesso. Dr. Adão pendurou a radiografia azul num painel luminoso e apontou com o *laser* da caneta: "Tá vendo essa manchinha aqui? Foi só uma fissura, o osso não se partiu. Mas é preciso imobilizar, sim senhora. Duas semanas com braço de estátua".

Piada de médico, em geral, não tem graça; pelo menos, para os pacientes. Com um fio de aranha de esperança, perguntei se o gesso terminaria no punho ou se a mão também ficaria imobilizada. Dr. Adão torceu o nariz e me disse que infelizmente... Aí fui eu que perdi a paciência e criei uma desculpa de última hora pra tentar manter os dedos livres: "Esta semana, tenho prova de Francês. Como é que eu vou me arranjar?".

Não era exatamente uma mentira, mas também não chegava a ser verdade: o que eu tinha era apenas um teste, que podia ser feito em equipe e não me obrigaria a escrever. Dr. Adão procurou me tranquilizar: apresentando um atestado na escola, eu estaria dispensada da prova. Minha mãe assistiu à mumificação e comentou que a luva de gesso me fazia parecer uma esquimó. Dr. Adão riu por cortesia; piada de mãe também não tem graça. Terminado o serviço, ele elogiou a minha preocupação com os estudos, fez o atestado prometido e largou a caneta em cima da mesa.

Eis a minha chance!

Aproveitei que o médico estava distraído, explicando à minha mãe que não houve fratura, e resolvi testar a habilidade da minha mão direita e analfabeta. Por causa da pressa e da falta de treino, a letra saiu um horror. Mas mesmo assim consegui escrever, no verso do atestado, os seguintes garranchos:

NINA DEIXA DE SER
MENINA E VOLTA À

TERCEIRA IDADE.

Guardei o atestado no bolso e fiz uma figa tão forte que quase destronquei os dedos da outra mão.

Na saída do hospital, minha mãe examinou as olheiras no espelho retrovisor do carro e concluiu que estava precisando com urgência tomar um banho quente, sentir o carinho de uma toalha felpuda e se afogar na cama até as duas da tarde do dia seguinte. Mas esse luxo teve de ser adiado. Quando botou os pés em casa, ouviu um ronco familiar e resmungou que não merecia aquela surpresa: meu pai estava esparramado no sofá, dormindo com a cabeça apoiada numa mala.

Sugeri a minha mãe que fosse para o banheiro e tomasse a sua ducha tranquilamente. Ela renegou a idéia e me disse que não conseguiria relaxar um único músculo sabendo que meu pai tinha chegado de viagem. Com certeza ele iria lhe perguntar o que leva uma mulher a abandonar a lua-de-mel sem deixar uma carta, um bilhete, uma palavra. Sentia-se exausta demais pra discutir a relação e, àquela hora, só se animava a abrir a boca pra tomar um chazinho de camomila.

Talvez meu pai estivesse fingindo, porque de repente se levantou do sofá e avisou que não estava ali pra estragar o chá e muito menos pra discutir a relação. Tinha decidido voltar para o hotel, pelo menos provisoriamente, mas antes queria dar um beijo nas crianças e só por isso passou no apartamento. Encontrou a sogra dormindo no quarto, com a cabeça escondida sob o travesseiro, e imaginou que a mulher tivesse saído com os filhos. Resolveu esperar um pouco e acabou cochilando.

Pode ser que estivesse com saudade dos filhos, mas nem sequer olhou pra mim. Só se lembrou de que era pai (do Xandi) quando minha mãe contou que estava vindo do hospital: "O que é que esse moleque aprontou? Não me diga que ele arrebitou a testa de novo?".

Minha explicou que Xandi estava dormindo na casa do Rafa; a moleca, dessa vez, era eu.

Meu pai ficou da cor do gesso e me metralhou de perguntas. Quando falei do tropeção na mala, ele balançou a cabeça e resmungou que nada daquilo teria acontecido se minha mãe não tivesse fugido da lua-de-mel. Ela não deixou por menos: "Por acaso você tá insinuando que a Joana quebrou o braço por minha culpa?".

Aproveitei o bate-boca pra correr ao quarto da vó Nina. Girei a maçaneta: a porta trancada. Bati uma porção de vezes, mas ela só teve coragem de abrir depois de reconhecer a minha voz. Quase morri de decepção ao descobrir que minha avó continuava empacada na adolescência: além de analfabeta, a minha mão direita não tinha poder. Nina também levou susto com o meu braço engessado. Sabendo que sou canhota, ela sugeriu que eu usasse a outra mão pra escrever qualquer coisa e devolver-lhe a aparência de velha. Eu disse que não adiantava e mostrei a frase no verso do atestado.

A última esperança era o computador.

Pedi a Nina que continuasse na cama, com o rosto escondido debaixo do lençol, mas ela estava tão aflita que deixou de lado o bom senso e me seguiu até o meu quarto.

A lesma do micro demorou quase um século pra dar sinal de vida. Quando consegui acessar o *Word*, batuquei com a ponta do polegar engessado a mesma frase do atestado médico: *Nina deixa de ser menina e volta à terceira idade*.

Minha avó estava na beira da minha cama, esperando a metamorfose de olhos fechados, mas não envelheceu uma única ruga. Desanimada, cruzou os braços e se debruçou na impressora. Sim, a impressora! De repente, eu me lembrei de alguns autores dinossauros que torcem o nariz para a Internet e acreditam que as palavras exigem papel e tinta pra encarnar todo o seu sentido, do contrário ficam penduradas na tela do computador como fantasias no cabide. Sempre achei que esse papo era desculpa de quem tem medo de encarar a tecnologia, mas por via das dúvidas imprimi a frase que tinha acabado de digitar - e todas as outras que inventei em seguida:

Vó Nina vira uma senhora. As espinhas de adolescente se transformam em rugas de velha. Em apenas 5 segundos, minha avó envelhece mais de 50 anos. Pra ser mais exata, 57.

Nada disso deu resultado. Gastei todo o papel disponível e ainda travei a impressora, que levou meia dúzia de tapas para ver se aprendia a trabalhar sob pressão. Vó Nina procurou me acalmar, alegando que daquele jeito eu quebraria a máquina e o gesso. Talvez ela estivesse com a razão, mas eu não estava a fim de conselho e respondi, sem parar de esmurrar a impressora, que destruir objetos era uma ótima terapia pra descarregar a raiva, dane-se o prejuízo! A gente

começou a discutir e nem notou que meu pai tinha ido embora.

Após tantos contratempos, minha mãe finalmente teria a chance de tomar a sua merecida ducha. Mas com certeza ouviu o meu protesto e entrou no meu quarto sem pedir licença. Quando viu que eu tinha companhia, ela comentou que, engraçado, parece que já conhecia aquele rosto, só não lembrava de onde. E ficou esperando que eu lhe apresentasse a minha amiga.

Eu poderia criar um novo nome pra minha avó e dizer que ela era uma vizinha, uma colega da sala, uma menina de rua que resolvi abrigar por uma noite. Mas achei que era tarde demais pra escapar do flagrante.

Sentei na cama, ao lado de Nina, e confessei a verdade: "Pode parecer loucura, mas essa é a minha avó. Ela fez uma viagem no tempo e virou adolescente outra vez".

Beijo na teoria e na prática.

Minha mãe levou uma boa meia hora pra engolir a novidade. Enquanto ela tomava o seu calmante com um copo de suco de maracujá duplo, abri a parte de cima do armário e peguei um álbum de retratos. As poucas fotos da minha avó (primeira comunhão, formatura no ginásio, baile de debutantes) mostravam uma garota idêntica à Nina - apenas os cabelos não eram vermelhos nem havia *piercing* na sobrancelha. A semelhança acabou convencendo minha mãe, embora ela não se sentisse à vontade no papel de mulher mais velha da casa.

Mais difícil foi explicar que vó Nina tinha voltado à adolescência por obra e graça da minha literatura. O copo de suco ainda tremia na mão da minha mãe quando contei que as minhas palavras saem do papel e se tornam objetos vivos - desde que eu escreva com a mão esquerda. É por isso que o gesso tinha imobilizado o meu poder.

Toda professora sabe que os livros têm força pra mudar o mundo, mas minha mãe falou que essa mudança não poderia ocorrer assim, de uma hora pra outra, dependendo da inspiração e dos caprichos de uma escritora que trata as pessoas como meras personagens. Senti na sua opinião uma golfada de censura e me apressei em explicar que não pretendo manipular ninguém. Foi com a melhor das intenções que ressuscitei um cachorro, tirei minha avó da cama e tentei livrar a família de um divórcio. Pensei que tantas proezas me renderiam elogios, mas minha mãe não gostou de saber que eu também era a responsável pelo romantismo pegajoso do meu pai.

Ué! Não foi ela mesma quem me pediu pra salvar o seu casamento?

Na manhã seguinte, fui ao apartamento do Rafa pra buscar o Xandi. Meu irmão entrou em casa com os braços estendidos e perguntou onde é que estava o presente dele. Minha mãe explicou que tinha chovido o tempo todo em Porto Seguro e quase não deu pra sair do hotel, mas o garoto começou a choramingar e só sossegou depois que ela ligou para o celular do meu pai e implorou que ele viesse conversar com o filho urgentemente, de homem pra homem. E, pelo amor de Deus, que não se esquecesse de comprar um presente.

Meu pai não apenas chegou a jato, como trouxe uma vara de pescar com molinete e ainda convidou o caçulinha a passar o dia num hotel-fazenda com pesque-e-pague. Quer dizer: para o birrento do Xandi, quase três metros de presente, e pra mim, que detesto escândalo, nem um centímetro de bijuteria. E depois dizem que os filhos mais velhos é que são paparicados! Fingi que não me importava com a injustiça e me consolei em pensar que passaria um dia inteiro livre do meu irmão.

Depois que eles foram embora, minha avó saiu do quarto e se ofereceu pra fazer o almoço. Minha mãe disse que sábado não era dia de lavar pratos e sugeriu um programa diferente: que tal um rodízio de massas com vinho e, pra completar o banquete, uma daquelas sobremesas cheias de metáforas calóricas, tipo floresta negra, pudim acetinado ou torta polvilhada com granizo de amêndoas? A simples leitura de um cardápio como esse faz qualquer um engordar, mas minha mãe queria comer sem culpa e me encomendou uma frase, assim que eu tirasse o gesso, pra recuperar o seu corpinho de solteira.

Meu pai e Xandi tinham saído com o carro, por isso fomos para o *shopping* mais próximo de casa - justamente onde fica o estúdio do homem das cavernas. Ele estava plantado na porta, conversando com a assistente loura, e não perdeu a chance de puxar assunto: "E aí, garota? Sua avó conseguiu botar o *piercing*?"

Fiz um sinal pra Nina, esperando que ela contasse que tinha voltado no tempo e desse um nó na cabeça do troglodita. Mas minha avó disse apenas "muito prazer" e saiu andando sem olhar pra trás. Como se nunca tivesse entrado no estúdio!

Talvez o súbito ataque de amnésia fosse consequência do *stress*. Em menos de 24 horas, Nina tinha pendurado um *piercing* na sobrancelha, voltado a ser adolescente e beijado o aluno mais desejado da escola. Não era de admirar, portanto, que estivesse confusa. Mas como explicar o seu comportamento no restaurante? Em vez de provar as massas do rodízio, Nina encheu o prato com *ketchup* e mostarda e tentou beber esse molho com canudinho. Minha mãe ficou um pouco espantada, mas achou que fosse só uma gracinha - coisa de adolescente.

Do restaurante, seguimos para o cinema e enfrentamos meia hora de fila pra assistir ao relançamento de um antigo filme de Joana d'Arc, com cópia remasterizada (seja lá o que isso significa). Desde que foi descoberto o diário secreto, a heroína tinha se transformado em capa de revista, álbum de figurinhas, *CD-ROM*, boneca com guarda-roupa completo e nome da personagem principal de uma minissérie. Hollywood não ficou indiferente à febre e já estava anunciando o lançamento, para o fim do ano, de uma superprodução milionária com o mesmo título da minha redação: *A Verdadeira História de Joana d'Arc*. Minha mãe comentou que meu nome deveria aparecer nos créditos, como co-roteirista, mas eu não estava com cabeça pra pensar em direitos autorais.

Posso dizer sem exagero, que assisti ao filme com um olho só. O outro estava pregado na minha avó, que derrubou no chão o saco de pipocas e dormiu do início ao fim. Dormir no cinema não tem nada de mais, mas ela só acordou depois de ser sacudida. Levantou-se com dificuldade, olhou as cadeiras vazias ao redor e perguntou que lugar era aquele, o que estava fazendo ali e quem tinha pendurado um brinco na sua sombrancelha.

Procurar quem, um geriatra? Ou hebiatra? Psiquiatra? Na dúvida, levamos minha avó pra casa. Ela chegou um pouco confusa, sem saber pra que lado ficava o próprio quarto, e teve de contar com a minha ajuda pra encontrar o caminho. Pouco depois, tocaram a campainha: Xandi de volta da pescaria, exibindo, orgulhoso, um saco plástico com meia dúzia de lambaris que pareciam sofrer de anorexia. Minha mãe foi obrigada a fritar os peixes. Apesar da nossa insistência, meu pai não aceitou o convite pra participar do banquete. Mas prometeu que no dia seguinte levaria os filhos pra almoçar.

O dia seguinte era um domingo. Pensei que dormiria até mais tarde... Quem me dera! Fui acordada pelo telefone. Leninha me disse que já estava cansada de me ligar, por que é que eu não conferia os recados da secretária eletrônica? Contei que tinha passado o sábado no *shopping*, mas ela me interrompeu pra informar que a minha prima não perdia tempo, hein! A festa inteirinha dançando com o Guto, que aliás nem olhou para as outras garotas.

Dany ficou com tanto ciúme que foi pra casa mais cedo.

Ser acordada pra ouvir fofoca? Em pleno domingo? Quando tive chance de falar, respondi que a vida sentimental do Luís Augusto era problema dele. E azar da minha avó, quer dizer, da minha prima, se tinha se envolvido com um cafajeste sem caráter. Leninha se assustou com a minha ira e garantiu que não queria me ofender, calma lá, só estava telefonando pra contar o que tinha rolado na festa. Agradei as notícias e me despedi com um bocejo.

Vó Nina dormiu a noite toda e tomou o café na cama. Ainda se sentia meio fraca e reclamava de dor nas juntas, mas pelo menos a memória voltou a funcionar. Não queria ser vista pelo neto e passou o dia todo no quarto, arrumando as gavetas da cômoda e folheando velhos álbuns de retratos. Minha mãe acabou concordando comigo: a crise de amnésia da véspera deve ter sido efeito do *stress*.

Na hora do almoço, o porteiro avisou, pelo interfone, que meu pai estava na portaria do prédio. Xandi entrou no carro reclamando que lambari frito tem gosto de careta e avisou que queria hambúrguer; de sobremesa, *sundae* com cobertura de caramelo. Eu andava com tédio de feijão e arroz e concordei com a sugestão do mano. Meu pai explicou que sanduíches não contêm os nutrientes adequados pra suprir as necessidades do organismo, batata frita aumenta o colesterol e sorvete cremoso provoca cárie. Além do mais, a nossa mãe detesta *fast-food* e não aprovaria aquele cardápio.

Mas como é que ela ficaria sabendo? Fizemos uma votação e derrotamos o meu pai democraticamente.

Foi preciso esperar algum tempo até conseguir uma mesa. Olhando à nossa volta, não encontrei muitas mulheres e concluí que boa parte daqueles caras eram separados e estavam cumprindo o dever de casa de almoçar com os filhos no domingo. O colesterol e as cáries não impediram meu pai de detonar um hambúrguer. Ele ainda não tinha terminado quando Xandi disparou, à queima-roupa, como se estivesse comentando um jogo de futebol ou a mudança do tempo:

"Você e a mamãe brigaram lá na Lua?".

Meu pai apontou para a boca cheia e ganhou uns segundos pra preparar uma explicação razoável. Finalmente, declarou que amava minha mãe, mas eles não estavam mais se entendendo e por isso ela resolveu, quer dizer, os dois resolveram dar um tempo. Quando Xandi perguntou quanto tempo, ele sorriu e olhou para os lados, na ilusão de que um daqueles pais de domingo lhe sopraria a resposta. Só que ninguém ofereceu socorro. Ele então foi obrigado a confessar que não sabia e baixou a cabeça, à espera de um interrogatório. Mas meu irmão se deu por satisfeito e pediu pra repetir o *sundae*.

Enquanto Xandi enfrentava a fila do caixa, orgulhosíssimo de se virar sozinho, meu pai tirou do bolso um pequeno embrulho e me entregou de presente. Eu disse que não precisava, mas adorei o colar de conchas. E, apesar de conhecer a loja da etiqueta, fingi acreditar que ele tinha trazido aquela lembrança da Bahia.

Tenho colegas que adoram escrever nas paredes do banheiro, nos muros de casas recém-pintadas e até mesmo nos troncos das árvores da escola. Mas nada é mais irresistível que um pedaço de gesso imaculado. Quando botei os pés na sala de aula, fui imediatamente cercada pela turma e me senti uma atriz de cinema que tinha faturado o Oscar; a diferença é que os fãs não vinham me pedir e sim me dar um autógrafo.

Não foi fácil chegar à minha carteira. Depois de muito empurra-empurra, os colegas se espremeram numa fila torta que atravessava a sala e terminava no corredor. O pouco espaço do gesso era disputado a golpes de caneta e lapiseira: quem estava mais atrás espetava as costas do pessoal da frente, que se virava pra discutir e acabava perdendo o lugar. O pior é que a fila não andava. Além da assinatura, a maioria fazia questão de acrescentar desenhos, poemas, piadas, ditados, charadas ou frases de pára-choque de caminhão. Sem contar que todos, sem exceção, repetiam a mesmíssima pergunta: "Como é que você quebrou o braço?". Eu deveria ter feito uma placa - TROPECEI NUMA MALA - e pendurado no pescoço.

A última da fila era Danyelle. O gesso já estava quase todo pichado quando ela se debruçou na minha carteira e, sem lugar pra escrevei; deu o recado em voz alta: "Você tem certeza de que tropeçou numa mala? Ou será que brigou com a sua prima porque ela ficou com o Guto?".

Tive de me controlar pra não usar o gesso como luva de boxe. Perdi alguns segundos com cara de *ah é*, mas logo me livreí da gagueira e falei que a minha prima podia ficar com quem bem entendesse, isso não me faria sair da festa mais cedo e ir pra casa chorar no travesseiro. Antes que Danyelle baixasse o nível, a professora Clarice entrou na sala e também fez questão de me dar um autógrafo.

Luís Augusto não se atreveu a chegar perto de mim, mas ganhou dois ou três parabéns machistas por ter sido o pivô da discussão.

Outro que não entrou na fila foi o João, ex-Júnior. Não encontrei a sua assinatura no gesso e fiquei preocupada com tanta tristeza: a aula inteira mordendo o lápis, queixo apoiado nas mãos e olhos perdidos na janela. No intervalo, fui falar com ele e perguntei se o pai tinha voltado.

João me respondeu que não, ainda não, mas com certeza iria aparecer, e dessa vez seria diferente. Não entendi. Diferente como? Não me respondeu. Implorei que esfriasse a cabeça, olha lá, não valia a pena estragar a vida por causa de um... enfim, por causa de ninguém. Pra distrair o João, estendi o braço quebrado e pedi o seu autógrafo. O gesso já estava azul-marinho, mas, procurando bem, ainda havia alguns caminhos inexplorados. O teimoso alegou que a sua letra era feia e mostrou um sorriso sem graça. Tive de insistir demais pra que concordasse em pegar a caneta. Ao contrário dos colegas, não escreveu nenhum recado; somente o seu novo nome, e mesmo assim em letra de forma.

Sem poder escrever com a mão esquerda, precisava tirar xerox da matéria, então à tarde passei na casa da Leninha pra buscar uns cadernos. Ela foi comigo até uma copiadora no centro, a mais barata da cidade, e no caminho me contou que estava de olho no Marcelo, o representante da turma; parece que o sonho da minha amiga era virar primeira-dama!

Debruçada no balcão, perto da/máquina, eu me sentia hipnotizada pela luz verde e repetitiva que varre o papel de um lado para o outro. Logo, meus olhos começaram a arder e me obrigaram a virar pra rua. Foi então que avistei, parado no sinal, o carro do pai da Leninha. Não reconheci a loura ao lado dele, mas com certeza era mais nova que a Sueli - bem mais nova! A garota tirou os óculos escuros e quase sufocou o cafajeste com um beijo de língua. Aliás, mais de dentes que de língua.

Se eu tivesse algum poder na mão direita, bastaria escrever que o sinal abriu e o carro sumiria

da nossa frente. Mas, com o braço engessado, não havia muito o que fazer. Como evitar que Leninha flagrasse aquela cena e descobrisse que o pai era um mentiroso-judas-mulhe-rengo-com-dupla-personalidade-tarado-por-louras-falsificadas?

Procurei desviar a atenção da minha amiga, folheando um caderno em cima do balcão e perguntando se aquele texto cairia na prova. Não adiantou. Ela já tinha visto o carro do pai e apontou na direção da rua: "Tá vendo aquele cara? Lá, ó. Beijando a loura?".

Pensei que fosse aprontar um berreiro, dar um chute na mochila, sair correndo até a rua e esmurrar o capo. Mas não houve escândalo. Em vez de ficar ofendida, ela soltou uma gargalhada. E chegou à seguinte conclusão: "Tão parecido com o meu pai que levei um susto. Coincidência, né? Até a cor do carro é igual".

A cegueira de Leninha me deixou revoltada, mas decidi conter o meu ímpeto feminista. Se ela queria viver desse jeito, no mundo encantado dos contos de fadas, eu não tinha o direito de transformar o seu pai num sapo. Falei que essas coincidências acontecem e separei o dinheiro pra pagar o xerox.

Nina passou a semana no quarto, escondida debaixo das cobertas pra não ser vista pelo meu irmão: o garoto poderia ficar confuso e até traumatizado se desconfiasse de que tinha uma avó em plena adolescência. Mas isso era só uma desculpa pra não se levantar da cama. Durante a tarde, quando Xandi estava na escola, ela também não tinha ânimo pra nada. Ir ao banheiro era uma maratona que cumpria com dificuldade, usando móveis e paredes como muletas e reclamando de falta de ar, dor de cabeça e vertigem. Se a gente puxava assunto, ela respondia. Só não esticava conversa. Quer assistir televisão? Pode ser. Um chazinho com torrada? Tô sem fome. Cortina aberta ou fechada? Tanto faz.

Minha mãe não aguentou ver Nina definhando e achou que era hora de procurar um médico. Não, eu não gostei da idéia. Depois de marcar a consulta, seria preciso fazer exames, aguardar o resultado, voltar ao consultório, pegar a receita e só então testar os remédios. Eu tinha uma solução bem mais prática: no fim da semana, quando tirasse o gesso, escreveria uma frase pra turbinar minha avó e transformá-la numa triatleta.

Acabei convencendo minha mãe a tratar Nina com analgésicos. A propósito, o frasco estava no fim.

Em condições normais de temperatura e pressão, como diz o Ozônio, eu não levaria mais que cinco minutos pra chegar à farmácia mais próxima. Mas vi o Guto parado na calçada e me senti como se todo o corpo, não apenas o braço, estivesse engessado. Também tive falta de ar, dor de cabeça e vertigem - além de plagiar os sintomas da Nina, resolvi me fazer de míope e rapidamente atravessei a rua.

Logo em seguida, ganhei um tapinha nas costas e virei uma jaguatirica: "Será que dá pra me deixar em paz?". Guto botou as mãos na cabeça, querendo mostrar que estava desarmado, e disse que a gente precisava conversar. Continuei andando, cada vez mais depressa, mas ele tem as pernas compridas e me acompanhou sem esforço até a farmácia.

Enquanto eu conversava com o vendedor, Guto pegou uma caneta no balcão e começou a escrever no meu gesso. O recado era curto - *Eu pisei na bola. Me desculpa.* - e não me comoveu nem um pouco. Fiz uma careta de desprezo, enfrentei a fila do caixa assobiando e voltei pra casa batucando no embrulho.

Guto veio atrás de mim e disse que estava arrependido, que eu era a maior gata da sala e que até morreria na fogueira no meu lugar se eu fosse a verdadeira Joana d'Arc. Chegando à porta do prédio, tentou uma última cartada: só tinha ficado com a Nina, na noite da festa, porque ela era parecida comigo.

Não vou negar que gostei dos elogios, meu ego estava meio empenado e relaxou com a massagem. Mas a desculpa que ele inventou pra ter dado em cima da minha avó... era como se quisesse transformar a traição numa declaração de amor às avessas! Mais orgulhosa que carente, deixei o garoto falando sozinho e subi a rampa da portaria. Aliás, comecei a subir. Guto agarrou a minha mão e me puxou devagar, com os braços mas também com os olhos, principalmente com os olhos. A gente foi ficando cada vez mais perto e de repente não havia mais como escapar.

Tudo bem, eu estou exagerando. Se quisesse, poderia ter virado as costas e entrado correndo no prédio. Mas não tenho hormônios de barata. Eu estava magoada com o Guto e não queria mais saber de namorar um cara que poderia me trocar por qualquer uma, até mesmo pela minha avó. Por outro lado, fiquei supercuriosa pra descobrir se ele beija tão bem como se comenta na escola. E aquela era a minha única e última oportunidade - como também diz o

professor de Biologia - de ver como a teoria se comporta na prática.

A experiência, infelizmente, não deu certo. Ou felizmente. Guto me beijou com competência, sem me espremer os lábios nem me arranhar com os dentes, e ainda teve a delicadeza de não usar a mão boba. Mas parece que faltou alguma coisa... como explicar? Fica fácil de entender quando se pensa num filme. Às vezes a história é boa, os atores fazem coleção de Oscar, as cenas se sucedem num ritmo que combina suspense e humor - e, apesar de todos esses ingredientes, mais a pipoca com manteiga escorrendo, a gente sai do cinema sem conseguir se emocionar. Foi mais ou menos isso o que senti no momento em que abri os olhos. Numa palavra: nada.

Depois de passar a mão no meu cabelo, Guto sorriu de lado e me perguntou quando é que a gente poderia sair. Não gaguejei pra responder: "Nunca". E entrei no prédio com a certeza do dever cumprido!

Pinguei as gotas de analgésico num copo d'água e segui até o quarto da minha avó. Enquanto ela tomava o remédio, mostrei o pedido de perdão no gesso e tentei descrever a morna sensação de receber um beijo técnico.

Nina me ouviu em silêncio e chegou a uma conclusão: eu tinha beijado a pessoa errada. Pensei que fosse me dar uma lição de grafologia, mas ela disse que o óbvio não precisa de explicação. Qualquer um podia perceber, só de olhar para a letra do Guto, que ele não era o autor dos bilhetes anônimos.

Último desejo

Não vejo a hora de escrever com a mão esquerda, usando a minha literatura de auto-ajuda pra resolver alguns problemas urgentes. Preciso descobrir, por exemplo, quem é o meu admirador secreto; ficar menstruada e provar a TPM; bancar o Cupido com os meus pais; dar um jeito de despachar o ex-marido da Salete para o fim do mundo; e, é claro, fazer uma redação que livre minha avó da adolescência e principalmente da cama. A personagem Nina terá a aparência de uma senhora saudável e ativa, dessas que a gente costuma ver nas manhãs de domingo, de moletom e viseira, fazendo caminhada em volta da lagoa ou carregando cartazes nas passeatas pelo desarmamento.

Falei sobre essa redação com Nina, mas ela não mostrou o menor interesse e, pela terceira ou quarta vez, me perguntou como foi que quebrei o braço. Essas panes de memória estavam se tornando cada vez mais frequentes - era como se minha avó só envelhecesse por dentro. Contei que tinha tropeçado numa mala na noite em que minha mãe chegou de Porto Seguro, lembra?

Não, ela não se lembrava de nada - nem da segunda lua-de-mel dos meus pais nem da festa na casa da Leninha nem do beijo que ganhou do Guto nem do significado da palavra *piercing*. O que restava da memória chegava de um passado distante e nublado, que misturava primas e vizinhas com colegas do internato e reduzia as freiras a bonecas de pano que mereciam uma surra pra deixarem de ser malcriadas.

No meio de uma dessas histórias, ouvi a minha mãe entrar em casa e mandar o Xandi tirar os tênis sujos de barro e seguir direto e reto para o banho. Meu irmão, como sempre, não obedeceu. Chutando o bagaço da sua mochila, ele invadiu o quarto da Nina antes que eu tivesse tempo de fechar a porta. E exigiu uma satisfação: o que é que aquela garota de cabelo vermelho estava fazendo no lugar da nossa avó?

Eu não sabia o que dizer e baixei a cabeça. Minha mãe entrou correndo no quarto e falou com o Xandi que ele não tinha nada o que fazer ali, ainda mais com os tênis imundos, já pra debaixo do chuveiro.

Meu irmão ignorou a bronca e perguntou se a vó Nina tinha morrido. Foi ela própria quem respondeu: "Não, filho. Ainda não".

A memória voltou a funcionar, mas parece que tinha perdido o juízo. Em vez de esconder o rosto, como vinha fazendo durante dias pra não assustar o garoto, ela afastou as cobertas e estendeu os braços. Xandi entendeu que o gesto era um convite e se aproximou, desconfiado. Sentou na beira da cama, passou o dedo na sobrelanceira da Nina e perguntou se a argolinha doía. Minha avó garantiu que não, só sentia um pouco de coceira. E, às vezes, formigamento, um tipo de cosquinha que não tem graça. Os dois riram e ficaram se olhando, em silêncio, até que ela tomou coragem de confessar a sua verdadeira identidade. Tinha se transformado numa garota por causa de uma... Na falta de palavra melhor, inventou que era vítima de bruxaria:

estava com aquele corpo de adolescente por causa de umas palavras enfeitiçadas, mas no fim da semana tudo seria como antes e ela voltaria a se parecer com a velha vó Nina de sempre. Minha mãe ficou preocupada com a reação do Xandi e tentou se meter na conversa, mas meu irmão estava acostumado com a realidade virtual dos jogos eletrônicos e não teve dificuldade pra aceitar a metamorfose da avó como um fenômeno comum, quase banal, que acontece no dia-a-dia dos heróis e podia perfeitamente se repetir do lado de cá da tela.

Pra terminar, Nina falou que aquela história deveria ficar só entre os dois, ou entre nós quatro, pois não é todo mundo que acredita em magia. Xandi concordou com um sorriso cúmplice e foi tomar o seu banho.

Tão logo ele saiu do quarto, vó Nina se virou para a parede e começou a descascar a tinta com as unhas. Aproveitei a deixa pra matar uma curiosidade: será que entre tantos rabiscos não se escondia algum desenho?

Ela estranhou a pergunta e disse que não sabia desenhar. Só estava cavando, nada mais.

Chegou o dia de tirar o torturante gesso, que suspendeu os poderes da minha literatura e me castigou de coceira e calor por duas semanas eternas.

Minha mãe se ofereceu pra me acompanhar, mas eu podia me virar sozinha, e da escola fui direto para o hospital. A recepcionista me pediu pra sentar e esperar, no momento o Dr. Adão estava atendendo uma emergência; descobri que era mentira uns dez ou quinze minutos depois, quando o próprio apareceu na portaria com um palito na boca. Olhando para as pichações do meu gesso, ele comentou que eu devia ter um fã-clubes muito grande e me levou até o ambulatório vazio.

As enfermeiras, pelo visto, ainda estavam almoçando. Dr. Adão protestou com um suspiro de desânimo e encarregou-se de cortar o gesso com uma serra giratória estridente - por um instante, cheguei a pensar que teria o braço amputado.

Fui convidada a tirar uma nova radiografia, que ele examinou com o orgulho de quem realizou uma obra-prima. Aquelas manchas, pra mim, eram grego, mas eu disse que tinha adorado e me sentia uma *top model*.

Por falar em Grécia, quem é que eu encontro ao sair do hospital?

Ele mesmo, o professor Apolo. Com certeza, vinha da biblioteca da escola, pois carregava uma pilha de livros que começava na altura do umbigo e era escorada pelo queixo. Quando acenei com a mão esquerda, mostrando que estava livre do gesso, ele se sentiu na obrigação de fazer o mesmo, e a pilha desabou na calçada.

Às vezes, Apolo age como um deus severo e implacável, expulsando da sala os engraçadinhos que se atrevem a cochichar na hora da explicação. Mas naquela tarde ele estava de bom humor. Após admitir que era um grande desastrado, falou que devia ter trazido um carrinho de mão e me pediu ajuda pra recolher os livros. Ficamos agachados, um ao lado do outro, o que me permitiu saborear um levíssimo aroma de loção pós-barba. Ou seria o seu hálito divino? O perfume me deixou um pouco aérea, por isso não consegui ler todos os títulos. A maioria era sobre Joana d'Arc, antigas biografias que não correspondem mais à verdade e de uma hora pra outra se transformaram em ficção.

Apolo teimava em transportar tudo sozinho, mas eu ignorei o seu conselho de não forçar a mão esquerda. Abraçada a uma pilha de livros, caminhei até a esquina e logo comecei a ficar ofegante: além do peso dos tijolos de História, ainda tinha de aguentar a mochila, que naquele dia estava recheada com a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, o dicionário de Francês e o *Atlas Geográfico*. A coluna vertebral pedia socorro e ameaçava estalar, mas o coração batia leve e queria conversa. Enquanto na sala de aula o professor era obrigado a seguir a apostila, ali na rua a gente podia falar sobre o que bem entendesse, como velhos amigos que não se vêem há muito tempo e decidem botar a fofoca em dia. Assunto não faltou: ecologia, clonagem, terrorismo, drogas, silicone e cinema. Sabendo que não seria avaliada, eu podia soltar a língua sem medo de deixar escapulir abobrinhas.

Não levei mais que dois quarteirões pra esquecer o peso dos livros. De vez em quando, olhava para os lados, na esperança de que alguma colega de sala (pela primeira vez na vida, tive vontade de encontrar a Danyelle) me visse na companhia de um deus e começasse a se descabelar, vítima de um ataque fulminante de inveja. Como era hora do almoço, as ruas estavam desertas. Ou quase. A calçada tinha espaço de sobra, mas um cara veio correndo por trás, me deu um esbarrão no braço e por pouco não derrubou a minha torre de livros. Apolo saiu em minha defesa: "Ei, moço! Preste atenção por onde anda". O infeliz nem respondeu. Em vez de pedir desculpas, esticou o dedo obsceno e acelerou o passo.

A mistura de raiva e vergonha (com uma pitada de impotência) transformou as bochechas do professor num tomate grego. Fingindo que tinha engolido o desaforo, ele me contou que morava logo adiante, do outro lado da praça. Foi aí que me deu um estalo: então ele era quase vizinho do João! Quando expliquei que estava falando do Júnior, Apolo confirmou com a cabeça e me contou que todo dia, a caminho da escola, passava em frente ao sobrado onde funciona o salão da "dona Salete".

O sobrado não fica longe da esquina e estava fervilhando de gente. Vi alguns homens com o pescoço esticado, mas as mulheres eram maioria. Freguesas? Pouco provável: o salão fecha pra almoço. Chegando mais perto, observei que muitas arrastavam chinelos, outras usavam avental, e tinha uma que parecia astronauta com aquele capacete de rolinhos. Os figurinos não deixavam dúvida: as vizinhas se espremiavam pra assistir a algum escândalo.

Não foi fácil abrir caminho na platéia, ainda mais equilibrando meio metro de livros.

A custo, consegui alcançar o muro e confirmei o mau pressentimento: João estava na varanda, segurando Frederico pela coleira, e ameaçava soltar o cachorro se o pai insistisse em invadir a casa. Eu só não podia imaginar que já conhecia o sujeito - o mesmo mal-educado que tinha acabado de me dar um esbarrão.

Com o braço no ombro do filho, Salete deu um ultimato ao ex-marido: um passo a mais, ela ligaria para a polícia. A ordem saiu trêmula e não fez efeito. O homem continuou avançando pelo jardim, pisoteou o canteiro de madressilvas e quebrou com um chute o duende de cerâmica que servia de suporte para o regador. Disse que não tinha medo de polícia nem de cachorro, a casa também era dele e ninguém iria impedir que entrasse.

Nesse momento, um estrondo fez todo mundo olhar pra trás. Depois de atirar os livros no chão, Apolo empurrou o portão e mandou o valentão dar o fora.

O silêncio alastrou-se entre as vizinhas, até o Frederico parou de latir. O pai do João parecia intimidado, mas nem assim perdeu a arrogância: "E quem é você pra me dar ordem?".

Era preciso uma resposta firme e convincente, algo que fizesse o ex-marido da Salete entender que ele não passava disso mesmo, um ex, portanto não tinha mais direito a nada. Ao ver mãe e filho na varanda, acuados contra a parede, Apolo ganhou coragem pra declarar ao bairro inteiro: "Eu e a dona... Quer dizer, a Salete e eu estamos saindo juntos. E não quero mais te ver por aqui, ouviu bem? Nunca mais!".

O teatro só seria completo com a participação da Salete. Fingindo que não estava surpresa, ela seguiu até o jardim e deu o braço a Apolo. Só assim o ex perdeu a pose e resolveu dar o fora.

Enquanto a multidão se dispersava, vi o Frederico sozinho na varanda e me perguntei: cadê o João?

Lá estava ele, na esquina, parado na frente do pai. A possibilidade de uma nova confusão deixou meu coração em pânico - só relaxei quando tive a certeza de que a conversa era civilizada. Deu pra notar, apesar da distância, que nenhum dos dois levantou o braço e muito menos a voz. O homem ouvia de cabeça baixa e praticamente não abriu a boca. Dizer o quê? Terminado o desabafo, João despediu-se com um aceno seco e veio andando na minha direção.

Deu vontade de escrever uma frase pra forçar um abraço, mas acabei chegando à conclusão de que não deveria me intrometer. O garoto precisava de tempo e espaço pra perdoar aquele estranho e deixar de tratá-lo como ex-pai. Quem sabe algum dia teria gosto de ser chamado outra vez de Júnior?

Talvez eu esteja exagerando no otimismo, mas havia alívio nos olhos do João quando ele se agachou a meu lado pra recolher os livros da calçada. Salete também parecia tranquila e agradeceu a Apolo "por tudo". Ele se apressou em pedir desculpa pela história do romance - não tinha encontrado outra maneira de despachar o intruso.

De repente, os dois perceberam que ainda estavam de braço dado - e se afastaram, sorrindo. Salete chamou o professor pra almoçar e perguntou se ele gostava de frango com quiabo. Não havia como recusar: era o seu prato favorito.

Parece que o noivo abandonado no altar tinha finalmente superado o trauma.

Também fui convidada para o almoço, mas tinha pressa de chegar em casa pra exercitar os meus poderes literários. Disse a Salete que precisava ir embora e dei um fora daqueles ao me despedir do professor: zozza por causa de tanta beleza, chamei o Paulo de Apolo. A minha sorte é que ele não notou. Ou, quem sabe, deixou passar.

Já estava de saída quando vi a mochila do João jogada na varanda e lembrei que tinha de copiar

a matéria do dia, especialmente os exercícios de Matemática: por causa de um aviãozinho de papel que aterrissou na mesa do professor, ele marcou um teste para o fim da semana. Pedi a João que me emprestasse os cadernos, à tardinha eu traria de volta. Ele sorriu, meio sem jeito, e repetiu a velha desculpa: sua letra era um hieróglifo que ninguém conseguia entender. Nem mesmo o autor.

Talvez eu não devesse insistir, afinal tem muita gente por aí que sente vergonha da própria letra. Mas alguma coisa me dizia que não era o caso do João. Conteí que sou fascinada pela civilização egípcia e teria o maior prazer em decifrar um hieróglifo. João coçou a cabeça e propôs uma alternativa: digitar a matéria no micro e me mandar o arquivo por *e-mail*.

A resistência me deixou ainda mais desconfiada e atíçou a minha imaginação. Será que entre as anotações se escondiam desenhos de mulher pelada? Piadas de mau gosto? Nomes das garotas mais bonitas da sala? Nota de cada uma? Curiosa pra descobrir a minha posição no *ranking*, falei que ele não precisava se dar ao trabalho de digitar coisa nenhuma. João ainda tentou escapulir, alegando que os exercícios de Matemática estavam incompletos e, além do mais, tinha se esquecido de anotar o gabarito.

Não me dei ao trabalho de discutir. Ao me ver com o braço estendido, ele desistiu de me enrolar e foi buscar os cadernos.

Quem mora em apartamento tem de contar com a ajuda do porteiro (e a paciência dos vizinhos) quando chega do supermercado e precisa subir com as compras pelo elevador. Pra resolver esse problema, o síndico convocou uma reunião extraordinária e propôs a compra de um carrinho de supermercado. Todo mundo aprovou a idéia, inclusive os condôminos da oposição, mas a novidade trouxe outro problema. Depois de entrar em casa e descarregar as compras, a maioria bota o carrinho vazio no elevador, aperta o botão "térreo" e, pelo interfone, pede ao porteiro pra estacionar a geringonça na garagem. Quase sempre seu Esteves está dormindo e, mesmo acordado, dificilmente entende o recado. O resultado é que o carrinho vive dentro do elevador, o dia todo subindo e descendo, e acaba provocando acidentes.

Foi exatamente isso o que aconteceu hoje à tarde. Aflita pra chegar em casa, passei direto pelo elevador social ("EM MANUTENÇÃO") e praticamente pulei dentro do de serviço. Se eu usasse mochila na frente, ela poderia ter servido de *air bag*. Mas não tenho vocação pra canguru e me esbarrachei contra a grade do carrinho.

A pancada atingiu o meu estômago vazio. Nunca tinha experimentado essa mistura explosiva de fome com dor, por isso voltei bufando à portaria e perguntei o nome do irresponsável, inconsequente e egoísta que tinha largado o carrinho no elevador. Seu Esteves piscou os olhos grudentos e disse que não podia garantir, a sua cabeça andava meio lerda, mas parece que tinha visto o seu Nelson chegar com umas compras.

Não havia nenhum Nelson naquele prédio - a não ser o meu pai. E meu pai não era exceção: como a maioria dos homens, ele tinha horror de frequentar supermercado. Ainda por cima, não morava mais lá em casa.

Respirei fundo, contei até 13 e conduzi o carrinho à garagem.

Por causa do sobe-e-desce das compras, o tapete do elevador estava sempre poluído com farelo de biscoito, poças de iogurte, latas de refri e cascas de frutas. A reunião de tais ingredientes, mais a poeira e o barro dos sapatos, cria um fedor de gaveta fermentada que nenhum desinfetante consegue remover. Mas dessa vez senti perfume de flores frescas e imaginei que seu Esteves tinha mudado a marca do desinfetante.

Curioso é que o cheiro ficou mais forte quando saí do elevador e botei os pés em casa: parecia que eu tinha errado o endereço e entrado numa floricultura. Havia rosas de todas as cores - brancas, amarelas, vermelhas, rosa, salmão, pérola, chá e champanhe - espalhadas em cima da mesa, do sofá e das poltronas, em volta do telefone e do som, entre os livros da estante e até mesmo no lustre. Seria impossível que aquele jardim coubesse no carrinho de compras; o elevador, com certeza, teve de fazer várias viagens.

A rosa que mais me chamou a atenção foi uma escura, de longe não dava pra saber se era natural ou tingida de anilina. Encontrei essa rosa na mão do meu pai, que estava no meio da sala, de joelhos, implorando à minha mãe que voltassem a viver juntos e felizes como Adão e Eva no Paraíso - e propondo uma terceira lua-de-mel.

Quando deu pela minha presença, ele abriu os braços e me pediu socorro.

Já tinha tentado de tudo pra conquistar o coração da minha mãe: Porto Seguro, serenata, flores... O que mais seria preciso pra provar o seu amor?

Minha mãe me arrastou até o meu quarto e me disse que tinha alergia a rosas e principalmente

a homens rastejantes; aquele romantismo era uma doença, e somente eu, com meus poderes literários, seria capaz de curar o meu pai e evitar que ele fosse parar num manicômio. Antes que ela obrigasse o coitado a engolir as rosas, uma por uma, com espinho e tudo, escrevi numa folha de caderno:

*Meu pai será o marido que sempre
foi. Basta de tanto romantismo!*

De volta à sala, minha mãe se surpreendeu com o efeito imediato do texto. Meu pai não estava mais ajoelhado nem segurava a rosa escura. Olhando ao redor, ele admitiu que tinha exagerado e se desculpou por ter transformado o apartamento num jardim. Sentia-se um tanto confuso e concluiu que morar num hotel, sozinho, talvez o ajudasse a colocar as idéias em ordem - desde que pudesse visitar os filhos à vontade.

Nenhum dos dois falou em reconciliação, mas também não houve um rompimento formal. Eles selaram o acordo com um sorriso murcho e ficaram um instante sem assunto. De repente, meu pai olhou para o relógio e lembrou que precisava voltar ao consultório. Mas antes, se fosse possível, queria dar uma espiada na vó Nina e saber se ela estava mesmo diferente, com cara de garota e cabelo vermelho, como o Xandi tinha lhe contado.

E depois são as mulheres que levam a fama de linguarudas!

Minha mãe garantiu que aquela era mais uma das maluquices do filho, com certeza ele tinha confundido a realidade com algum filme de monstro espacial. Falei que vó Nina costumava cochilar depois do almoço, mas meu pai insistia em ver a sogra e atravessou a sala pé ante pé, tomando o cuidado de não pisar nas rosas. Foi graças a essa demora que consegui chegar primeiro ao meu quarto e fazer o que deveria ter feito assim que saí do hospital. Na mesma folha de caderno, escrevi:

*Minha avó a partir de hoje,
aparenta a idade que tem. Nada
de cabelo pintado nem de piercing.*

Logo em seguida, meu pai entrou no quarto da vó Nina e encontrou uma velhinha de cabeça branca. Minha mãe comentou, aliviada, que televisão demais pode fazer mal: Xandi precisava parar de ver tanto desenho animado.

Depois que meu pai foi embora, coloquei a literatura à disposição da minha mãe. Não me custava nada escrever uma frase, ou talvez até um conto, pra que os dois entrassem em sintoma. Prometi que dessa vez eu tentaria construir um personagem mais equilibrado: nem aquele desleixado de antes, que passava o domingo vendo futebol na televisão e nunca se lembrava do aniversário de casamento, nem o romântico gosmento que acabou com o estoque de rosas da cidade.

Minha mãe agradeceu a minha boa vontade e disse que, como filha, eu tinha toda a razão em querer manter a família unida. Mas só no cinema seria possível encontrar o marido perfeito, que lembra a mulher com café na cama, não larga a toalha jogada no chão e jamais reclama do tempero do bife. Se pulasse da tela para as poltronas, esse príncipe encantado se tornaria um robô previsível ou cínico, que cumpre gentilezas mecanicamente e corre o risco de virar um chato.

O que ela estava querendo me dizer é que não dava pra viver ao lado de um simples personagem. Ou, talvez, de um personagem simples. Admitiu que gostava do meu pai e ainda tinha esperança de que tudo voltasse a ser como antes - se bem que, pra dizer a verdade, não sabia bem antes de quê. Às vezes, ficava se perguntando quando e por que o seu casamento desmoronou. E nunca descobriu a razão nem a data. Então, preferia esquecer o passado e esperar que no futuro, ou até no presente, eles voltassem a se entender. Mas isso tinha que acontecer naturalmente, sem nenhum empurrãozinho literário. Senão, qual a graça?

Fizemos um rápido silêncio, cada uma de olho nas próprias cutículas.

Quando minha mãe me perguntou como tirar aquele entulho da sala, rabisquei algumas palavras e as rosas sumiram - só deixei uma na minha mão.

Levei a rosa pra vó Nina, que fez um carinho nas pétalas e mergulhou o caule num copo d'água. Recostada na cabeceira da cama, ela se olhou no espelho oval e me disse que apreciava a sua imagem verdadeira. Vestir um corpo de adolescente tinha sido bastante divertido, mas sentia-se

mais à vontade como uma pacata senhora da terceira idade; ao contrário dos cravos e espinhas, ruga não dói nem é preciso espremer.

Expliquei que ela estava daquele jeito, parecendo uma velhinha, no diminutivo, por causa de uma frase que escrevi às pressas, pra evitar um flagrante - daria muito trabalho contar a meu pai que a sogra tinha virado adolescente. Mas prometi a vó Nina que faria uma redação pra atender a todos os seus desejos. Eu poderia esticar a sua pele, endireitar a coluna, corrigir a miopia, amputar os joanetes, implantar alguns dentes, fazer lipo, *lifting* e *peeling*, aplicar botox no rosto e até injetar silicone nos seios, por que não? Minhas palavras têm força pra realizar uma plástica completa, sem dor nem cicatriz nem sonda nem repouso nem dieta nem remédio nem hospital. E de graça!

Vó Nina não queria que eu perdesse tempo escrevendo sobre uma velha sem futuro. Aliás, uma velhinha. Se eu fizesse a tal redação, ela ficaria com o rosto esticado e poderia sorrir com todos os dentes. Mas e daí? Ainda não existe cirurgia plástica pra rejuvenescer as células. E o seu organismo, por baixo da pele, estava em estado de calamidade. Não dava mais pra confiar na bexiga, os ossos começavam a esfarelar, o sangue se arrastava como mingau e a memória funcionava quando bem entendia - tinha dia em que mal se lembrava do próprio nome. Nenhum autor, por mais brilhante, seria capaz de frear o tempo. E muito menos de mudar a lei natural da vida. Ou da morte.

Ah, não? Conte que tinha ressuscitado o Frederico, morto com um golpe de canivete, mas vó Nina não pareceu impressionada. Na sua opinião, o cachorro só reagiu ao meu texto porque devia ser jovem, com a vida toda pela proa. Acontece que ela pertencia a outra espécie e, mal comparando, considerava-se um animal em extinção. Nunca teve a pretensão de ser eterna ou de entrar para o livro dos recordes como a mulher mais idosa do mundo. Queria apenas continuar ali, no seu canto, envelhecendo em paz e aproveitando o que ainda lhe restava da memória.

Pra uma garota de 13 anos, não é fácil convencer os hormônios a obedecer a lei - ainda mais essa lei natural da vida, que não poupa ninguém nem admite exceção. Mas não posso transformar uma pessoa em personagem sem o consentimento dela.

Dei um beijo na testa da vó Nina e perguntei se queria um copo de suco ou talvez um chazinho de erva-doce. Não, obrigada, não estava com fome. Depois de se olhar mais uma vez no espelho, ela me confessou que sentia falta do cabelo vermelho e do *piercing* na sobrancelha. Ah, sim, também ficaria feliz se tivesse unhas bem compridas. Quem sabe se, no lugar da redação, eu escrevia um bilhete pra satisfazer essas pequenas vaidades?

Percebi que aquele era o seu último desejo e saí atrás de uma caneta.

Palavra de bruxa

Sentada na poltrona da sala, tirei da mochila os cadernos do João e folhee um por um, na esperança de desvendar algum segredo que ele só teria coragem de contar para o papel. Mas acho que os garotos não confiam em diários. O que havia nas últimas páginas eram quadrados pequenos de batalha naval e quadrados grandes de jogo da velha, a escalação do time de futsal da sala, o nome *Júnior* riscado com um x, uma caricatura cruel da diretora da escola (a verruga do nariz lembrava a ponta de um *iceberg*) e os telefones e *e-mails* de alguns colegas de classe, inclusive os meus. Nada, portanto, que merecesse manchete no boletim da escola.

Já estava prestes a largar os cadernos quando me lembrei de reparar na letra do João - e, como já desconfiava, não encontrei nenhum hieróglifo. Talvez por causa da pressa, ele nem sempre pingava o *i* e às vezes se esquecia de cortar o *t*. Mas o resto era perfeitamente claro e trazia um detalhe inconfundível: as consoantes mais pontudas se inclinavam para a direita, como se uma brisa empurrasse a caneta enquanto ele copiava a matéria.

Minha mãe me informou que o almoço estava pronto, mas continuei pregada na poltrona, olhando para o caderno do João e ouvindo a intuição me dizer que tinha acabado de descobrir a verdade.

O coração disparado abafou os roncos do estômago. Em vez de ir para a cozinha, voei até o meu quarto e mergulhei de cabeça no armário. Joguei para o alto meias e calcinhas e retirei da gaveta o envelope de seda onde guardo os bilhetes e poemas do meu admirador anônimo.

A letra inclinada era idêntica, quase nenhum *i* tinha pingo. Ah, meu Deus, como é que eu pude ser tão cega? E tão tonta! E tão burra!

Cansada de me xingar, fui até o quarto da minha avó. Detesto mexer com quem está dormindo, mas precisava dos conhecimentos de uma especialista em grafologia e não tive dó de cutucar o

seu ombro. Devo ter interrompido um sonho divertido, porque vó Nina acordou resmungando e quase me engoliu com o bocejo. Mas a preguiça desapareceu quando lhe contei a minha suspeita.

O diagnóstico da minha avó não deixava dúvida: o dono dos cadernos e o poeta anônimo eram a mesma pessoa! Quando assinou o meu gesso com letra de forma, João não queria que eu reconhecesse a sua caligrafia: a história dos hieróglifos não passava de desculpa pra esconder os cadernos e permanecer clandestino.

O mistério estava resolvido, mas eu não sabia o que fazer com a verdade. Vó Nina tinha a solução: "Por que você não vai falar com ele?".

Senti uma tremedeira nos joelhos e respondi que tinha medo de ficar vermelha, de me dar branco, de soltar alguma abobrinha. Vó Nina achou graça do meu pânico e explicou que eu não precisava seguir nenhum roteiro. Bastava confiar na minha língua: no momento certo, ela saberia exatamente o que dizer.

Achei o conselho esquisito, mas resolvi experimentar. Saí do quarto e do apartamento sem dar ouvidos ao protesto da minha mãe, que me seguiu até a porta e fez o seu velho discurso sobre os riscos da anorexia, aonde é que eu ia em jejum àquela hora da tarde?

O elevador chegou e tinha gente, por isso não pude esticar a resposta. Apenas pedi à minha mãe pra guardar o meu prato.

Pra evitar olhares e assobios, as janelas do salão da Salete quase sempre ficam fechadas. Mas dessa vez encontrei uma janela aberta e vi que quase todas as cabeleireiras, manicures, pedicures, massagistas e esteticistas estavam por conta de uma única freguesa. Seria rica? Famosa? *Socialite*? As funcionárias faziam tudo ao mesmo tempo: massageavam o couro cabeludo, podavam as cutículas das mãos, lixavam as solas dos pés, depilavam axilas e virilhas, clareavam os pêlos dos braços e lambuzavam o rosto da mulher com uma máscara de lama que cobria do pescoço à testa e só poupava os olhos, protegidos por duas rodela de batata, como se ela fosse uma coruja arregalada.

Nunca vi ninguém tão resistente. Os puxões da depiladora provocaram caretas e gemidos, mas a mulher aguentou tudo com paciência e só tirou as batatas dos olhos pra tomar um gole de café. Foi quando descobri que a freguesa não era bem uma freguesa - e sim a dona do salão.

Ao me ver na calçada, Salete pulou da cadeira, debruçou-se no parapeito da janela e me chamou com os dedos. Precisava me agradecer, em primeiro lugar, por ter acabado com o seu pesadelo; depois de tantos anos, finalmente sentia-se livre das ameaças do ex-marido. E tudo graças ao meu texto. Não sabia o que eu tinha escrito, mas com certeza eram palavras poderosas: o professor de História apareceu na hora certa e, com aquele papo de namoro, botou o outro pra correr.

Contei que tinha encontrado Paulo por acaso, a gente veio conversando pela rua e só passou na frente do salão porque ele mora por perto. Salete não acreditou. Aliás, nem sei se me ouviu.

Jurei que não havia texto nenhum, mas ela achou que eu estava sendo modesta e falou que ainda não tinha terminado.

Depois do frango com quiabo, os dois sentaram no sofá da sala e ficaram conversando e ouvindo som. Paulo também adora bossa-nova e, animado por uma taça de vinho, cantarolou com um fiapo de voz. Mesmo assim, ganhou aplausos da Salete e principalmente do João, que é louco pra aprender violão e vibrou ao saber que o professor tinha sido baixista de uma banda de garagem. Paulo aceitou mais uma taça de vinho e criou coragem, na hora de ir embora, de convidar Salete pra jantar.

Os olhos da minha amiga brilhavam sob a máscara de lama. Pra virar adolescente, só faltavam as espinhas! Quando ela me perguntou por que eu não parava de rir, falei a respeito de uma certa teoria segundo a qual os homens são todos iguais e só servem pra trocar lâmpada e matar barata.

Salete não deu o braço a torcer. Continuava achando que o sexo masculino é formado por répteis que não merecem confiança, mas admitiu que toda regra tem exceção. E, cá entre nós, não se pode desprezar uma exceção com cara de artista e corpo de atleta. Ainda por cima, que curte bossa-nova.

Uma funcionária apontou o relógio pendurado na parede do salão; se a patroa tinha a intenção de sair à noite, então era hora de voltar para a cadeira elétrica das freguesas. Salete me agradeceu mais uma vez por tudo e me beijou a mão esquerda.

Eu queria saber se João estava em casa, mas o zunzunzum do salão abafou a minha pergunta. O

jeito era descobrir por contra própria. Quando Salete cobriu os olhos com as rodelas de batata, entrei no jardim do sobrado e subi os degraus da varanda. Pelo caminho, eu tinha ensaiado algumas falas, mas todas as minhas idéias pareciam forçadas ou ridículas ou dramáticas. Decidi esvaziar a cabeça pra seguir o conselho da vó Nina: relaxar o corpo e confiar na língua.

Em câmera lenta, levantei o braço e estiquei o dedo ansioso. Antes que eu tocasse o botão da campainha, João abriu a porta e me perguntou se eu tinha decifrado os hieróglifos. Será que ele estava me esperando? Respondi que não havia hieróglifo nenhum, qualquer leitor podia entender a sua letra e era justamente pra falar sobre isso - tirei do bolso o envelope de seda - que eu estava ali.

João não negou a autoria dos bilhetes, mas justificou o anonimato dizendo que se recusava a assinar *Júnior*. Ficou um instante de olhos baixos e por fim confessou que, pra falar a verdade, não teve coragem de se identificar - nem mesmo depois que lhe dei o apelido de João. Achava que eu gostava de outro e que poderia, sei lá, me ofender.

Tanta sinceridade me deixou comovida - e completamente muda. Por mais que confiasse na língua, não achei nem um monossílabo pra traduzir o que sentia.

Era como se estivesse enxergando o João pela primeira vez. Enquanto ele tentava se explicar, prestei atenção na sua boca e notei que os lábios tremiam. A tensão dilatava as narinas e parecia espremer os olhos entre as sobrancelhas e as olheiras. Observando um pouco mais de perto, percebi que a franja comprida tapava as espinhas da testa e quase pude contar os fiapos do futuro bigode. Não havia nenhum traço especial naquele rosto, tipo covinha nas bochechas ou sorriso de creme dental, mas o conjunto tinha personalidade e podia ser considerado bonito. Ou, pelo menos, bonitinho.

João achou o meu olhar estranho, mas eu disse que não era nada e tirei a franja dele da testa. Ele não escondeu o alívio: "Quer dizer que você não ficou com raiva?". Fui obrigada a confessar que não; pelo contrário, os seus bilhetes eram muito inspirados e combinavam poesia com humor na dose certa.

O elogio reduziu a pó a inibição de João. Ele sabia que a minha literatura tinha o poder de transformar ficção em realidade (Salete lhe contou tudo no dia em que ressuscitei o Frederico) e concluiu que isso me permitia mandar no meu coração. Era só escrever uma frase - *Estou gostando do João* - e a gente ficaria quite.

Não há nada no mundo mais irresistível que declaração de amor de um tímido. Depois de me beijar de leve na testa, João passou para a bochecha, daí pulou para a ponta do nariz e só então criou coragem de arriscar a boca. Ele não tinha a técnica do Guto, muito menos a experiência, e quase me sufocou com tanta ansiedade. Mas isso não fez diferença. Eu também estava ofegante e adorei aquele beijo improvisado, mambembe e, em todos os sentidos, amador.

Fui a primeira a abrir os olhos e tive uma deliciosa surpresa: o garoto beijava de olhos fechados! A gente passou algum tempo em silêncio, sem saber o que dizer ou onde pôr as mãos, até que João voltou a me pedir pra escrever a tal frase. Eu disse que não precisava de literatura de auto-ajuda: meu coração já sabia o que fazer da vida.

Às vezes eu me sinto predestinada e divina, uma bruxa capaz de criar ou destruir com as palavras que joga no caldeirão. Mas nem tudo se resolve com bruxaria. Eu não tinha conseguido, por exemplo, salvar o casamento da minha mãe nem prolongar a adolescência da vó Nina. Por outro lado, não precisei usar a ficção pra livrar Salete do ex, evitar que Leninha visse o pai com a nova amante, descobrir o autor dos bilhetes anônimos e, de quebra, ganhar um namorado. Tudo isso se arranjou por conta própria e me fez entender que não é possível concorrer com as surpresas do dia-a-dia. Mesmo quando o meu texto funciona, o resultado é uma realidade apenas provisória, que mais cedo ou mais tarde vira bagunça e me obriga a produzir outro texto; este gera uma nova realidade, e assim indefinidamente. Não que eu esteja reclamando; afinal, foi graças a esse jogo de gato e rato que ganhei o primeiro beijo do João.

Abertas as janelas do ônibus, deixei o vento atrapalhar o cabelo e ouvi o coração latejando. A verdade é que eu estava inquieta e aflita - uma estranha sensação de formigamento na alma. Aos poucos, comecei a ficar irritada, senti um arrepio na nuca e lembrei que ainda não tinha almoçado. Essa irritação já durava alguns dias e, portanto, não podia ser fome. Sem entender o meu comportamento, desci do ônibus reclamando por ter recebido o troco em moedas, resmunguei ao ver seu Esteves dormindo na portaria e apertei mil vezes o botão do elevador encaçado no último andar.

Já era quase noite quando entrei em casa. No bico do pinguim da geladeira, havia um recado da minha mãe: *Fui buscar o Xandi na escola e não demoro. Seu almoço está dentro do microondas.*

O almoço, àquela hora, seria jantar. Só que eu não tinha mais fome. Uma pontada na bexiga me levou ao banheiro. O espelho mostrava uma imagem emburrada, mas esse mau humor durou pouco. Ao olhar para o fundo do vaso, vi que tinha feito xixi vermelho e me senti a garota... me senti a mulher mais poderosa do mundo. De agora em diante, eu podia me orgulhar de conhecer pessoalmente a TPM! Saí correndo até o quarto da vó Nina, que estava deitada de lado e esburacava a parede com o dedo. Ajoelhada à beira da cama, revelei a identidade do autor dos bilhetes, descrevi a sensação de um beijo amador e contei que precisava ir até a farmácia pra comprar um absorvente íntimo, meu grande sonho de consumo! A pacata senhora da terceira idade mostrou um sorriso manso, mas distante. Será que estava me ouvindo? Olhei através da janela e vi a noite chegando; a Lua cheia brilhava nas unhas enormes que eu tinha dado à minha avó de presente. Ela se virou para a parede e recomeçou a cavar.

FIM!!!!!!!!!!!!!!

Créditos:

Comunidade Digitalizações de Livros (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232>)
Comunidade Índice Geral- E-books (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=38537412>)
Fórum Leitura Livre (<http://leituralivre.forumeiros.com/index.htm>)